



# **BIBLIOTECA ESCOLAR E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

**Rovilson José da Silva**  
(Organização)









**Rovilson José da Silva  
(Organizador)**

**Biblioteca Escolar e a  
Extensão Universitária**

**ABECIN  
São Paulo  
2019**

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
(ABECIN)**

Copyright © 2019 ABECIN Editora

Coleção Estudos ABECIN; 08

ISBN: 978-85-98291-17-8

**COMISSÃO EDITORIAL EDITORA ABECIN**

Célia Regina Simonetti Barbalho

Daniela F. A. de Oliveira Spudeit

Daniela Pereira dos Reis

Franciele Marques Redigolo

Gabriela Belmont de Farias

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Henry Poncio Cruz de Oliveira

João de Melo Maricato

Jonathas Luis Carvalho Silva

José Fernando Modesto da Silva

Marta Lígia Pomim Valentim

Oswaldo F. de Almeida Júnior

Raquel do Rosário Santos

Renata Braz Gonçalves

Stefanie Cavalcanti Freire

Sueli Bortolin

Valéria Martin Valls

Revisão: Rovilson José da Silva e Sueli Bortolin

Normalização: João Arlindo dos Santos Neto

Capa: Marta Valentim

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

B477 Biblioteca escolar e a extensão universitária / Rovilson José da Silva (Org.). São Paulo: ABECIN Editora, 2019. 216p.

1 Livro digital: il. – (Coleção Estudos ABECIN; 08)

Inclui bibliografia.

Disponível em: <http://www.abecin.org.br/>

ISBN 978-85-98291-17-8

1. Biblioteca escolar. 2. Extensão universitária. I. Silva, R. J. da (Org.). II. Título. III. Série.

CDD 027.8

CDU 027.8

Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN)

Gestão 2016-2019

Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC)

Departamento de Ciência da Informação

Av. Hygino Muzzi Filho, 737 - 17.514-730 – Marília – SP

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	
<i>Dagoberto Buim Arena</i> .....	13
<b>Capítulo 1</b>	
Projeto de extensão <i>Formação do mediador de leitura: de 2012 a 2017 - Rovilson José da Silva</i> .....	17
<b>Capítulo 2</b>	
Homens e livros: desafios e experiências sobre a tentativa de organizar a biblioteca escolar - <i>Katia Silva Bufalo</i> .....	33
<b>Capítulo 3</b>	
A importância dos levantamentos de campo em trabalhos de requalificação arquitetônica: o caso de IEEL - <i>Teba Silva Yllana</i> .....	49
<b>Capítulo 4</b>	
Processos pedagógicos e dinâmica da extensão: o projeto de reestruturação da biblioteca do IEEL - <i>Felipe Martins Menck, Giovana Takahashi de Oliveira, Rovilson José da Silva e Teba Silva Yllana</i> .....	65
<b>Capítulo 5</b>	
Rachaduras pedagógicas da biblioteca escolar: um olhar para a mediação na leitura - <i>Greice Ferreira da Silva, Adrielly Rocateli, Edméia Maria de Lima</i> .....	83
<b>Capítulo 6</b>	
Análise, reconhecimento e projeto de readequação da biblioteca do IEEL: o trabalho em equipe - <i>Ana Carolina Saraiva Zamataro, Giovana Luppi Pizarini Ribeiro, Rovilson José da Silva e Teba Silva Yllana</i>	105

## **Capítulo 7**

<b>A biblioteca e a leitura no contexto do projeto político pedagógico: entre pontos e contrapontos - <i>Andrea Haddad Barbosa</i>.....</b>	<b>121</b>
---	------------

## **Capítulo 8**

<b>Memórias de uma Biblioteca em Londrina - <i>Sueli Bortolin, Rúbia Renata das Neves Gonzaga e Andreza Alves de Oliveira</i>.....</b>	<b>139</b>
--	------------

## **Capítulo 9**

<b>Passo a passo do projeto de readequação espacial da biblioteca escolar - <i>Felipe Martins Menck, Giovanna Takahashi de Oliveira, Rovilson José da Silva e Teba Silva Yllana</i>.....</b>	<b>163</b>
--	------------

## **Capítulo 10**

<b>Do projeto de extensão em Londrina/Brasil às bibliotecas escolares em St. Etienne/França - <i>Isabella Khauam Maricatto e Rovilson José da Silva</i>.....</b>	<b>187</b>
--	------------

## **Apêndice**

<b>O projeto executivo.....</b>	<b>207</b>
---------------------------------	------------

<b>Sobre os Autores.....</b>	<b>213</b>
------------------------------	------------

***Dedicatória***

*Aos professores, pedagogos, funcionários e  
gestores do IEEL pelo compromisso com a Educação.*

## AGRADECIMENTOS



**Laboratório de Anos Iniciais: Ensino, Pesquisa e Extensão (LAI)**

**Departamento de Educação**

**Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**Laboratório de Documentação Arquitetônica e da Construção Civil**

**Luiz César da Silva (LABDOC)**

**(Arquitetura e Urbanismo / CTU / UEL)**

**Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL)**





## APRESENTAÇÃO

A temática enfrentada nesta obra insiste em permanecer nos estudos e nas militâncias dos que veem as bibliotecas escolares como alavancas do desenvolvimento do homem e da humanidade, porque a matriz de sua razão de ser resta latente em não espaços ou em espaços estragados pelas rachaduras, ocupados por objetos estranhos às prateleiras, devorados pela expansão de salas de aulas, ou desprezados, gota a gota em sua história, por gestores, professores e alunos. As mesmas velhas, surradas, gastas e desalentadas indagações teimam em ser feitas desde o início de políticas governamentais de distribuição de livros de literatura, acompanhadas de vinhetas na mídia: onde estão os espaços para livros e leitores nas escolas? Como estão os espaços já existentes para o encontro entre escritores e leitores por meio das obras de arte da literatura? Onde se encontram e quem são os mediadores promotores desses encontros?

Escritores, obras, alunos leitores e bibliotecários compõem um quadro com ligações não lineares, em espaços adequados para frutíferas relações. As velhas perguntas, entretanto, atravessaram os anos 1980, período do renascimento triunfal da literatura infantil brasileira e mundial, entraram pela década seguinte, rasgaram o véu do milênio e chegam persistentes ao final da segunda década. Essas perguntas têm de morrer. Sua morte teria acontecido se as respostas tivessem sido bem dadas ao longo desse tempo. Respostas não dadas, perguntas bem vivas: essa é infeliz constatação. As respostas esperadas viriam agregadas à distribuição dos livros, aos projetos arquitetônicos de construção de novas escolas ou de sua readequação, ao desenvolvimento de projetos pedagógicos que trouxessem o ensino do ato de ler para o horário nobre da atividade escolar, em vez de ocupar, ainda que esporadicamente, os cantos espaciais e os cantos temporais.

Contudo, não vêm de onde seriam esperadas, das políticas nacionais, estaduais e municipais, mas da insatisfação, da vontade, do planejamento, e da audácia de gestores e professores de escolas em aliança com professores e alunos de universidades públicas, como é o caso da biblioteca escolar mapeada nesta obra, que se tornou alvo de ação partilhada, cujos resultados são anunciados e analisados por

olhares de três lugares sem fronteiras definidas: da Educação, da Biblioteconomia e da Arquitetura.

Encarnada em um pequeno acervo de livros e móveis datados da década de 1940, quando foi criada a Escola de Professores de Londrina, a biblioteca do que viria a ser nos tempos atuais a do Instituto de Educação Estadual de Londrina – IEEL sobreviveu, sem abandonar um persistente estado agônico, às mudanças de endereços e de denominações da escola da qual fora sempre um incômodo apêndice. Não mais com a finalidade de formar os “professores primários”, mas de formar crianças e adolescentes, o IEEL dos anos 2012 já não olhava para a sua anêmica biblioteca como um estorvo, mas como órgão vital de seu organismo, se a metáfora do corpo físico puder ser aqui empregada. Combalida, submetida à umidade, a ataques de ladrões e a olhares míopes, não poderia ajudar a oxigenar a escola e seus projetos.

Nesse cenário, os gestores ampliaram o olhar em sua direção e o estenderam para além dos pátios e dos muros da escola; percorreram as ruas em direção à Universidade Estadual de Londrina. Ali encontraram mais do que professores; encontraram-se com experimentados militantes. Nas fronteiras pouco definidas das áreas de Letras, de Biblioteconomia e de Educação foram acolhidos por Rovilson José da Silva; na Educação e na Leitura sentiram o entusiasmo de Greice Ferreira da Silva e Andréa Haddad Barbosa; nos caminhos da Biblioteconomia e das Ciências da Informação seguraram a mão segura de Sueli Bortolin; nos traços e traçados da Arquitetura aninharam-se nos espaços entre virtualidade e realidade de Teba Silva Yllana. A esses professores universitários militantes agregaram-se alunos para compor um amplo e longo projeto extensionista iniciado em 2012 e concluído com alinhavos em 2017. As pontas do alinhavo estão ainda abertas, meio soltas, esperando arremates, mas o traçado, o figurino e as possibilidades de uso estão dados, se a metáfora das costuras puder ser aqui empregada.

Os capítulos desta obra, escritos por militantes extensionistas da escola e da universidade, desvelam, cada um de acordo como seu olhar, os desencantos dos primeiros encontros com o conjunto de livros e móveis, sem alunos, ao qual era dado o nome de biblioteca, mas revelam, também, os encantos e os dias promissores renunciados nos últimos encontros. As rachaduras visíveis nas paredes tornaram-se, sob

o olhar de Greice Ferreira da Silva e de suas alunas, rachaduras não visíveis, mas bem perceptíveis, em toda a organização pedagógica da escola. As rachaduras racham paredes e mentes; racham a formação e a constituição do homem que passa pelos ambientes escolares, pelo conhecimento e pela aprendizagem das condutas e gestos culturais criados pelos homens. O reparo da rachadura da parede é também uma metáfora que remete ao reparo das rachaduras intelectuais. O rasgo bruto na parede velha e gasta visto pela Arquitetura insinua-se pela Educação e pela Biblioteconomia.

Esses rasgos escorrem pelas palavras de alguns dos entrevistados que pelo IEEL passaram, como a professora que se percebe na função de cuidadora de livros, porque incapacitada fisicamente para ensinar crianças e, readaptada, considera *a readaptação como um refugio, pois todos os professores em readaptação vão para a biblioteca*. Desqualificados se tornam a biblioteca e o ser humano responsável pela mediação entre escritores, obras e leitores. O cenário traçado pelo depoimento de outra professora designada para ali trabalhar foi muito mais bruto: *No período em que a biblioteca esteve no prédio de baixo, você tinha que descer umas escadas, lá embaixo tinha os banheiros, que tinham odor, o laboratório de química do lado. Só tinha janela de um lado. Quando mudou para no atual espaço tinha muita goteira, sujeira, infiltração, os vidros quebrados, entraram ladrões na biblioteca umas sete vezes, levaram aos poucos telefones, relógio de parede, um computador velho, uns “dinheirinho” que a gente tinha lá, assim de multas, para comprar coisas para a biblioteca*.

Um refugio, um lugar abandonado, assim era o espaço físico. Mas biblioteca escolar é mais do que o espaço físico: ela é constituída pelas relações entre seres humanos e pela cultura por eles criada e em processo de criação, porque ela é o lugar de criação de cultura. Os traços históricos rarefeitos e as ações também rarefeitas no interior desse espaço melancólico compunham um conjunto envolvido em penumbra material e intelectual.

Esta obra prima pelo mapeamento minucioso do estado da biblioteca do IEEL e pela projeção de sua remodelação, mas sua amplitude não se restringe a essa escola de Londrina, no Paraná, uma vez que sua condição se assemelha a milhares de bibliotecas escolares

de escolas brasileiras e também às de países culturalmente avançados, como a França, uma delas descrita no capítulo escrito por Isabella Khauam Maricatto e Rovilson José da Silva.

Apesar de o objeto da ação extensionista ter sido uma biblioteca londrinense, esta obra ultrapassa as fronteiras das terras vermelhas para servir de alento e alavanca para os que desejam fazer de seu velho e decadente espaço de livros, um lugar vibrante com vozes de crianças e adolescentes impregnadas de otimismo pelo futuro e de sabor pela cultura humana.

*Dagoberto Buim Arena*  
Marília, dezembro de 2018.

## Capítulo 1

### PROJETO DE EXTENSÃO *FORMAÇÃO DO MEDIADOR DE LEITURA:* DE 2012 A 2017

*Rovilson José da Silva*

#### 1 INTRODUÇÃO

A instituição universitária se constitui num processo interligado por três instâncias: ensino, pesquisa e extensão. Para aqueles que vivem a realidade universitária tem-se a perspectiva de que nenhuma é mais importante que a outra. Essa tríade fortalece ao ser humano, à sua formação, tanto para aqueles que são formadores quanto para aqueles que são formados em relação ao conhecimento, na convivência com o campo específico de estudo e, ao mesmo tempo, no relacionamento com áreas afins, pois nenhuma área está isolada no mundo social. Tudo está interligado, imbricado.

Ainda que a extensão se figure como parte imprescindível da composição universitária, isso não quer dizer que seu prestígio tenha o mesmo status que as demais partes que compõem a tríade, conforme Castro (2004, p.2):

Dentre as três funções da universidade, ensino, pesquisa e extensão, a última é a mais nova e a que carece de maiores investigações. A maioria dos trabalhos realizados enfoca o processo de construção histórica da extensão e sua inserção dentro da Universidade como uma terceira função. Porém, poucos são aqueles que investigam a prática dos projetos, seu dia a dia, sua influência no processo de formação dos discentes e sua contribuição para a consolidação de um campo de conhecimento específico e das consequências dessas práticas acadêmicas.

A instituição de ensino, em qualquer que seja o nível, é um espaço instigante para relações sociais e de conhecimento e, nessa perspectiva, o trabalho com a extensão torna-se uma das portas para

se chegar mais próximo da comunidade escolar e de seus vários atores: professores, alunos, administradores, demais funcionários e familiares.

O trabalho extensionista transforma a todos os envolvidos, tanto aqueles oriundos da universidade quanto os que fazem parte da comunidade que recebe o Projeto, pois nas relações ambos os grupos descobrem-se individual ou coletivamente e o processo “[...] vai ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se forma ao ser formado” (FREIRE, 2003, p.23).

Durante a realização do projeto de extensão *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação*, de 2012 a 2017, foram anos de construção, de convivência entre os membros do Projeto; os membros do projeto e a direção, professores e alunos da instituição escolar que abriu suas portas para que pudéssemos trabalhar em conjunto.

A escola pública mantém sua perseverante caminhada em meio aos percalços da administração pública que lhe dá o mínimo de condições: tanto em número de professores quanto às estruturas espacial, pedagógica e tecnológica.

Embora existam exceções, adentrar em uma escola pública nos dias de hoje é como visitar um antiquário, pois os equipamentos e o próprio prédio estão sempre com meia década de atraso. Difícil encontrar ambientes com pintura recente, melhorias em rachaduras, pisos e goteiras. A imagem, quase sempre, é de espaço sucateado. A situação não piora porque existem professores (nas diversas funções da instituição: pedagógica ou administrativa) que mesmo em condições adversas e, à revelia do poder público, pagam pequenos consertos, conseguem doações com amigos, pais e associações. Tudo isso não deixa a escola fenecer.

É essa escola que encontramos quando saímos do campo universitário: uma instituição que, a despeito da aparência física, tem força para extrapolar as dificuldades e não deixar que a instituição sucumba. Nesse contexto, estava a escola e, por conseguinte, sua biblioteca.

Ao longo desse período, tivemos apoio da Instituição e, juntos, construímos uma possibilidade menos caótica para a reestruturação da biblioteca escolar, buscando trabalhar em conjunto a ação pedagógica

para o uso da biblioteca e, ao mesmo tempo, a readequação de seu aspecto físico com a elaboração de um projeto arquitetônico visando sua reforma.

Este livro é resultado de parte do trabalho realizado por muitas mãos, tanto para a ação extensionista na escola quanto para a escrita.

## **2 OBJETIVOS DO PROJETO DE EXTENSÃO**

O Projeto de extensão surgiu com o objetivo de se aproximar da instituição escolar e suas ações em prol da leitura. Assim, o Projeto foi balizado pelo objetivo geral de orientar os mediadores de leitura que atuavam na Rede Pública, na escola de Anos Iniciais, com projetos de formação de leitores.

Posteriormente, destacamos que os objetivos específicos seriam:

- Ler e discutir textos de estudiosos acerca da leitura, literatura, biblioteca escolar, formação de leitores e formação do mediador de leitura.
- Dialogar com os professores multiplicadores a respeito dos conteúdos utilizados para a formação do professor mediador de leitura.
- Coletar dados, por meio de relatos, imagens fotográficas de bibliotecas escolares e estratégias empregadas, acerca do projeto de leitura em desenvolvimento na escola.
- Orientar a elaboração de estratégias pedagógicas que incentivem a formação de leitores.
- Orientar a reorganização e o desenvolvimento do acervo da biblioteca escolar.
- Orientar proposta de readequação arquitetônica da biblioteca escolar, por meio de professor-arquiteto com conhecimento em fluxogramas e tipologias de bibliotecas.

O Projeto visava oferecer estudo continuado a mediadores de leitura que atuavam na rede pública de educação: como multiplicadores (professores, coordenadores, supervisores pedagógicos etc.), como formadores de professores mediadores que trabalhavam na escola com projetos de formação de leitores.

Desde o princípio, buscamos trabalhar de modo interdisciplinar envolvendo áreas afins à Educação no processo de formação do leitor, tais como a Biblioteconomia e a Arquitetura, pois nossas pesquisas anteriores (SILVA, 2006, 2010) já apontavam a necessidade de equipe multidisciplinar para discutir a temática da leitura, da formação de leitores envolvendo a biblioteca escolar, isso tanto no aspecto pedagógico quanto no espacial.

Nesse contexto, professores e alunos eram oriundos dos três diferentes cursos de graduação e, aos poucos, estabelecemos rotina de trabalho e troca, numa perspectiva dialógica (BAKHTIN, 1997) onde se desvelavam nossas diferenças e convergências. A metodologia empregada esteve no âmbito da relação dialógica entre os professores multiplicadores e a coordenação desse Projeto, ancorada na análise, estudo e proposição de estratégias que incentivassem a mediação da leitura na escola e, conseqüentemente, a formação de leitores em larga escala. As reuniões foram embasadas por textos teóricos acerca do assunto, bem como de visitas *in loco* em diferentes instituições, conforme Silva *et al.* (2016).

## **2.1 Equipe do IEEL: funcionários da biblioteca, pedagogos e professores**

Embora a aprovação oficial do Projeto tenha ocorrido em agosto de 2012, meses antes, fomos procurados por uma das pedagogas do Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL) que almejava reorganizar o projeto de leitura da Instituição, bem como a biblioteca escolar. Esse aspecto foi fundamental para nossa inserção na Instituição, pois partia dela o reconhecimento de que a biblioteca e todo o trabalho pedagógico em seu entorno, podia ser melhorado.

Após os trâmites legais com a direção da Instituição que apoiou a inserção do Projeto na unidade escolar, iniciamos os primeiros contatos: equipe pedagógica e biblioteca e, aos poucos, com demais membros da comunidade escolar: professores e alunos.

Nas primeiras visitas à Instituição, fizemos o reconhecimento da biblioteca escolar (BE) nos três períodos de funcionamento: manhã, tarde e noite. Em cada período, ao falarmos para os funcionários do Projeto que iniciáramos e da importância da participação deles que conheciam bem a BE, uma avalanche de opiniões e relatos surgiu.

Cada qual relatava sob sua perspectiva os avanços e, principalmente, os retrocessos de se trabalhar ali na Biblioteca; o afastamento da instituição daquele espaço; a precariedade de condições físicas e de materiais da biblioteca. Além disso, havia alta rotatividade de funcionários no atendimento, “ninguém parava ali”, conforme informou um funcionário. Isso corroborava para que o trabalho fosse fragmentado, não tivesse continuidade e, conseqüentemente, a escola não recebia atendimento adequado para usufruir de sua Biblioteca.

Nesse primeiro momento era preciso ouvir, oportunizar a fala, à semelhança de um processo terapêutico em que o sujeito verbaliza inicialmente como se não fizesse parte do processo e, à medida que evidencia suas opiniões e reflexões, começa a se inserir no contexto. Aos poucos, reconheceu-se que o entorno da biblioteca estava doente, tinha febre e que, portanto, era momento de se refletir e buscar alternativas para aquela situação em conjunto.

Após ouvirmos os funcionários da biblioteca, a reunião seguinte foi com o grupo de pedagogas, profissionais responsáveis pela organização pedagógica do trabalho, estudos e propostas de intervenção, entre outros aspectos na unidade escolar. Em 2012, a fala desse grupo corroborava parte das falas dos funcionários da biblioteca, ou seja, não havia trânsito pedagógico entre os grupos, parecia consenso de que a biblioteca não estava funcionando do jeito que deveria. Havia insatisfação, mas as equipes pareciam não saber qual direção tomar. Constatamos que, assim como o discurso dos funcionários, predominava no discurso do pedagogo a atitude de responsabilizar “o outro” por não haver trabalho pedagógico mais consistente. Era como se a Biblioteca não pertencesse à estrutura pedagógica e de ensino da Instituição, como se estivesse em segundo plano.

As considerações, de ambos os lados, eram pedidos de socorro. Ou melhor, entendemos como um grito metafórico de socorro acerca de uma situação que não estava confortável para nenhuma das partes, mas que a equipe escolar, corajosamente, decidiu discutir, abrir para a comunidade externa, como é caso da extensão.

Após esse encontro com os pedagogos, discutimos em conjunto a importância de se fazer um levantamento mais amplo a respeito do

uso da biblioteca na Instituição. Então, organizamos um instrumento de coleta e produção de dados com predominância nas questões objetivas, mas também deixando possibilidade para questões subjetivas.

Nosso objetivo era aplicar questionários para mapear como a instituição se relacionava com a leitura e a biblioteca em seu âmbito, a fim de levantar os aspectos positivos, as dificuldades e as necessidades que pudessem auxiliar no projeto de readequação arquitetônica tanto quanto no projeto de formação de leitores da instituição.

A organização e concretização dessa etapa foi um dos nossos primeiros desafios de trabalhar em conjunto: Instituição e extensão universitária. Nesse contexto, a fim de padronizar a coleta, elaboramos procedimentos para nortear o trabalho, conforme o que se segue:

**Critérios para seleção do grupo que responderá aos questionários**

**A - Questionário destinado aos professores e agentes educacionais**

- 60 questionários, distribuídos proporcionalmente nos três períodos de funcionamento do IEEL, de acordo com o número de professor, a saber:
  - ✓ 30 questionários – período da manhã – Ensino Médio
  - ✓ 15 questionários - período da tarde – Ensino Fundamental (séries finais)
  - ✓ 15 questionários – período da noite – Ensino Técnico

**B - Questionário destinado aos alunos**

- anos iniciais e finais de cada modalidade de ensino
- 6 alunos de cada turma, sendo 03 do sexo masculino e 03 do sexo feminino:
- seleção de acordo com o rendimento (notas), conforme segue:
  - ✓ 2 alunos: média de 8 a 10 (ver as maiores)
  - ✓ 2 alunos: média de 6 a 8
  - ✓ 2 alunos: abaixo da média (de preferência sempre pra baixo) (SILVA, 2012, grifo do autor).

Pautamo-nos pelo cuidado ao abordar os alunos para a coleta das informações preliminares, por isso, não deveríamos explicitar os critérios de seleção, a fim de evitar constrangimento. Esse sigilo foi fundamental para o bom andamento da etapa. Além disso, providenciamos para que o respondente estivesse num local sem interferência, para que ele se sentisse confortável, não intimidado, à vontade, sem qualquer palavra que pudesse influenciá-lo nas respostas. O grupo (extensão e Instituição) trabalhou em conjunto, o que possibilitou o êxito da ação.

A coleta foi realizada até dezembro de 2012. Após essa etapa, iniciamos as tabulações dos dados que apresentamos aos professores e funcionários na Semana de Estudos, no início do ano letivo de 2013. Assim, os dados evidenciaram a falta de conhecimento do grupo a respeito da biblioteca e de suas potencialidades para auxiliar em seu trabalho na sala de aula, o que gerou muita discussão e reflexão de todos.

Evidenciou-se, também, a dificuldade para o entrosamento entre as equipes: professores e funcionários da Biblioteca, o que reforçava as queixas anteriores de ambos os grupos. Foi um momento de discussão, análise e autorreconhecimento de cada membro da comunidade escolar no contexto da biblioteca (cf. Capítulo 5).

A reunião com professores e funcionários, aproximadamente 100 pessoas, da Instituição foi organizada de modo que, após o debate sobre os dados, fossem visitar a Biblioteca, pois parte deles nunca tinha ido lá. Em vista disso, convidamos os presentes a visitarem a Biblioteca naquele momento, aproximadamente, 10 horas e 30 minutos, período de verão no norte do Paraná, cujas temperaturas oscilam entre 30 e 40 graus.

A visita foi reveladora para todos: em primeiro lugar em relação à insalubridade do espaço, pouco ventilado. Aliás, um dos únicos espaços da Instituição que não possuía ventilador. Ao chegarmos à Biblioteca, solicitamos que entrassem. Cinco minutos depois e a reclamação era geral, alguns professores deixaram a o ambiente, pois não aguentaram o abafamento, a falta de ar. Enfim, era aquele espaço que vinha sendo utilizado pelos alunos para leitura e pesquisa.

O prédio da biblioteca é a construção mais antiga da instituição, pois décadas atrás lá funcionou o espaço destinado a crianças

pequenas. Ali existia um pátio externo com um parquinho que hoje se encontra abandonado, malconservado, ainda apresenta restos de brinquedos. É um espaço grande, mas abandonado, sem que o aluno possa usufruir. Assim, o prédio não tinha manutenção adequada e, por isso, chovia dentro dela e ainda chove. A primeira visita que fizemos, em 2012, estava previsto chuva e, portanto, parte do acervo já estava coberto por lona plástica (cf. Capítulo 2).

A precariedade física do prédio da Biblioteca era um problema que assolava a Instituição que tinha recursos limitados para efetuar a reforma adequada do espaço. Naquele contexto, era evidente a ausência do Estado na conservação do patrimônio escolar. Aliás, parte das escolas públicas paranaenses, em especial as estaduais, tem espaços improvisados, malconservados, com mobília remanescente de outras épocas, de outros setores, quase se assemelha a um antiquário.

O desencontro pedagógico e de relacionamento no grupo desvelava que o trabalho não era harmônico, cada um “culpava” alguém por aquela situação e, portanto, ninguém se sentia responsável pelo “caos” que se encontrava a Biblioteca.

Outro fator que atormentava a instituição em relação à Biblioteca eram os arrombamentos frequentes por ladrões que entravam pelo teto, já avariado do prédio, e faziam furtos pequenos de equipamentos. Por isso a biblioteca não possuía computador, ainda eram utilizadas máquinas de escrever para o trabalho interno de preencher fichas dos livros, cadastros dos alunos e registro do acervo.

## **2.2 A Equipe da Extensão: professores e alunos**

Quando se inicia um projeto, ainda que o tenhamos organizado em cronograma com etapas, só a partir das primeiras reuniões em equipe, no contato humano, com opiniões e leituras a respeito do Projeto, de indagações e dúvidas é que ele começa a tomar forma e a se constituir o grupo de trabalho. Essa fase acontece em dois momentos especiais: com a equipe do meio universitário e com a equipe da instituição escolar. Inicialmente, são equipes distintas, mas com o trabalho em conjunto, forma-se outro grupo que engloba os dois.

Embora tenha sido ajustado que o trabalho envolveria três áreas distintas do conhecimento (Arquitetura, Biblioteconomia e Pedagogia), com professores com quem já tínhamos relacionamento

acadêmico, a convivência no Projeto em reuniões e visitas ao campo fortaleceu ainda mais entrosamento da equipe.

Nesse contexto, a linguagem é uma das primeiras portas para o diálogo e, ao mesmo tempo, para as primeiras divergências, pois as concepções, formações e constituições de cada profissional são singulares, têm suas próprias referências. Assim, inicialmente estiveram presentes as discussões, as divergências e, posteriormente, a acomodação de ideias e ações para harmonizar a ação extensionista.

O trabalho com áreas distintas é complexo e exige de todos: ouvir, discutir, ceder, analisar, avançar, recuar em relação a ideias dos componentes. A delimitação inicial do Projeto (objetivos e metas) auxiliou o grupo a se manter na direção, a retomar quando foi necessário.

Na extensão descobrimo-nos ao compartilhar ações, trocar informações. Aprendemos com o outro. Descobrimos as peculiaridades de nossos colegas de trabalho, em especial, da Arquitetura e da Biblioteconomia. Cada área do conhecimento teve sua maneira de contribuir para a ação que o Projeto almejava e que realizou.

As visitas ao campo ampliavam a compreensão de todo grupo acerca da biblioteca escolar e suas especificidades, tanto para o espaço quanto para sua organização e atendimento a alunos e professores.

Nessa perspectiva, aconteceu o trabalho com os alunos envolvidos no Projeto de Extensão, oriundos da Educação e da Arquitetura. Inicialmente não parecia haver congruência entre eles, pois eram alunos que não frequentavam o mesmo espaço da Universidade, a não ser o restaurante e a biblioteca, pois o Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), onde está a graduação em Pedagogia (Educação), localiza-se em região distinta do Centro de Tecnologia e Urbanismo (CTU), onde está a graduação de Arquitetura.

O tamanho do campus e a localização dos centros, nem sempre favorece que alunos da Educação e da Arquitetura se encontrem. A UEL possui mais de 12 mil alunos, ou seja, população maior que grande parte das cidades do interior do Brasil. Cada centro funciona com suas próprias características, inclusive espaciais. Isso influencia no trânsito dos alunos pelo campus. Quase sempre o aluno permanece em seu Centro, pois tem aulas e atividades lá diariamente, o que nem sempre facilita o encontro.

Outro aspecto constatado era que os alunos da área de Educação tinham origem social e idades distintas, ao passo que os alunos da Arquitetura, apresentavam características sociais, de escolaridade e a idade bem similares. Todos estavam no mesmo ano e tinham a mesma idade.

Ao longo do trabalho, as diferenças foram transformadas em entendimento, em ação que se estendia de nós para o Projeto e dele para nós, num processo de diálogo ininterrupto. Das interações extensionistas surgem os capítulos desse livro. Escrita costurada no dia a dia, em conversas, em ações e reflexões. Foram aproximadamente dois anos de escrita, de orientações, de reuniões para discutir a escrita, de trabalho minucioso para apresentar um pouco do que foi nosso trabalho nesse período. Não é possível captar tudo, ou evidenciar tudo que se viveu, aprendeu, compartilhou, mas aqui apresentamos aspectos que reputamos caracterizadores de cada etapa que incluem os vários segmentos envolvidos no Projeto: professores orientadores, alunos da extensão e membros da escola.

### **3 DA INVISIBILIDADE DA BIBLIOTECA ESCOLAR À LUZ: INTERVENÇÕES**

O trabalho conjunto entre a extensão e a Instituição promoveu transformações no espaço e na atuação pedagógica na Biblioteca. Com apoio da direção, pedagogos, professores e funcionários começam, aos poucos, a aventar a possibilidade de trabalho que poderia ser realizado em colaboração com a Biblioteca. A aproximação discursiva do espaço veio antes da convivência real.

Uma das dificuldades existentes para estabelecer a rotina de trabalho e atendimento na biblioteca era a rotatividade de funcionários. Cada ano ou período era um “funcionário” diferente, pois eram professores que estavam temporariamente afastados por atestado médico, conhecidos como readaptados. A percepção era que o profissional que atuava ali não se sentia parte do todo, da instituição, nem da Biblioteca. Tudo isso contribuía para a perda de identidade daquele espaço e do atendimento que era feito.

Na Biblioteca, a criança ou adolescente necessita obter referência de funcionário que o atenda e que poderá auxiliar em suas dúvidas, por exemplo: o regulamento da Unidade, busca de material, utilização do espaço, entre outras demandas. Por isso a permanência de

funcionários na biblioteca era fundamental, pois a rotatividade não permitia a criação de laços com as pessoas e nem com os serviços oferecidos ali. Assim, parecia que a Biblioteca era de todos e, ao mesmo tempo, não era de ninguém.

A rotatividade não era apenas de pessoas, mas também de liderança e de referência para a organização do trabalho na Biblioteca que, às vezes, tinha quase 10 pessoas, distribuídas em três períodos. Cada funcionário chegava com sua concepção de trabalho, de biblioteca, de leitura e se organizava em torno do que concebia. Não havia diálogo entre a equipe pedagógica e funcionários da Biblioteca para pensar as atividades escolares interligadas entre sala de aula e Biblioteca.

Após três anos em desenvolvimento da Extensão na Instituição, a equipe administrativo-pedagógica começou a manter menos rotatividade de pessoal e houve renovação do quadro. Chegaram funcionárias com padrão administrativo e que permanecem até hoje. Isso trouxe amadurecimento da equipe que começou a trabalhar em conjunto, a compreender-se como parte do todo escolar.

As mudanças eram visíveis, em primeiro momento, no aspecto físico e organizacional do espaço, do acervo. Nesse processo foi resgatado o Regulamento da Biblioteca e realizadas adequações a partir de reunião entre funcionários da biblioteca, equipe pedagógica da Instituição e professores do Projeto de extensão, em especial, da área de Biblioteconomia. Após essa etapa, o regulamento foi disponibilizado e divulgado na Instituição, para que todos pudessem esclarecer os procedimentos de uso da Biblioteca.

A partir de então, outros encaminhamentos foram acontecendo tais como: compra de material de expediente específico para a Biblioteca, sinalização do espaço, desbaste e reorganização do acervo, início da atualização do registro do acervo para arquivo digital, pois ainda era manuscrito e não estava atualizado.

Em 2013, após laudo técnico com medidas emergenciais para darmos prosseguimento à extensão, a Instituição, mesmo com poucos recursos próprios, fez uma inicial intervenção no prédio (cf. Capítulo 3).

Posteriormente, em 2015, apresentamos para a escola o pré-projeto da reforma da biblioteca e todos opinaram, sugeriram e fizemos as readequações que o grupo sugeriu (cf. Capítulos 4 e 6).

Nos anos seguintes, 2016 e 2017, houve o início do cadastramento do acervo com a utilização de computadores, com isso, o registro do acervo estava sendo transferido do manuscrito para o digital. Nos dias atuais, com tanta tecnologia digital, parece uma ação simples. Mas quando nos reportamos à realidade da escola pública, isso ainda não é comum, pois poucas delas possuem equipamentos da era digital.

Há de se ressaltar a melhoria na reorganização da biblioteca, de seu acervo, ampliação do atendimento a alunos e professores, diálogo entre as equipes. A biblioteca potencializou seu atendimento, atualmente, são mais de 20 turmas que a utilizam para o desenvolvimento de aulas, além do atendimento contínuo de empréstimos e pesquisa. Entretanto, o uso das aulas concentra-se basicamente na área de Língua Portuguesa, por isso há muito ainda a se alcançar, em especial, quanto ao espaço que carece de reforma e readequação com recursos adequados do Estado, para que haja ampliação do atendimento a outras disciplinas do conhecimento, com horário para aulas, por exemplo.

Estamos nos anos finais do prazo para cumprimento da Lei 12.240/2010, universalização das bibliotecas escolares, mas até agora não temos tido ação em qualquer uma das três instâncias (federal, estadual e municipal) que demonstrem que o bibliotecário será incorporado nos quadros escolares. Com isso, perdemos todos nós, principalmente, os alunos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No trabalho extensionista entre alunos, professores da Universidade e com a comunidade escolar da Instituição há troca contínua: inicia-se, consolida-se uma dinâmica de trabalho que está sempre a pensar no outro, pois as ações devem advir de acordos entre as partes. Tudo foi dialogado, de modo a buscar compreender as necessidades do outro. Nem sempre se consegue isso em sua totalidade, mas no caso do Projeto, acreditamos ter atingido a maior parte do que planejamos.

A convivência faz amadurecer o respeito mútuo, auxilia a buscar compreender a ação educativa do outro. Fortalece amizades e

evidencia para cada participante um pouco de si mesmo. É um crescimento, ao mesmo tempo, pessoal e coletivo.

Um dos aspectos que aprendemos a desenvolver é, ao chegar ao contexto do outro-instituição, não tecer julgamento a respeito desse ou daquele aspecto. Antes recorre-se a transformar o que se vê, o que se contata inicialmente em uma pergunta, no caso de nosso Projeto:

- Por que a biblioteca está assim?
- Como a Instituição tem lidado com isso?
- Quais são as orientações que a instituição recebe para auxiliar, para compreender como se utilizar a biblioteca?
- Qual profissional o Estado tem disponibilizado para atuar na Biblioteca?
- Há receita/fonte destinada à biblioteca: Custeio? Investimento?
- Até onde a Direção da Instituição pode intervir quando se trata de investimento no prédio? Em pessoal destinado à biblioteca?
- Qual é a ação da equipe pedagógica em relação à biblioteca e às aulas? Há alguma normativa ou indicação da Secretaria de Estado de Educação que as oriente para ampliar o trabalho com a biblioteca escolar?

Indagações como essas nos auxiliaram a compreender um pouco melhor a complexidade das relações numa instituição de ensino: nem tudo a direção ou as coordenações pedagógicas podem realizar. Nem todos os recursos estão disponíveis. A escola depende nos Núcleos Regionais de Ensino que por sua vez estão ligados diretamente à Secretaria Estadual de Educação, às políticas públicas estaduais de investimento nas escolas.

Ao vivenciarmos parte da rotina da Instituição por esses anos, reafirmou-nos o compromisso que a escola pública tem com sua comunidade, mesmo quando os recursos financeiros e ou de humanos não suprem totalmente as necessidades. No caso da biblioteca, a instituição fez os encaminhamentos que estavam sob sua responsabilidade, ou seja, num primeiro momento usou parte de seus pequenos recursos financeiros para fazer reparos emergenciais na

biblioteca. Consequentemente houve transformações pedagógicas e estruturais na Biblioteca.

Em dezembro de 2015, após o término do Projeto Executivo de Readequação Arquitetônica da Biblioteca, reencaminhamos para a Instituição o projeto final (cf. Apêndice), que foi protocolado pela Direção no setor de solicitação de reformas, por meio do Núcleo Regional de Ensino do Estado do Paraná. Já faz mais de dois anos de protocolo e, até o presente momento, não sabemos se haverá liberação de verba para a reforma da Biblioteca.

Em nossa última visita à Biblioteca, em setembro de 2018, pudemos constatar que o que estava ao alcance financeiro, organizacional e pedagógico da Biblioteca foi encaminhando, entretanto, ainda chovia no interior da Biblioteca, pois não havia verba estadual liberada para a reforma estrutural que a instituição necessitava.

Nem tudo se apresenta atualmente como trabalhamos para que acontecesse, mas acreditamos que tanto o Projeto quanto a Instituição (IEEL) se empenharam em conjunto e conseguiram melhorar sensivelmente o espaço e ampliaram concretamente o acesso das turmas, dos professores ao uso pedagógico da Biblioteca. Uma etapa foi construída, mas é preciso continuar investindo na Biblioteca em todos os âmbitos: reforma arquitetônica, aperfeiçoamento pedagógico, aquisição de equipamentos e, principalmente, na qualificação do pessoal, inclusive com a inserção de bibliotecários em seu quadro.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. *In*: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27., 2004. Caxambu, MG. **Anais eletrônicos [...] Caxambu: ANPED, 2004.** Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt11/t1111.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SILVA, Rovilson José da Silva. **Biblioteca escolar e a formação de leitores**: o papel do mediador. Londrina: EDUEL, 2010.

SILVA, Rovilson José da. **Critérios para seleção do grupo que responderá aos questionários**. Londrina: 2012.

SILVA, Rovilson José da Silva. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina**: formação e atuação. 2006. 231f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/101530>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SILVA, Rovilson José da; YLLANA, Teba Silva; MENCK, Felipe Martins; OLIVEIRA, Giovana Takahashi de. Pedagogia, Arquitetura e Biblioteconomia: processos pedagógicos para reestruturar uma biblioteca escolar. **Informação@Profissões**, Londrina (PR), v.5, n.1, p.4-25, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/25309/18737>. Acesso em: 4 jun. 2019.



## Capítulo 2

### HOMENS E LIVROS: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS SOBRE A TENTATIVA DE ORGANIZAR A BIBLIOTECA ESCOLAR

*Katia Silva Bufalo*

#### 1 INTRODUÇÃO

Esse texto registra a realização de uma ação pedagógica organizada numa escola pública central de Londrina - PR. Revela um aspecto da experiência permeado por reflexões sobre as ações da gestão escolar as políticas públicas para a leitura e a biblioteca da escola.

Transita pelo contexto histórico relacionado ao processo de efetivação dos programas de leitura. Propõe um paralelo relatando como as ações vinculadas à política educacional atingem a escola pública, através de um relato de experiência, como participante do Projeto de Extensão *Formação do mediador de leitura da Rede Pública de Educação* do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.

Apresenta a participação como professora pedagoga e membro da Equipe Pedagógica do Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL), a partir de dois mil e doze, junto ao plano de ação e gestão da escola até a conquista de inserção e atendimento da instituição de ensino no Projeto de Extensão mencionado.

Compartilha os desafios e conquistas dessa etapa da gestão escolar expondo a participação como colaboradora externa do Projeto representando a equipe pedagógica, fato que destaca o interesse e o apoio da direção da escola: diretora geral e diretoras de período, para atuar como articuladora na equipe pedagógica entre os turnos e/ou períodos da escola e reunir informações sobre as ações e etapas do Projeto.

Ressalta que, uma ação dessa dimensão só se realiza quando há um grupo que trabalha por um objetivo comum, portanto, todas essas conquistas, resultam desse trabalho coletivo em que foi fundamental a

participação e colaboração das professoras pedagogas, integrantes da equipe pedagógica.

Pessoas que sempre fizeram todo o possível para participar das reuniões e ações envolvendo as etapas do Projeto, além dos professores e funcionários da escola que em sua maioria sempre colaboraram e trabalharam nessa direção e se, não nomeamos a todos, justifica-se pelo fato de corresponder a mais de cento e cinquenta pessoas, contudo, estão presentes nas diversas fotos documentadas durante as atividades mencionadas no decorrer do Projeto de Extensão.

Dessa forma, optou-se por uma narrativa no plural, que representa para além da autoria, a voz de diversos atores sociais que permeiam o contexto escolar, assumindo um posicionamento de classe.

## **2 EDUCAÇÃO PÚBLICA: LEITURA, POLÍTICAS, HOMENS E LIVROS – POR ONDE COMEÇAR?**

A leitura se consolida como objeto de pesquisa de forma relevante tanto nacional como internacionalmente. Discutir sobre a atividade da leitura implica necessariamente a reflexão sobre a prática social em diversos aspectos da vida dos sujeitos:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, *possibilitando* ao cidadão *integrar-se efetivamente à sociedade*, no caso à classe dos senhores, dos *homens livres* (MARTINS, 2007, p.22, grifo nosso).

Trabalhar a leitura constitui um desafio pedagógico eminente, principalmente, se considerarmos os índices de desempenho de leitura nas avaliações em larga escala. Apesar de defender a atividade da leitura como a prioridade da organização do trabalho pedagógico, vale

ressaltar o que Saviani (2014) tem alertado que as avaliações institucionalizadas pelo MEC, contradizem tudo o que é produzido nos últimos anos sobre avaliações pedagogicamente significativas, inclusive nas próprias diretrizes legitimadas pelo Ministério.

De contradições em contradições e, principalmente, de continuidades e descontinuidades têm-se realizado a educação nacional no decorrer da história. As contradições são observáveis na relação discurso/ações e cumprimento. Entretanto, há muitos que não as reconhecem, sobre essa possibilidade Cury (1989, p.22) tem a contribuir:

Mas as contradições podem não transparecer no real e no pensar, pois a capacidade reflexiva do homem, aliada às situações histórico-objetivas de uma época, pode transformar a capacidade de dissimulação e ocultação de uma *realidade*. Tal *realidade* se expressará na petrificação conceitual e na exclusão do movimento como categoria implícita nas representações.

A realidade em discussão nesse texto está localizada no âmbito da educação pública, que em nosso entendimento é direito garantido na atual Constituição Brasileira, portanto, responsabilidade do Estado. Posto isto, faz-se necessário identificar nossa compreensão sobre o movimento do Estado na proposição de políticas públicas, em destaque, nesse texto, as políticas educacionais voltadas para a leitura.

[...] o Estado institui-se, nesse entendimento, como expressão das formas contraditórias das relações de produção que se instalam na sociedade civil, delas é parte essencial, nelas tem fincada sua origem e são elas, em última instância, que historicamente delimitam e determinam suas ações (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011, p.8).

As continuidades e descontinuidades se caracterizam pela improvisação estabelecida através de Programas que são implantados, sem, no entanto, apresentarem regularidade. Tal afirmativa pode ser ilustrada a partir da constatação feita por Silva (2010, p.45).

A partir de 2002, o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) iniciou o programa *Literatura em Minha Casa* e enviou às bibliotecas das escolas e para as 4ª e 5ª séries, uma seleção de 30 títulos que foram distribuídos em 06 coleções diferentes, contendo 5 volumes, a saber: poesia, contos, novela, obra clássica adaptada e teatro. A ideia era que cada aluno levasse o livro para casa e o compartilhasse com familiares e amigos (BRASIL, 2006). No ano seguinte, 2003, o *Literatura em Minha Casa* enviou livros apenas para alunos das 4ª séries e, também, para escolas que tinham alunos em 2002 nessa série. No entanto, até então nenhum plano de construir bibliotecas nas escolas fora proposto. Permanecia a ideia de distribuir livros apenas e não de uma política pública de leitura que tivesse objetivos claros para a formação de leitores.

A precariedade e descontinuidade tem sido motivo de análise de vários pesquisadores, pois estas inconstâncias se refletem diretamente na escola, de acordo com Aliaga (2013, p.112), a

[...] situação evidenciada também pelo relatório do Tribunal de Contas da União (TCU), intitulado “Avaliação do TCU sobre o Programa Nacional Biblioteca na Escola”<sup>1</sup>, elaborado pela Secretaria de Fiscalização e Avaliação de Programas de Governo no ano de 2002 e pela avaliação diagnóstica realizada pelo MEC publicada no ano de 2008 através do documento “Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas”<sup>2</sup>. Ambos os documentos relatam a inexistência de uma avaliação sistemática da utilização dos acervos por alunos e professores, bem como dos resultados de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://portal2.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/2054388.PDF>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro\\_mec\\_final\\_baixa.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2019.

um programa que abarca anualmente um volume tão grande de recursos públicos.

Do exposto até aqui, observa-se que há uma necessidade de aprofundar a pesquisa sobre a política educacional em curso referente à leitura. Dentre os documentos recentes que legitimam as políticas públicas para a leitura, temos o Plano Nacional do Livro e Leitura, aprovado em 2006.

O referido documento em sua introdução faz menção aos elementos discutidos até aqui e se apresenta pretensão a combatê-los:

Pretende-se conferir a este Plano a dimensão de uma Política de Estado, de natureza abrangente, que possa nortear, de forma orgânica, políticas, programas, projetos e ações continuadas desenvolvidas no âmbito dos ministérios – em particular os da Cultura e da Educação –, governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, organizações da sociedade e de voluntários em geral, procurando evitar o caráter por demais assistemático, fragmentário e pulverizado com que se tem implementado essas iniciativas em nosso País, desde, pelo menos, o início do século XIX (BRASIL, 2014, p.2).

Após o processo de redemocratização do país com a promulgação da Constituição Federal de 1988, houve no Brasil, um longo processo de elaboração de leis complementares para efetivação da Carta Constitucional, e com isso, estabelecer a regulamentação dos direitos.

Em nosso país tudo isso ocorre no cenário e num contexto de muitas lutas políticas, prova disso, a própria regulamentação da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional só foi aprovada em 1996, oito anos após a legitimação da Constituição.

Todo esse processo se reflete em políticas desarticuladas que chegam à escola, sem de fato atender suas reais necessidades. Atuantes desse segmento da sociedade, nos organizamos para buscar condições de encaminhar ações efetivas na gestão escolar de uma escola pública, central, da cidade de Londrina, Paraná, tentando estabelecer como objetivo principal o trabalho com a leitura.

### **3 O PROJETO DE EXTENSÃO: POSSIBILIDADES DE AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE**

No início do ano letivo de 2012, a biblioteca escolar do Instituto de Educação Estadual de Londrina expressava o limite da contradição, embora, recebesse constantemente materiais disponibilizados através do Programa Nacional Biblioteca da Escola, não havia ao menos um espaço adequado para organizar os itens recebidos. De acordo com Paiva (2012, p.14):

Esse programa destina-se à composição e distribuição de acervos para as bibliotecas das escolas públicas brasileiras que atendem aos segmentos da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e, mais recentemente, inclui também Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ao discutirmos as possibilidades de gestão escolar para promover a leitura na escola, soubemos da organização de um projeto de extensão por um professor universitário que estava trabalhando com a temática da biblioteca escolar no departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.

Realizamos contato por telefone e *e-mail*. A princípio, o professor Rovilson respondeu que tinha um Projeto de Extensão sobre mediação de leitura, mas já havia preenchido o número de escolas participantes e não poderia nos ajudar de imediato, no entanto, convidamos o referido professor para visitar a Biblioteca de nossa escola.

É impossível esquecer a expressão do professor Rovilson ao ver nossa Biblioteca e, de pronto, sua disposição em nos incluir no seu Projeto, depois de andar entre as estantes cobertas de lona, para proteger os livros da chuva, o professor disse em tom de indignação: “Uma escola que forma professor!”, verdade, trata-se de um “Instituto de Educação”.

A leitura que ele fez sobre o que via, em nossa Biblioteca, foi inesquecível: “Essa realidade, não representa uma direção de escola,

isso é a história das bibliotecas do Brasil e isso retrata uma relação dessa escola com a leitura”.

**Foto 1: Biblioteca do IEEL.**



**Fonte: Bufalo (2012).**

Estávamos tão imersos naquele contexto que não tínhamos total consciência do quanto nossa realidade era caótica, sabíamos que algo estava errado, mas já não conseguíamos ter dimensão da totalidade.

**Foto 2: Condição precária do forro.**



**Fonte: Bufalo (2012).**

Foi nesse instante que aconteceu a tomada de consciência da condição da leitura e mediação pedagógica desse “ambiente” na escola. Compreendemos a dimensão do problema e elaboramos um cronograma de ações e encontros, junto ao coordenador do Projeto, além da formalização e inserção dessa instituição escolar no Projeto de Extensão em andamento.

Essas imagens e a totalidade de sua conjuntura ilustram a equação perversa na qual está estruturada a educação brasileira até os dias de hoje, segundo Saviani (2014): Filantropia + Protelação + Fragmentação + Improvisação = Precarização geral do ensino no país.

O resultado observável empiricamente é a precarização geral da educação em todo o país visível na rede física, nos equipamentos, nas condições de trabalho e salários dos profissionais da educação, nas teorias pedagógicas de ensino e aprendizagem, nos currículos e na avaliação dos resultados (SAVIANI, 2014, p.38).

De imediato, fizemos uma avaliação na Biblioteca Escolar da instituição de ensino, no intuito de estabelecer uma aproximação e verificar as possibilidades para alcançar o objetivo estipulado.

A partir disso, resultaram muitos avanços. A equipe de professores e alunos da Educação e Arquitetura do Projeto de Extensão da UEL, após visitas ao local e registro de imagens, coleta de dados e medidas do espaço da Biblioteca, encaminhou para a direção da escola o laudo técnico que alertava para as condições físicas precárias e o perigo iminente que o prédio apresentava aos usuários e funcionários. Com esse documento em mãos:

[...] a Diretora do IEEL fez articulações no Núcleo Regional de Ensino (NRE) visando captar recursos para a tomada de medidas emergenciais no telhado e teto da biblioteca, pois havia vazamentos tornando o ambiente úmido e afetando a saúde dos livros. Além disso, rachaduras nas paredes colocavam em risco a vida dos que nela trabalham ou a frequentam (BUFALO; SILVA; BORTOLIN, 2015, p.156).

Feito isso, outras ações foram encaminhadas: Visita contínua pelos integrantes do Projeto na escola, ouvindo toda a comunidade escolar (funcionários da biblioteca, alunos, professores, pedagogos); grupo de estudo mensal na Universidade envolvendo a temática; Encontros de Formação na Escola, provocando a discussão da relação da escola com a leitura.

Paralelamente realizamos aplicação de questionários, a fim de, sistematizar o conhecimento da realidade até a apresentação de um Projeto de Adequação Arquitetônica dessa Biblioteca Escolar para o corpo docente e funcionários da comunidade escolar.

É importante ressaltar que a inserção da escola nesse Projeto de Extensão trouxe inúmeros avanços, desde o atendimento à urgência da reforma estrutural até a discussão da necessidade de catalogação do acervo que trouxe para o Projeto e para a escola, integrantes do departamento de Ciência da Informação.

Com tanta movimentação, a integração entre os turnos de trabalho da Biblioteca tornou-se um desafio que até hoje a gestão procura articular, e a discussão da concepção pedagógica da leitura na escola tem sido cada vez mais aprofundada e integrada às práticas pedagógicas.

A atitude desse pesquisador em aceitar o desafio de acrescentar nossa escola no Projeto de Extensão mudou: nossas formações pedagógicas, nossos planos de ação, nossas discussões sobre o Projeto Político Pedagógico e principalmente, nosso olhar sobre as condições e as necessidades da nossa Biblioteca escolar.

Contudo, um ano após a entrega oficial do projeto com as adequações arquitetônicas para essa Biblioteca Escolar, elaborado pelo Projeto de Extensão, e apesar da direção da escola ter protocolado junto ao órgão competente uma solicitação de verba para realização do Projeto, até agora, nada foi disponibilizado. Ou seja, o Projeto continua no papel e as rachaduras do prédio, persistem.

Nesse sentido cumpri-nos explicitar algumas indagações que permeiam nossa experiência com a política de leitura e como ela chega na escola. O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) estabelece quatro eixos principais de orientação: 1 - Democratização do acesso; 2 - Fomento à leitura e à formação de mediadores; 3 - Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e 4 -

Desenvolvimento da economia do livro. Diante das orientações estabelecidas fica a inquietação sobre a concepção de democratização do acesso ao livro que essa política apresenta? Parece-nos que difere do conceito de democratização que compreendemos:

A sociedade democrática institui direitos pela abertura do campo social à criação de direitos reais, à ampliação de direitos existentes e à criação de novos direitos. Eis porque podemos afirmar que a democracia é a sociedade verdadeiramente histórica, isto é, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo (CHAUÍ, 2008, p.69).

A partir dessa concepção de democracia enfatizamos que a democratização de acesso aos livros não se restringe à distribuição desses objetos, ainda que se constitua extremamente positiva, essa ação, não pode ser fragmentada.

E, ainda que o Plano Nacional do Livro e Leitura divulgue a intenção de não se constituir como uma política pulverizada, é fundamental considerar a lição deixada por Lobato e, insistimos “Um país se faz com homens e livros” (FERREIRA, 2011, p.17).

Antes dos livros, precisamos das pessoas: dos mediadores de leitura, profissionais com formação específica para realizarem estritamente o significado dessa palavra que em nosso entendimento representa uma categoria:

Sob o ponto de vista da sociedade, as mediações concretizam e encarnam as ideias ao mesmo tempo que iluminam e significam as ações. No caso da educação, essa categoria torna-se básica porque a educação, como organizadora e transmissora de ideias, medeia as ações executadas na prática social (CURY, 1989, p.28).

O que está em jogo ao definir quais eixos serão priorizados na implementação da política é exatamente um projeto de homem, educação e sociedade. Em nossa experiência temos constatado o que Paiva apresenta em seus estudos:

[...] é possível afirmar que o pressuposto da democratização da leitura vem orientando as

políticas públicas e que, a cada programa, procura-se verticalizar as ações em prol da distribuição universal de acervos de literatura a todos os segmentos de ensino. Entretanto o que não se discute com suficiente clareza, e que a essa altura significaria um grande avanço, é nos perguntarmos se dispomos, realmente, de uma política de formação de leitores, com o conseqüente grau de investimento na formação de mediadores de leitura (PAIVA, 2012, p.16).

Embora a formação de mediadores de leitura seja o segundo eixo norteador do Plano Nacional, estamos redigindo esse texto imersos na prática profissional, falamos com a propriedade de quem está na escola antes mesmo da oficialização do Plano Nacional do Livro Leitura (BRASIL, 2006) e vivenciou as diversas fases da política de leitura direcionadas à educação.

Sendo assim, podemos relatar que apenas os livros chegaram, muitas bibliotecas são salas de aula ou outros espaços improvisados, muitas vezes em meio à escassez do quadro de funcionários, o profissional que fica na biblioteca é um professor afastado de sala de aula por motivos de saúde, razão essa, que o impossibilita a uma frequência regular no local de trabalho, pois encontra-se em tratamento médico.

Atualmente, em escolas onde não existe algum programa efetivo de formação de mediador de leitura e, nesse aspecto em relação a educação pública, temos conhecimento que ainda são poucas as instituições que são atendidas por um programa regular, o contexto não é diferente daquele relatado por Silva (2010, p.165):

Quando iniciei a intervenção na Rede Municipal de Ensino de Londrina, o quadro que se apresentava não era nada animador. De um lado, o Professor Regente de Oficina de Biblioteca (PROB) sentindo-se desvalorizado, com dificuldades para mediar a leitura na escola, sem orientações que pudesse auxiliá-lo a sentir-se mais seguro e intervir nos problemas cotidianos que surgiram no ambiente escolar. Por outro lado, a estrutura física da biblioteca que refletia o descaso dado à mediação

de leitura na escola, como informou a professora entrevistada nº 3, ao afirmar que trabalhar na biblioteca e contar histórias era sinônimo de professor incapacitado de reger aulas.

Teríamos ainda outros aspectos para serem discutidos, que provavelmente irão compor outro texto em outro momento. Do exposto até aqui, esperamos ter conseguido retratar quão desafiador tem sido trabalhar pela universalização da educação pública nesse país, principalmente em relação a ensinar a ler. Talvez seja essa, a atribuição mais perigosa da profissão e por isso tantas dificuldades:

De fato nossa profissão foi sendo crescentemente esquecida a partir dos anos 70, tendo sido acumulada em torno dela uma imensa dívida social de difícil – mas não impossível – solução no momento presente. Esse esquecimento vem escancaradamente demonstrado na pesquisa nacional “O perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam”, feita em 2002, envolvendo 5000 docentes de 27 unidades da Federação – entre outras descobertas lamentáveis, mostra-se que quase 60% nunca usaram um correio eletrônico, 60% nunca navegaram pela internet, 90% nunca participaram de uma lista de discussão através de correio eletrônico. Como explicar esse fenômeno senão nesse esquecimento calculado para atender aos interesses voltados à privatização do ensino, à exploração do país pelo capital internacional, pelo empobrecimento das condições do ensino público para manter as massas na ignorância? Daí nossa luta pessoal em prol de investimentos direcionados ao conjunto das organizações escolares públicas, incluindo aí a dignificação e a valorização dos professores [...] (SILVA, 2014, p.54-55).

Em suma, o que se tentou apresentar nesse relato, é que temos dimensão do tamanho do desafio que se constitui optar pelo trabalho com a leitura na escola pública. Conhecemos de perto os entraves.

Apresentamos exemplos de ações. Sabemos que vencemos barreiras, contudo, há muitas outras a serem derrubadas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Relatamos a experiência da prática pedagógica na educação pública com bastante realismo, consciência política e acima de tudo mobilizados pela perspectiva da mudança.

Mudança essa para muito melhor, muito além do que temos hoje. Afinal, nem temos tanto assim. O Brasil chegou ao Século XXI sem cumprir demandas mínimas e universais para o processo civilizatório contemporâneo.

Muitos profissionais que atuam na escola trabalham de acordo com suas condições, relatadas anteriormente, ou seja, submetidos às diversas situações precárias e, em consequência disso e por extensão, assim tem acontecido o ensino e as experiências e aprendizagens dos alunos.

Outras conquistas que de fato merecem e têm direito o povo brasileiro, devem acontecer e com a prioridade e urgência que o momento histórico impõe. Concebemos as mudanças que virão não como privilégios, mas como avanços históricos e legítimos no intuito de construir o país idealizado no legado de Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros” (FERREIRA, 2011, p.17).

Que as pessoas estejam em primeiro plano, que sejam contempladas nas proposições de programas de leitura com possibilidades reais de utilização dos livros, afinal, desde que os livros chegaram à escola, estamos nos empenhando para que seja possível realizar esse trabalho, ou seja, solicitamos ajuda da Universidade, obtivemos atendimento, mudamos e realizamos muitas ações, contudo, falta-nos a parcela do Estado, o projeto de Adequações Arquitetônicas, ainda não saiu do papel para que seja possível melhorar a condição de atendimento da nossa biblioteca escolar.

#### **REFERÊNCIAS**

ALIAGA, Renata. **A biblioteca escolar na produção acadêmica sobre leitura**: movimentos, diálogos, aproximações. 2013. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Disponível em:

<[https://www.fe.unicamp.br/alle/teses\\_dissert\\_tcc/arquivos/RENATA%20ALIAGA\\_VF.pdf](https://www.fe.unicamp.br/alle/teses_dissert_tcc/arquivos/RENATA%20ALIAGA_VF.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Caderno do PNLL**: Edição atualizada e revisada em 2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2014. Disponível em: <[http://antigo.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL\\_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660](http://antigo.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660)>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Cultura. **PNLL- Plano Nacional do Livro e da Leitura**. Vivaleitura 2006-2008. Brasília: MINC, 2006.

BUFALO, Katia Silva. **Acervo fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”**. 2012.

BUFALO, Katia Silva; SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. Processo de readequação pedagógica da biblioteca do IEEL. *In*: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 16., 2015, Londrina; SIMPÓSIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 6., 2015, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015. p.155-159. Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/RESUMO/SABERES%20E%20PRATICAS/PROCESSO%20DE%20READEQUACAO%20PEDAGOGICA%20DA%20BIBLIOTECA%20DO%20IEEL.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, Buenos Aires, n.1, p.53-76, jun. 2008. Disponível em: <>[http://revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/cultura\\_e\\_democracia.pdf](http://revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/cultura_e_democracia.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2019.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, Léo Pires. Monteiro Lobato: fazedor de leitores. *In*: REZENDE, Lucinea Aparecida. (org.). **Leitura infantojuvenil**: abordagens teórico-práticas. Londrina: EDUEL, 2011. p.1-19.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PAIVA, Aparecida (org.). **Literatura fora da caixa o PNBE na escola:** distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Unesp, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação:** significado, controvérsias e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2014. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Três textos curtos, mas pertinentes: o professor lendo e se lendo (se). *In:* SILVA, Ezequiel Theodoro. (org.). **Leitura de si, o professor enquanto pessoa.** Campinas: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014. p.31-58. (Coleção Hilário Fracalanza; v.6).

SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar e formação de leitores:** o papel do mediador de leitura. Londrina: EDUEL, 2010.



## Capítulo 3

### A IMPORTÂNCIA DOS LEVANTAMENTOS DE CAMPO: O CASO DO IEEL

*Teba Silva Yllana*

#### 1 INTRODUÇÃO

O Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL) funciona em um espaço físico composto por um conjunto de edificações, cujo núcleo principal vem a ser uma construção com uma tipologia<sup>1</sup> escolar tradicional, da década de 50: três pavimentos em U, abertos para um pátio central. Ao longo do tempo, a instituição foi adquirindo as construções existentes na quadra, até ocupá-la, integralmente, demolindo, reformando e construindo. Tudo, aos moldes de seu tempo, sem muitos acompanhamentos técnicos, resultando em um conjunto de construções bastante heterogêneo, com poucos espaços livres e vegetação exígua, contida em floreiras, dispostas nos eixos de circulação. Este procedimento reduziu área permeável da instituição ao jardim do acesso principal.

Embora haja esforço e cuidado na conservação do Instituto como um todo, a manutenção não é a mesma, havendo setores que recebem tratamento constante e outros que, devido a um período muito longo sem qualquer benfeitoria, se deterioraram, a ponto de estarem interditados ou semiabandonados, gerando um funcionamento aquém das possibilidades que a totalidade do espaço oferece.

A Biblioteca é talvez o caso mais significativo desta conduta. Localizada num dos setores mais antigos, no canto superior esquerdo do quarteirão, foi implantada em um conjunto de duas residências da década de 40, cujas reformas não promoveram uma requalificação tipológica, em outras palavras, elas permaneceram como residências, mas passaram a abrigar a função de uma biblioteca. A carência de manutenção periódica, foi gerando um acúmulo de patologias e,

---

<sup>1</sup> Tipologia em arquitetura é um sistema de categorização das edificações em que a funcionalidade é uma delas, assim temos construções residenciais, industriais, escolares, entre outras.

paulatinamente, os ambientes mais afetados foram sendo interditados. Este procedimento ocasionou a insuficiência de espaços para acomodar e acessar o acervo existente, além de não solucionar o problema. Somase, a este cenário, o crescente número de usuários e a modernização das legislações, relativas à acessibilidade e demais normas técnicas sobre o uso específico da edificação, resultando na necessidade de cuidados urgentes e especializados.

A ação do referido Projeto de Extensão *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação* teve início em 2012, em função da filosofia, daquela diretoria de ter como meta investimentos em projetos de leitura, assim como em parcerias entre a Instituição e família, e com outras instituições de ensino, num compromisso de aprimorar as condições de ensino e pesquisa de seus alunos e professores, além de perceber a necessidade de auxílio especializado, para poder atingi-la, por meio da extensão.

Na forma de extensão, as universidades conseguem prestar serviços técnicos especializados a uma comunidade externa, e proporcionar aos seus alunos, responsáveis pelo seu desenvolvimento, atuarem em um universo real, com problemas reais, obrigando-os a encontrarem soluções viáveis, que atendam as demandas, supervisionados por professores especializados.

Um dos focos do Projeto é a requalificação de bibliotecas escolares, com o intuito de estimular a leitura e os espaços de discussão e convívio em escolas públicas. O projeto tem caráter multidisciplinar, envolvendo as áreas de Educação, Arquitetura e Biblioteconomia, de maneira a encontrar soluções integradas para uma atividade que não pode prescindir de nenhum desses pilares, na busca de êxito.

O presente capítulo concentra-se na área da Arquitetura e na metodologia de projeto arquitetônico para ambientes em uso e que necessitam de uma requalificação tipológica, aplicadas à extensão universitária. Para alunos iniciais da Arquitetura, esta condição é bastante impactante, visto o contato direto e expressivo com o público, que sempre é hipotético.

O processo de projeto ensinado nas escolas de Arquitetura no Brasil, ainda seguem, grosso modo, os “cinco passos” descritos por Tim McGinty (1979) no clássico *Introdução à Arquitetura*.

O processo de projeto, como ensinado e conceitualizado nas escolas de arquitetura, inclui um número de passos para resolver os problemas em sequência. Basicamente, os passos são: Iniciação, preparação, confecção da proposta, avaliação e ação (MCGINTY, 1979 *apud* SNYDER; CATANESE, 1984, p.165).

Ao se iniciar um projeto arquitetônico seguem-se, em geral, as etapas propostas por McGinty (1979 *apud* SNYDER; CATANESE, 1984): na iniciação, que “[...] envolve o reconhecimento e a definição do problema a ser conhecido,” (p.165) onde se desenvolve um estudo prévio sobre o tema, para que se defina um programa de necessidades básicas que o conduza à preparação. Esta “[...] inclui a coleta e análise de informações sobre o problema” (p.166), é onde se faz a coleta de dados, que inclui levantamentos de campo, sendo um dos procedimentos mais significativos de todo o processo.

A partir deste ponto, parte-se para a confecção da proposta, “[...] um arquiteto informado está preparado para gerar ideias e fazer propostas de construção” (p.166). Em seguida, tem-se a avaliação, etapa importante do processo, onde as propostas são apresentadas para o cliente e demais envolvidos no processo, permitindo a discussão ampla de cada solução apresentada, para que o coletivo defina um projeto final. Observa-se que esta etapa pode conter várias apresentações até que se chegue a um consenso entre as partes. Caso o projeto seja aprovado e haja viabilidade econômica, se seguirá a etapa de ação que inclui: a execução dos projetos, que vai desde a documentação à obra, propriamente dita; e a reavaliação, atualmente denominada de avaliação pós-ocupação.

Este capítulo se concentrará na etapa de preparação, descrevendo a metodologia adotada nos levantamentos de campo da Biblioteca do IEEL.

## **2 METODOLOGIA ADOTADA**

A primeira consideração feita na estruturação da metodologia para o desenvolvimento dessa extensão foi o fato dele ser definido como um projeto de requalificação arquitetônica e estar em uso. Estas condicionantes, em contrapartida, tornaram os levantamentos de

campo mais ricos em detalhes a serem coletados e na vivência dos alunos extensionistas.

Os levantamentos de campo são de suma importância, em qualquer tipo de projeto de Arquitetura e Urbanismo, pois é onde se tem contato com a realidade do projeto a ser desenvolvido e seu entorno, observando-se desde as condições climáticas e morfológicas do terreno, até os hábitos e costumes da população que irá usufruir deste espaço. Essas informações são sistematizadas, para que se tenha uma visão da dimensão do trabalho a ser desenvolvido e quais recursos o projeto irá demandar. Várias são as técnicas adotadas nos levantamentos, dependendo da complexidade e dimensão dos projetos, porém os croquis, (desenhos à mão livre), as anotações sobre as primeiras impressões, os levantamentos fotográficos e as entrevistas, estão entre os recursos mais usuais entre os arquitetos<sup>2</sup> e urbanistas.

No caso do IEEL, sendo os alunos de Arquitetura, dos anos iniciais do curso, e a Biblioteca estar há muito sem manutenção, optou-se por se realizar visitas preliminares, com o objetivo de assegurar as condições para um bom desempenho. Dessa forma, foi realizada uma primeira visita técnica, no dia 16 de agosto de 2012, onde se avaliou as condições do local e o que deveria ser feito para o início da extensão. Em seguida, retornou-se à escola para verificação e análise da execução dos itens requisitados. Essas duas visitas, geraram dois relatórios: o primeiro, datado de 10 de fevereiro de 2013 e denominado de *Diagnóstico Preliminar* (YLLANA, 2013a); e o segundo, de 03 de agosto de 2013, denominado de *2ª Visita Técnica* (YLLANA, 2013b). No período em que ocorreram esses reparos emergenciais, as atividades da Biblioteca foram interrompidas.

Esses relatórios fizeram parte da coleta de dados dos alunos e contribuíram para delimitar o perímetro do projeto da requalificação arquitetônica, levando os alunos a não se ater apenas às edificações, mas também aos espaços adjacentes. Em paralelo, os alunos das outras áreas envolvidas, puderam ter acesso ao acervo da instituição e também iniciaram suas atividades.

---

<sup>2</sup> Arquitetos especializados no estudo da cidade.

Os alunos da Arquitetura foram divididos em dois grupos: *Edificações* e *Acervo*, com vista a facilitar o processo de coleta de dados. O grupo *Edificações* ficou responsável por: investigar a conservação das edificações, listando os danos encontrados; verificar os materiais e técnicas construtivas empregadas; analisar o entorno e suas relações com o conjunto compreendido pela Biblioteca. O *Acervo* ocupou-se em analisar a utilização desses espaços, verificando: fluxos, horários de utilização, número e idade dos usuários, observando também a qualidade de cada ambiente para atender às necessidades impostas. Para isso, deu-se atenção à iluminação e à ventilação dos ambientes, facilidade em se acessar o acervo, tipo de mobiliário utilizado.

### **3 DIAGNÓSTICO PRELIMINAR**

Conforme explanado anteriormente, o Diagnóstico Preliminar é resultante da primeira visita técnica realizada à instituição, cujo objetivo principal foi avaliar as condições da Biblioteca, para que fossem delimitados e quantificados os trabalhos a serem desenvolvidos. Este documento foi apresentado para todo o corpo discente envolvido no Projeto de Extensão, juntamente com a 2ª Visita Técnica, em forma de palestra explicativa, de apresentação e introdução da instituição em foco. Posteriormente, ambos os relatórios integraram a coleta de dados dos alunos de Arquitetura.

Nesta visita inicial foi feito o reconhecimento de todo o conjunto de edificações do IEEL, cuja aparência externa se encontrava em boas condições, seguindo um mesmo padrão cromático, o que contribuiu positivamente, para homogeneizá-las. Em seguida, as atenções foram concentradas nas antigas residências, que abrigam a Biblioteca. Logo na entrada, se verificou a existência de vários desníveis e uma rampa bastante inclinada, indicando que a acessibilidade seria um dos tópicos a serem estudados (Foto 1).

No mesmo espaço verificou-se que a sinalização indicativa da função daquelas construções era demasiado pequena e feita de papel, em caráter temporário. Desta forma, a comunicação visual também foi incluída no programa de necessidades a ser elaborado pelos alunos de Arquitetura.

**Foto 1: Vista externa da Biblioteca.**



**Fonte: Yllana (2012).**

O interior, contudo, revelava a realidade das edificações há muito sem manutenção: ambientes dominados pela umidade; vários espaços interditados; avarias irreversíveis no forro de madeira; ambientes mal iluminados e ventilação precária. Resultado: um uso muito abaixo do potencial edilício, onde as inúmeras goteiras, que se espalhavam pelo pavimento de acesso, obrigou a colocação de lonas plásticas sobre as prateleiras de consulta de livros, dificultando a locomoção e o acesso ao acervo.

**Foto 2: Forro danificado pela umidade.**



**Fonte: Yllana (2012).**

Embora de aparência pouco recomendável a um ambiente escolar, verificou-se que a umidade era proveniente de problemas na cobertura, e que a solução não requeria mão de obra especial, e poderia ser resolvida com uma intervenção concentrada na cobertura, que incluiria: limpeza e restauro do madeiramento do telhado; substituição de telhas e de todo o sistema de drenagem pluvial. Ao interior da edificação, caberia apenas a substituição integral do forro de madeira, irremediavelmente danificado pela ação da água, (Imagem 2), onde foi sugerido a colocação de um “[...] forro de PVC, material sintético, mais estável ao calor e à água, além de não necessitar de pintura, o que também o torna bastante econômico” (YLLANA, 2013a), e uma nova pintura.

Contudo, no pavimento inferior, já interditado, a condição era mais grave, devido a mesma raiz. Uma vez que as edificações não possuíam estrutura de concreto, construídas apenas com tijolos e rejantes permeáveis, elas eram bastante sensíveis à percolação pluvial<sup>3</sup>, que deteriorou e causou fissuras importantes em vários ambientes. Estes danos iriam requerer cuidados mais especializados, para que o uso fosse reestabelecido com segurança (Foto 3).

**Foto 3: Sala Interditada.**



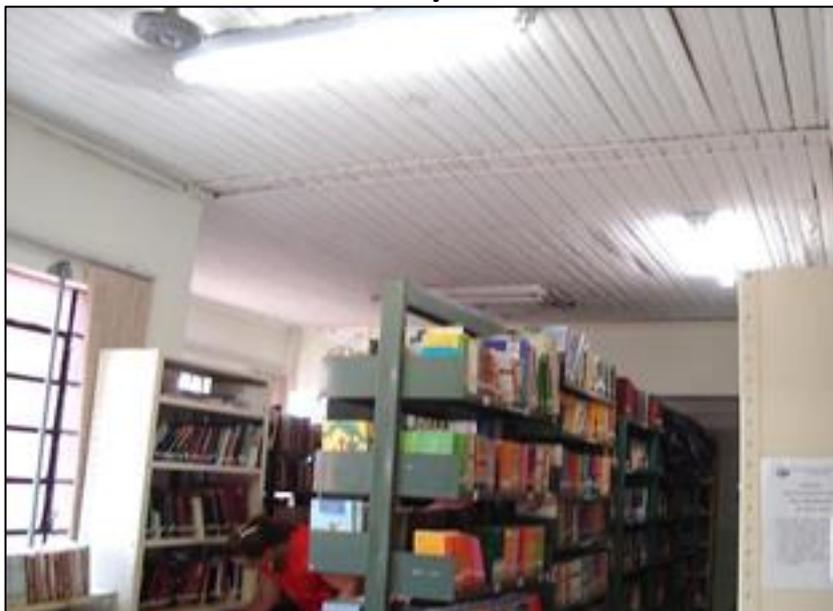
Fonte: Yllana (2012).

---

<sup>3</sup> É chamado de percolação pluvial caminho que as águas de chuva percorrem, de maneira subterrânea ou interna às superfícies, no caso, dentro das paredes.

Em decorrência da velocidade desses problemas, os funcionários perderam o controle sobre a disposição do acervo e muitos espaços viraram depósitos permanentes, salvando-se poucos ambientes, onde, no geral, o aspecto em nada estimulava à leitura, além do acervo estar na iminência de ser perdido (Foto 4).

**Foto 4: Distribuição do acervo.**



Fonte: Yllana (2012).

Alguns problemas menores, mas com potencial de causar acidentes graves, foram identificados como: a existência de interruptores com fios à mostra e ambientes de acesso irrestrito, principalmente, o banheiro da Biblioteca, estoque de material de limpeza, sem rótulos e de fácil apropriação, fatos que, embora contrariem as normas de segurança, são de resolução simples e imediata (Foto 5).

**Foto 5: Banheiro da biblioteca.**



Fonte: Yllana (2012).

Ainda no pavimento de acesso, verificou-se que vários ambientes, que faziam parte do acervo, foram se transformando em depósitos caóticos, com objetos provenientes dos mais diversos setores, que para escaparem da invasão crescente das águas, foram amontoados, destinados ao esquecimento e perda total (Foto 6).

**Foto 6: Improviso caótico.**



Fonte: Yllana (2012).

Continuando a visita, chegamos ao pátio, já mencionado, que correspondia ao recuo de entrada das residências, acessado pelo interior da biblioteca. Embora, abandonado, percebe-se, pelos fragmentos, ter sido um parquinho, espaço amplo, descoberto e com grande potencial de intervenção, podendo ser explorado no projeto e, por isso, foi incorporado ao perímetro de intervenção.

**Foto 7: Pátio da biblioteca.**



Fonte: Yllana (2012).

Como conclusão dessa primeira visita técnica, foi requisitado à diretoria do IEEL a execução dos serviços na cobertura e a disponibilização do acervo, considerados imprescindíveis, para o início dos trabalhos discentes.

### **3.1 Segunda Visita Técnica**

A direção da escola mostrou grande empenho no cumprimento dos serviços requisitados e seis meses depois, comunicou que poderia ser feita uma inspeção nas obras executadas para que fossem finalizadas e definirmos o início dos trabalhos discentes.

A escola providenciou a manutenção completa do telhado, conforme requisitado, assim como do forro de madeira, dos ambientes em uso, substituídos pelo de PVC (Foto 8) que, mesmo apresentando falhas na execução, contribuiu sobremaneira em relação à situação anterior, inclusive no que tange à iluminação.

**Foto 8: Forro de PVC.**



**Fonte: Yllana (2013b).**

Outro item bastante positivo e que estava em andamento nessa segunda visita foi a reforma do banheiro da Biblioteca, medida que, apesar de paliativa, uma vez que foi mantida a tipologia residencial, é muito importante, pois restabelece a segurança e agrega qualidade no uso. Algumas paredes e um sanitário, que abrigava livros e arquivos foram demolidos, (Foto 9) liberando espaço e proporcionado melhora considerável no fluxo geral da biblioteca.

**Foto 9: Paredes removidas.**



**Fonte: Yllana (2013b).**

Com esta visita, definiu-se que, mesmo sem a pintura, o espaço já poderia comportar as atividades da extensão, e que a partir daquele momento os alunos passariam a trabalhar juntamente com o IEEL, na melhora paliativa da Biblioteca, enquanto o projeto de requalificação arquitetônica fosse acontecendo.

#### **4 ATIVIDADES DISCENTES**

A partir de então, foi implementada uma metodologia de intervenção, baseada na interatividade dos participantes, onde; a partir de reuniões e palestras, todos os envolvidos no projeto, incluindo os professores e a diretoria do IEEL, colocaram suas opiniões, numa interação que permitiu aos alunos da extensão, opinarem e proporem o padrão cromático e o mobiliário, assim como alternativas de fluxos, acondicionamento, manipulação e disposição do acervo nesta fase preparatória.

Desta forma, a metodologia permitiu que as atividades fossem realizadas em um ambiente harmônico e produtivo, que superou a meta, que era o projeto de remodelação arquitetônica, proporcionando aos alunos a participação nas ações preparatórias, frutos dos levantamentos prévios.

As ações, conduzidas por esses levantamentos, levaram não apenas a melhoria dos espaços existentes, em função de um aumento imediato da autoestima dos funcionários, estimulando-os a reorganizarem o seu acervo, além da ampla limpeza, em todos os espaços abrangidos pelo perímetro de intervenção do Projeto de Extensão.

**Foto 10: Pintura interna.**



**Fonte: Silva (2017).**

É importante salientar que os levantamentos prévios, não substituíram os que viriam a ser executados pelos alunos de Arquitetura, apenas serviram de filtro, para que eles pudessem desenvolver toda a etapa de coleta de dados, a partir de espaços sem graves patologias e funcionando dentro de uma situação de normalidade. Essas atividades incluíram: medição de todos os espaços do perímetro, incluindo o pátio externo, o desenvolvimento individual do caderno de primeiras impressões, com anotações e croquis, entrevistas com alunos e professores.

Esse material foi a base do conjunto de peças gráficas, (plantas, cortes e elevações) suporte das ações projetuais, que layout se desenvolveram até 2014.

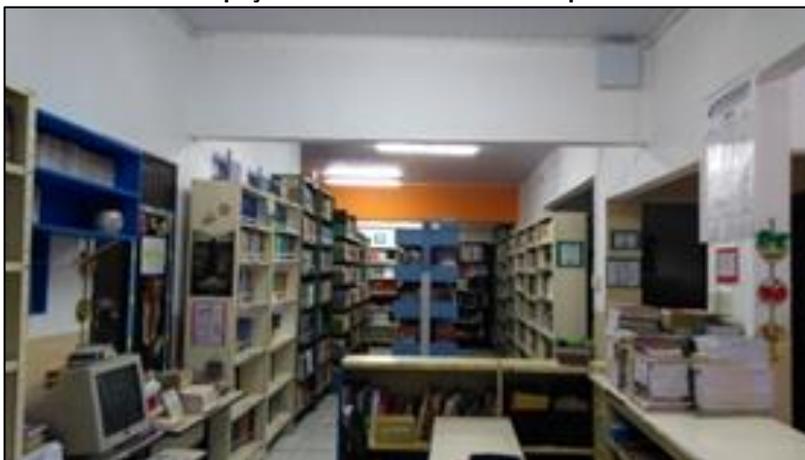
## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da ação extensionista, dois aspectos podem ser observados: um relacionado especificamente às metodologias adotadas; e o outro, de caráter mais orientador, trata-se de algumas sugestões para gestão de edificações especializadas, em geral.

O primeiro mostra a importância dos levantamentos de campo, no processo de projeto, onde as informações coletadas *in loco*, diferente de análises feitas através de documentos ou fotos, transmite a atmosfera real, onde a obra será realizada, podendo despertar a criatividade do arquiteto responsável e revelar potenciais camuflados. No caso do IEEL, a inclusão do pátio só foi possível em função desse procedimento, pois o foco da instituição estava contido apenas na edificação.

A análise das condições de preservação dos materiais construtivos é muito mais precisa, quando todos os sentidos participam, assim sentir sua temperatura, a rigidez, o odor e outros tantos elementos, são recursos imprescindíveis para as soluções encontradas, especialmente quando se trata de edificações antigas ou sem manutenção por longos períodos. A observação do ritmo e da atmosfera dos espaços em funcionamento também são importantes, tanto como fonte de novas ideias, como para listagem daquilo que deve ser evitado, portanto, nunca devem ser desprezados.

**Foto 11: Espaço resultante das atividades preliminares.**



Fonte: Silva (2017).

Pela imagem anterior, constata-se como o ambiente da biblioteca do IEEL se transformou em decorrência dos procedimentos extensionistas, refletindo-se diretamente numa resposta positiva por parte de seus usuários: os funcionários que se empenharam em limpar e reorganizar o acervo; e os alunos que passaram a frequentar mais o espaço.

O segundo aspecto refere-se à gestão preventiva das edificações. No caso de bibliotecas, ambientes ou mesmo edificações inteiras que guardam acervos, na maioria, compostos por materiais frágeis, que se deterioram rapidamente, seja pela ação do sol, da água ou de agentes biológicos, como ratos ou traças; o cuidado deve ser duplo, tanto da edificação, como de seu conteúdo.

Assim, a manutenção periódica das edificações evita que gastos expressivos ou a contratação de mão de obra especializada sejam requeridos, em caráter emergencial, como na situação apresentada. Mesmo a limpeza periódica do acervo e o monitoramento de suas condições de acondicionamento, ou seja, verificar se não está exposto ao sol, calor ou umidade excessiva, permite a redução da maioria dos agentes causadores de deterioração em acervos, e que tem o poder de se espalhar para o seu “invólucro”, danificando a pintura ou mesmo instalações elétricas inteiras das edificações.

Sabe-se das dificuldades enfrentadas pelas instituições brasileiras, no que tange à liberação de verbas ou recursos, mas é necessária uma postura reativa, ante a este cenário, como a exemplificada pela diretoria do IEEL que, mesmo antes de obter os recursos necessários para efetuar a requalificação arquitetônica, conseguiu, através das ações preliminares sair de uma situação emergencial e criar um interesse generalizado de seus integrantes pela melhoria da Biblioteca.

Hoje, dispondo de acesso à internet, as instituições podem contar com o apoio especializado, sem custos, como o site Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), um programa de preservação, que publica e distribui cadernos técnicos, com ações simples que podem ser implementadas nos programas de ação das administrações escolares.

Esses planos, ditos de Planos de Conservação Preventiva, são compostos de ações simples que se iniciam, acima de tudo, por uma mudança de mentalidade, no que se refere à gestão de espaços especializados, como os destinados à guarda de acervos, ou escolares e que envolve todas as escalas de funcionários da instituição, cada um com sua cota de deveres a cumprir, visando à qualidade integral do ambiente. Essas ações envolvem desde a armazenagem, manuseio e conservação de livros e documentos, o controle ambiental, até a inclusão de uma estratégia de planejamento emergencial.

Assim, o primeiro passo, talvez seja, apenas escrever as atividades realizadas, rotineiramente, em sequência lógica e coletivamente, incluindo essas ações preventivas básicas, a curto, médio e longo prazos, para que se definam prioridades, e políticas institucionais possam surgir a partir deste coletivo.

## REFERÊNCIAS

MCGINTY, Tim. Projeto e Processo de Projeto. *In*: SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony (Org.). **Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: Campus, 1984. p.160-194.

SILVA, Rovilson José da. **Acervo fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”**. 2017.

SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony (Coord.). **Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1984.

YLLANA, Teba Silva. **Relatório Técnico I**: diagnóstico preliminar. Londrina: UEL, 2013a.

YLLANA, Teba Silva. **Relatório Técnico II**: 2ª Visita Técnica. Londrina: UEL, 2013b.

YLLANA, Teba Silva. **Acervo fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”**. 2012.

## Capítulo 4

### PROCESSOS PEDAGÓGICOS E DINÂMICA DA EXTENSÃO: O PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DA BIBLIOTECA DO IEEL

*Felipe Martins Menck*  
*Giovana Takahashi de Oliveira*  
*Rovilson José da Silva*  
*Teba Silva Yllana*

#### 1 INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda o trabalho realizado no Projeto de Extensão *Formação do Mediador de leitura em escola pública*, no período de 2012 a 2016. Apresenta a estrutura interdisciplinar do projeto; as reuniões de estudo para formação e discussão a respeito de biblioteca, bem como o reconhecimento do espaço de biblioteca por meio de visita para se entender o espaço e suas funções. Assim, procuramos readequar espacialmente a biblioteca de uma escola pública da cidade de Londrina, no Paraná, com o objetivo de atender às necessidades de uso daquele ambiente pela comunidade da própria instituição de forma mais satisfatória, visando à produtividade.

O Projeto de Extensão foi realizado no Instituto Estadual de Educação de Londrina (IEEL) e teve como proposta a readequação espacial de sua Biblioteca escolar associada à mediação pedagógica da leitura, visando à formação de leitores. A proposta foi unir três diferentes cursos (pedagogia, arquitetura e biblioteconomia), cada um com sua especialidade, para a elaboração de uma biblioteca não apenas organizada espacial ou pedagogicamente, mas buscando transformá-la em um espaço acolhedor e agradável onde professores e alunos pudessem usufruir de um acervo completo e organizado. Devemos “[...] permitir que a biblioteca tenha espaço para que, ao ser usada durante e após as aulas, gere outro tipo de relação entre o cidadão e a leitura, o cidadão em formação e o conhecimento” (SILVA, 2012, p.163).

## **2 TRABALHO EM PARCERIA, RESULTADOS POTENCIALIZADOS**

Acreditamos que, para promover a conscientização sobre a importância do ambiente da Biblioteca para a formação de cidadãos, é necessário ter objetivos claros do que se quer realizar e envolver toda a comunidade escolar em um processo de reorganização, atuando em diferentes frentes para possibilitar essa integração espacial no cotidiano dos alunos e professores, através do trabalho multidisciplinar.

Grande parte do sucesso que vem sendo observado na reestruturação da biblioteca contemplada pelo projeto de extensão se deu pela atuação conjunta de três áreas do conhecimento: pedagogia, arquitetura e biblioteconomia. Essa abordagem garantiu segurança à comunidade escolar de que a reestruturação seria desenvolvida de forma a atender a seus interesses e objetivos pedagógicos, o que maximiza os benefícios dessa reforma, já que cada escola tem particularidades e necessidades diferenciadas.

A leitura de referenciais teóricos desenvolvidos por autores especialistas em diversas áreas do conhecimento tais como Vidulli (1998), Barbalho (2012), Silva (2012) e Silva *et al.* (2016) foram balizadores para a adoção da metodologia empregada no desenvolvimento do projeto arquitetônico, pois auxiliou na apreensão do espaço da biblioteca sob diferentes perspectivas e apontando para os diferentes aspectos que compõem os ambientes e suas necessidades para o uso escolar.

Paralelo ao subsídio bibliográfico, fizemos um levantamento de campo, com visitas guiadas pelos professores orientadores, juntamente com a direção da escola. Nessas visitas foi constatada a necessidade de algumas intervenções emergenciais prévias de manutenção, como a manutenção do forro e reparos no telhado e calha da edificação. A partir de então foi feito o reconhecimento dos espaços da biblioteca, com medições e elaboração de subsídio fotográfico, que auxiliaram a gerar os desenhos técnicos: plantas, cortes, elevações e maquetes eletrônicas, todos importantes recursos para embasar as propostas apresentadas para o ambiente.

**Foto 1: Medições no local.**



**Fonte: Acervo... (2013).**

Constatamos que muitos espaços estavam subutilizados, ao mesmo tempo em que o acervo permanecia em locais apertados e sem especificidade, impossibilitando os trabalhos de manutenção e catalogação do acervo, assim como o recebimento de novos exemplares, o que indicava a necessidade urgente de reorganização do espaço.

Num segundo momento, foi priorizado o contato com a comunidade escolar. Fomos divididos em três grupos para podermos visitar a escola em todos os turnos de funcionamento: manhã, tarde e noite. Desse modo, por meio da observação da frequência no espaço e do contato com diferentes membros da comunidade escolar (alunos, docentes e colaboradores) foi possível identificar a rotina e o perfil dos estudantes e funcionários, assim como suas expectativas e necessidades em relação ao espaço.

**Foto 2: Reunião após contato com a comunidade escolar.**



Fonte: Silva (2014).

Conhecer os usuários de um ambiente é essencial no processo de projeto, pois “A arquitetura, ao demarcar as fronteiras e limites do homem no espaço construído, opera de forma globalizante na relação espaço-tempo do fruidor e age ativamente sobre sua mobilidade corporal” (BARBALHO, 2012, p.95).

De nossa coleta inicial, constatamos que era necessário maior incentivo à leitura para que os alunos explorassem o acervo existente da Biblioteca e foram identificadas diferenças na utilização entre os turnos: os alunos da tarde frequentavam mais a Biblioteca que os alunos da manhã, por exemplo. Além disso, algumas sugestões para a readequação do espaço foram dadas espontaneamente pelos próprios alunos, como a mudança do local do balcão de empréstimo e melhoria de ventilação, entre outras que usuários frequentes do espaço, conhecedores das deficiências e possíveis potencialidades do espaço, poderiam dar.

Presenciamos, também, a visita de professores com suas turmas durante o período de aula na Biblioteca. Segundo relatos dos professores responsáveis pela Biblioteca, essas visitas foram se tornando mais frequentes após os contatos iniciais entre o Projeto de extensão e a escola, demonstrando a vontade de alunos e professores de se apropriarem desse espaço de conhecimento e descobertas que é a biblioteca escolar.

Num ambiente de biblioteca, a identificação do acervo, das mesas e do balcão deve ser fácil para todos, assim como se faz necessário que a área técnica; de catalogação, restauro, armários para arquivos e o espaço para funcionários estejam adequados. Nessa perspectiva, buscando esse entendimento, foi organizada uma visita à Biblioteca Central da UEL, onde foram vistos todos os ambientes necessários para uma biblioteca funcionar adequadamente.

Apesar de a Biblioteca Central ter uma escala maior que a biblioteca do projeto, a visita foi muito importante para se entender o mecanismo de funcionamento interno da Biblioteca e seus espaços intrínsecos, que normalmente não ficam à vista do público em geral. A partir do conhecimento adquirido, foi possível identificar e dividir os espaços dentro da Biblioteca do IEEL com mais facilidade.

**Foto 3: Visita à Biblioteca Central da UEL**



**Fonte: Silva (2014).**

Ao se projetar qualquer obra ou edifício, é muito importante procurar espaços projetados com funções semelhantes para se verificar as soluções adotadas naquele projeto. É o que chamamos de análise de correlatos, que pode ocorrer com base em bibliografias específicas ou

em visitas técnicas. No caso deste Projeto de Extensão, optamos pelas duas técnicas: visitas a bibliotecas em atividade e análise de correlatos de bibliotecas escolares e não escolares, nacionais e internacionais, com o intuito de identificar diferentes formas de organização espacial e usos. Como o Projeto de Extensão propõe a reforma de um edifício já existente com recursos limitados, foi necessário adequar e traduzir as boas ideias e inspirações apreendidas às condicionantes apresentadas da melhor forma possível.

### **3 TRAJETÓRIAS PRELIMINARES: DAS PRIMEIRAS IDEIAS AO DELINEAMENTO DO PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO ARQUITETÔNICA**

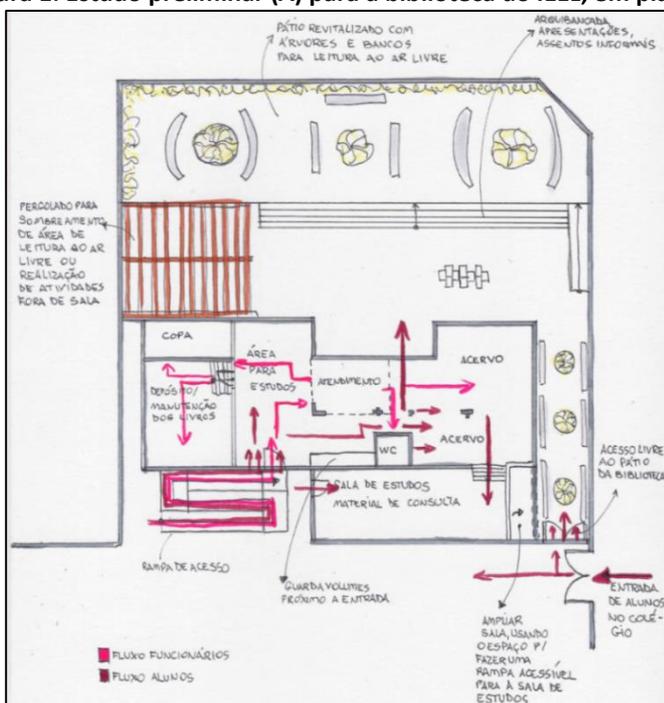
Os colaboradores do Projeto de Extensão (docentes, discentes, pedagogos e funcionários da escola) passaram pela formação nos ensinos fundamental e médio tanto em instituições públicas como privadas. Essa pluralidade na formação dos participantes do Projeto proporcionou o compartilhamento de distintas experiências vivenciadas no espaço da biblioteca escolar, reiterando a importância das oportunidades de uso e convivência proporcionadas pelo ambiente da biblioteca na fase escolar como elemento marcante para o desenvolvimento do aluno como cidadão. Apresentações entre os alunos, aulas diferenciadas ao ar livre, exposições de trabalhos produzidos na escola, assim como o uso do espaço da biblioteca de forma inovadora e atraente, são exemplos de momentos na vida do aluno que ele nunca esquecerá, e, ao inserir essas atividades dentro do espaço da biblioteca, é possível criar um vínculo especial entre aluno/biblioteca e aluno/leitura.

Uma atividade em comum nas experiências dos colaboradores do Projeto envolvia apresentações dos alunos, tais como teatro, paródias, jograis, entre outros, portanto foi percebida a importância de um espaço informal, com um funcionamento parcialmente independentemente do restante da Biblioteca e acolhedor a múltiplos usos, onde atividades como essas pudessem ser realizadas. No Projeto desenvolvido, a existência do pátio, localizado atrás da Biblioteca, que estava sem uso, permitiu a alocação de um ambiente com essa intenção naquele local.

Assim, cada colaborador elaborou um fluxograma de setorização e anteprojeto da Biblioteca. Desse modo, foi possível constatar como as experiências pessoais de utilização desse espaço de leitura e informação refletiram no processo de projeto de cada um. Muitas das ideias sugeridas nessa etapa, ao atenderem também as necessidades dos utilizadores da biblioteca, foram acatadas, aprimoradas e utilizadas no projeto apresentado à comunidade escolar posteriormente.

A seguir serão apresentadas, em forma de figuras, algumas das propostas realizadas pelos acadêmicos. Na Figura 1, por exemplo, são perceptíveis as alterações como: instalação de rampa acessível na entrada, a localização de áreas administrativas, a necessidade de revitalização para o uso e acesso da sala lateral e utilização do pátio externo como espaço de leitura informal, apresentações e intervenções socioculturais com acesso lateral.

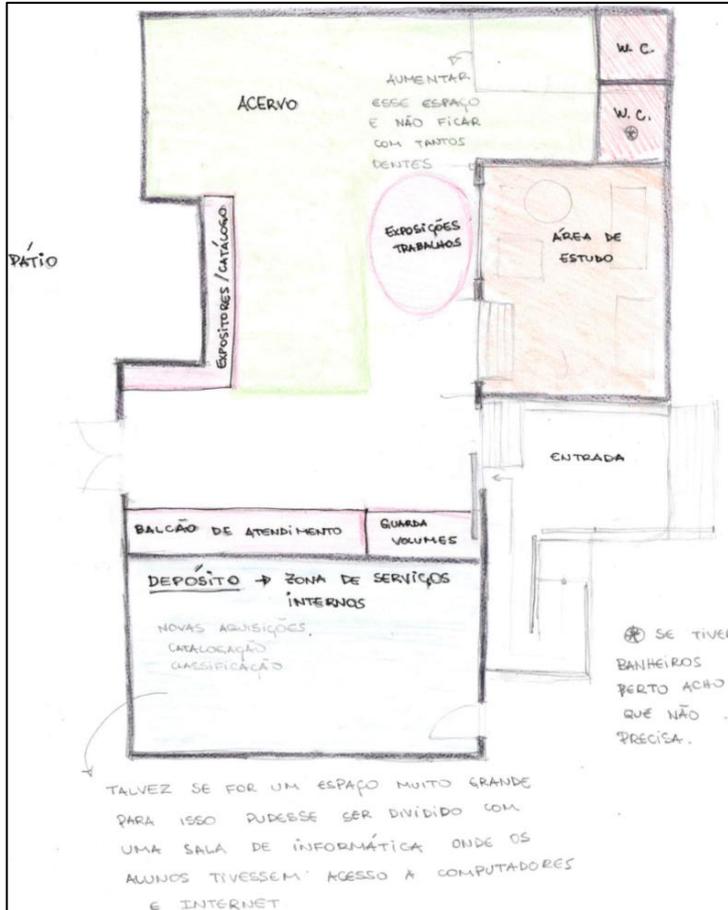
**Figura 1: Estudo preliminar (A) para a biblioteca do IEEL, em planta.**



Fonte: Ribeiro (2014).

Na Figura 2, é apresentada a alteração no local do banheiro para melhor aproveitamento do espaço e localização de acervo, depósito e área de estudo.

**Figura 2: Estudo preliminar (B) para a biblioteca do IEEL, em planta.**



Fonte: Oliveira (2014).

Verificando a área mais abordada na proposta de cada estudante nessa etapa, foram criados três grupos de trabalho distintos e complementares para a elaboração do anteprojeto, tendo como base,

mas não se limitando a ela, a metodologia proposta por Vidulli (1998, p.21, tradução nossa):

1 - refere-se ao funcionamento geral da biblioteca, isto é, à programação do serviço que, de acordo com o contexto e os usuários a que se destina, pode ser diferente em cada caso. As escolhas deverão acontecer levando em conta, entre outros aspectos, as possíveis mudanças nas necessidades dos usuários em médio prazo.

2 - refere-se à dimensão e aos requisitos que o espaço e mobiliário devem cumprir para permitir o correto desenvolvimento das funções previstas [...], assim como à distribuição de espaço que respeite a necessidade de inter-relação entre as funções (programas de edificação e de planejamento de espaço).

3 - refere-se à imagem da biblioteca, a sua qualidade formal, os materiais, as cores e as instalações, etc. Todos esses elementos devem estar em consonância com a legislação vigente para edificações de cada localidade.

4 - refere-se à escolha do mobiliário, os complementos, iluminação, equipamentos, etc.

Cada grupo ficou responsável por uma das fases apresentadas por Vidulli (1998), com exceção à primeira fase, pois a programação do serviço deveria ser norteadora de qualquer proposta desenvolvida pelos grupos designados, devendo refletir em todas as decisões tomadas para a elaboração do anteprojeto.

Assim, um grupo ficou encarregado da otimização da fluidez no espaço interno, por meio do rearranjo da localização dos setores da biblioteca e eliminação de eventuais barreiras físicas que impediriam a utilização plena do espaço, incluindo nesse âmbito os acessos da escola ao interior da construção, propondo soluções para garantir a acessibilidade.

Ainda foram identificados os sistemas construtivos utilizados na edificação original e expansões da biblioteca e, na sequência, foi realizado um levantamento preliminar dos elementos estruturais

presentes na Biblioteca, como vigas e pilares, que não podem ser relocados.

O outro grupo ficou responsável pela revitalização da imagem da Biblioteca e do pátio interno, adjacente à sua edificação. Para se redefinir a imagem da Biblioteca foi proposta, de forma lúdica, a aplicação na fachada de cores alegres e vivas, com materiais e texturas diferentes, como ripas de madeira, para transmitirem diferentes sensações a quem a visualiza. Na reconfiguração do pátio interno foram definidos usos para esse espaço, tendo como maior base as experiências pessoais dos colaboradores, bem como os estudos acerca do espaço informal, adjacente a uma biblioteca escolar destinada à criança e ao adolescente.

A definição de mobiliário e iluminação seguros e adequados aos usuários da Biblioteca, bem como análises de conforto térmico e ventilação, tarefas da responsabilidade do terceiro grupo. Foram realizadas pesquisas para definir os tipos de estantes, mesas, cadeiras e expositores com dimensões e materiais mais adequados para a faixa etária dos alunos que utilizam o local, tendo como referência mobiliários existentes, com dados fornecidos por fabricantes na internet. A definição dos mobiliários mais adequados levou em conta o conforto e a segurança dos usuários, e sua disposição no espaço foi proposta de modo a consolidar a setorização interior da biblioteca.

**Foto 4: Apresentação e compatibilização das propostas desenvolvidas pelos grupos.**



Fonte: Acervo... (2014).

A junção da pesquisa e definições dessa etapa resultou na elaboração de anteprojeto com linguagem gráfica bi e tridimensional, com o auxílio de softwares como *Google SketchUp* e *Autodesk AutoCAD*, entre outros.

#### **4 DISSEMINAÇÕES CIENTÍFICAS DAS ATIVIDADES DO PROJETO**

Desde o início das atividades do projeto de extensão, houve a apresentação e leitura de vasta gama de bibliografias, cada uma abordando diferentes perspectivas sobre o tema da biblioteca. Após a leitura de um texto ou artigo proposta pelos professores colaboradores, eram realizados debates e reflexões a respeito do que o autor estava querendo dizer e suas implicações para o projeto de uma biblioteca escolar. Essas leituras e diálogos posteriores contribuíram de forma determinante para a formação de um saber científico aos participantes do Projeto de Extensão.

Ainda nesse ambiente de formação do saber, os extensionistas eram constantemente impelidos a escrever relatórios parciais de atividades, potencializando, de certa forma, pela expressão da mistura da visão de mundo de cada um com os conhecimentos adquiridos com o embasamento teórico proposto pelos docentes envolvidos no Projeto, uma síntese reflexiva. Assim, gerou-se, desde os primeiros momentos, conteúdos que se tangenciavam no tema, mas possuíam notável diversidade entre si.

Um dos exemplos dessa síntese reflexiva pode ser encontrado no relatório parcial de Pacheco (2013) que, após a leitura de diversas bibliografias já citadas anteriormente nesse capítulo, expressa o seguinte comentário:

A biblioteca deve ser um espaço aconchegante, que ofereça bons motivos para que o leitor venha até ela. E para chegar neste ambiente aconchegante é preciso melhorar todos os aspectos estudados como a iluminação, circulação, disposição. Cada detalhe vai influenciar de alguma maneira a leitura.

Esse diálogo por meio da escrita, juntamente com a elaboração do anteprojeto em si, acabou gerando elementos passíveis de serem compartilhados e difundidos em publicações acadêmicas, como na revista *Informação@Profissões* (SILVA *et al.*, 2016), e a apresentação dos resultados do Projeto de Extensão em simpósios, seminários e congressos promovidos pela comunidade universitária, nas áreas temáticas da extensão e da educação (Quadro 1):

**Quadro 1: Participação em eventos**

IES	Evento	Autor/data
UEL	II Simpósio de Extensão Universitária Por Extenso	Silva e Yllana (2013)
UEL	III Simpósio de Extensão Universitária por Extenso	Silva <i>et al.</i> (2014)
UEL	IV Simpósio de Extensão Universitária por Extenso	Silva <i>et al.</i> (2015)
UEL	XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação	Silva, Conceição e Bortolin (2015)
UEL	XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação	Bufalo, Silva e Bortolin (2015)
Unesp/ Marília	Congresso Ibero-Americano de Bibliotecas Escolares (CIBES)	Silva, Yllana e Bortolin (2015)
UEL	V Simpósio de Extensão Universitária por Extenso	Silva <i>et al.</i> (2016)

**Fonte: Elaborado pelos autores (2018).**

A elaboração do material gráfico do anteprojeto para as disseminações propostas teve de ser feita de maneira criteriosa, pois a montagem dessas apresentações deveria levar em consideração o público leigo, não familiarizado à leitura de linguagem gráfica técnica, arquitetônica, mas conhecedor da área de educação, o nosso anteprojeto de forma didática e acessível.

Para estabelecer essa comunicação, foram utilizados elementos constituintes do Projeto na elaboração das peças gráficas confeccionadas, com a presença das cores escolhidas para utilização na fachada da biblioteca escolar nas transparências, por exemplo. A elaboração de material digital em três dimensões também ajudou a sedimentar a transmissão das ideias para os espectadores das

apresentações, aproximando-os de uma compreensão mais completa da escala e intenção de cada intervenção sugerida e sua importância no conjunto da reestruturação arquitetônica e pedagógica proposta.

Nos debates que acompanharam as sessões de apresentação, os colaboradores tiveram um contato muito positivo com outras pessoas não ligadas ao Projeto, pois elas contribuíram com suas opiniões, histórias e experiência sobre suas vivências de biblioteca escolar. É o caso de uma psicóloga, que assistiu nossa apresentação no evento *III Simpósio de Extensão Universitária - Por Extenso da UEL* e aprovou a preocupação de se retomar, no processo de Projeto, as experiências vividas em bibliotecas escolares pelos próprios colaboradores na época do ensino infantil e fundamental.

Outro exemplo ocorreu na *XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação*: uma ouvinte, professora de Matemática, após se aposentar, decidiu organizar a biblioteca de sua escola e compartilhou conosco a sua história. Quando se aposentou, resolveu mobilizar estudantes e familiares para organizar a biblioteca da escola onde trabalhava. Segundo seu relato, a participação e colaboração de todos da comunidade foi muito importante. Sua contribuição oral explicita a importância do entendimento da biblioteca escolar como espaço fundamental para o crescimento e o enriquecimento da formação dos alunos pelos docentes, e seu proativismo inspira.

**Foto 5: Evento *Por Extenso* 2015.**



Fonte: Acervo... (2015).

Em agosto de 2015, a proposta de anteprojeto foi apresentada ao corpo de professores do IEEL. Nessa oportunidade, os professores de todas as áreas do conhecimento puderam ter contato com o projeto arquitetônico proposto para a biblioteca de sua instituição de ensino. Essa apresentação trouxe um retorno muito positivo, pois foi possível expor para o corpo docente da instituição, o trabalho multidisciplinar desenvolvido no Instituto. Foram coletadas valiosas opiniões e sugestões, cuidadosamente avaliadas posteriormente. Após acompanharem a apresentação e conhecerem a proposta de reestruturação da Biblioteca, os docentes presentes foram convidados a conhecer esse ambiente antes da intervenção (Foto 6).

**Foto 6: Professores do IEEL visitam a biblioteca**



Fonte: Acervo... (2015).

Muitos dos professores de matérias não relacionadas à formação de leitores, que haviam frequentado a Biblioteca escolar poucas vezes durante seu exercício do magistério na instituição, ficaram surpresos negativamente com as condições encontradas na Biblioteca nesse dia e compreenderam, empiricamente, a urgente necessidade de se realizar mudanças naquela edificação. Desse modo, foi possível envolver ainda mais os principais agentes fomentadores da busca pela

leitura e pelo conhecimento no ambiente escolar no processo de reestruturação arquitetônica e pedagógica da Biblioteca do IEEL.

Torna-se evidente, portanto, a importância de cada etapa dentro de todo o processo de reestruturação de uma Biblioteca escolar. É possível se realizar um projeto arquitetônico para esse espaço sem o envolvimento de seus usuários, propondo mudanças no *layout*, renovação de mobiliário e outros ajustes. Porém, as etapas realizadas neste trabalho, como conhecer o funcionamento de uma biblioteca, entrar em contato com os alunos, professores e funcionários da escola para entender sua relação com o espaço e ainda apresentar a proposta à comunidade escolar foram fundamentais para aumentar a efetividade da reestruturação da Biblioteca, trazendo esse espaço de leitura, experiências e conhecimento mais próximo ao centro da vida escolar.

## REFERÊNCIAS

ACERVO fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2013.

ACERVO fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2014.

ACERVO fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2015.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. As cartografias da biblioteca. *In*: BARBALHO, Célia Regina Simonetti; SILVA, Rovilson José da; GOMES, Samir Hernandes Tenório; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN Editora, 2012. p.93-130.

BUFALO, Kátia Silva; SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. Processo de Readequação pedagógica da biblioteca do IEEL. *In*: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 16.; SIMPÓSIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 6., 2015, Londrina. **Anais Eletrônico...** Londrina: UEL, 2015. p.155-159. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/RESUMO/SABERES%20E%20PRATICAS/PROCESSO%20DE%20READEQUACAO%20PEDAGOGICA%20DA%20BIBLIOTECA%20DO%20IEEL.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

OLIVEIRA, Giovana Takahashi de. **Estudo preliminar (B) elaborado para a biblioteca escolar do IEEL, em planta**. Londrina: UEL, 2014.

PACHECO, Camila Buono. **Relatório Parcial das Atividades**. Londrina: UEL, 2013.

RIBEIRO, Giovana Luppi Pizarini. **Estudo preliminar (A) elaborado para a biblioteca escolar do IEEL, em planta**. Londrina: UEL, 2014.

SILVA, Rovilson José da. **Acervo fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”**. 2014.

SILVA, Rovilson José da. Projetar a Biblioteca da Escola: recomendações. *In*: BARBALHO, Célia Regina Simonetti; SILVA, Rovilson José da; GOMES, Samir Hernandes Tenório; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN Editora, 2012. p.157-172.

SILVA, Rovilson José da; YLLANA, Teba Silva. Formação do mediador de leitura da rede pública de educação: reorganização pedagógica e arquitetônica da biblioteca escolar. *In*: SIMPÓSIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA POR EXTENSO, 2., 2013, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2013. p.255-256.

SILVA, Rovilson José da; YLLANA, Teba Silva; BORTOLIN, Sueli. Mediação pedagógica numa biblioteca de escola pública em Londrina. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES - CIBES, 2015, Marília. **Anais Eletrônico...** Marília: Unesp, 2015. Disponível em: <<http://fontes.marilia.unesp.br/index.php/cibes2015/CIBES2015/>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SILVA, Rovilson José da *et al.* Mediações pedagógicas e a proposta de readequação espacial da biblioteca do IEEL. *In*: SIMPÓSIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA POR EXTENSO, 4., 2015, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2015. p.294-295.

SILVA, Rovilson José da *et al.* Pedagogia, Arquitetura e Biblioteconomia: processos pedagógicos para reestruturar uma biblioteca escolar. **Informação@Profissões**, Londrina, v.5, n.1, p.4-25, 2016. Disponível em:

<<http://www.uel.br/portal/frm/frmOpcao.php?opcao=http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SILVA, Rovilson José da *et al.* Projeto executivo para reforma e readequação arquitetônica da biblioteca do IEEL. *In: SIMPÓSIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA “POR EXTENSO”, 5., 2016, Londrina. Anais...* Londrina: UEL, 2016. p.473-474.

SILVA, Rovilson José da *et al.* Reestruturação arquitetônica e pedagógica da biblioteca de uma escola pública de londrina. *In: SIMPÓSIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA POR EXTENSO, 3., 2014, Londrina. Anais...* Londrina: UEL, 2014. p.237-238.

VIDULLI, Paola. **Diseño de bibliotecas:** guia para planificar y proyectar bibliotecas públicas. Gijón (Asturias): Tréa, 1998.



## Capítulo 5

### RACHADURAS PEDAGÓGICAS DA BIBLIOTECA ESCOLAR: UM OLHAR PARA A MEDIAÇÃO NA LEITURA

*Greice Ferreira da Silva*

*Adrielly Rocateli*

*Edméia Maria de Lima*

#### 1 INTRODUÇÃO

No cenário escolar, a diáde biblioteca/formação de leitores tem sido alvo de discussões que emergem nas pesquisas acadêmicas e trazem em seu bojo implicações de diferentes aspectos. Por um lado, atualmente ainda nos defrontamos com o fato da não existência da biblioteca em muitas das escolas brasileiras mesmo com a Lei Federal 12.244 de 24 de maio de 2010 que pretende garantir a sua criação e funcionamento até 2020 e, em contrapartida, quando há a presença da biblioteca na escola, muitas vezes é destituída da função a qual se destina. Em outras palavras, a biblioteca se constitui não como um espaço de relações (ARENA, 2011), mas como um espaço “guardador” de materiais de leitura – e de quaisquer outros materiais e objetos/depósito – que se restringe aos empréstimos/devoluções ocorridas com inexpressiva frequência.

Com relação a essa última, cabe indagar: Qual é o lugar ocupado pela biblioteca na escola? No cerne da possível resposta a essa pergunta, é que o Projeto de Extensão intitulado *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação*.

Este Projeto foi realizado no Instituto Estadual de Educação de Londrina (IEEL) e aprovado em 10/08/12 com o objetivo de oferecer estudo continuado aos mediadores de leitura que atuam na rede pública de Educação como agentes formadores de professores mediadores e que estavam envolvidos na escola com projetos de formação de leitores. Foi um projeto interdisciplinar que uniu as áreas da Educação, Biblioteconomia e Arquitetura e promoveu ações de

estudo, de diálogo e orientação que objetivaram a formação de leitores na escola pública.

Embora o Projeto tenha sido aprovado oficialmente na mencionada data, já ocorriam conversas com o IEEL desde abril desse mesmo ano, especialmente por meio de uma das coordenadoras pedagógicas da instituição com o intuito de realização do Projeto na referida escola.

Desde o início, houve a preocupação de conhecer e compreender o espaço do IEEL, da biblioteca, dos profissionais que desempenhavam suas funções nesse local – incluindo coordenadores e direção – bem como seu funcionamento, organização e outros elementos que se faziam essenciais para a efetivação do projeto e para poder pensar nas possíveis contribuições deste na vida escolar.

Foi constatado que a biblioteca escolar se encontrava em condições precárias e inadequadas tanto do ponto de vista do espaço físico – localização, condições do prédio, organização, acervo – tanto do ponto de vista da articulação entre as pessoas envolvidas em estabelecer relações entre os leitores e a leitura. A Biblioteca ocupava um lugar apartado das demais dependências da escola, numa construção deteriorada pelo tempo e pela não conservação. Não havia uma organização do espaço que possibilitasse o acolhimento dos usuários para que as leituras e pesquisas fossem realizadas naquele local. Havia rachaduras nas paredes que, além de comprometerem a estrutura física da biblioteca, comprometiam a conservação do acervo que era danificado também pela água da chuva que vazava pelas rachaduras.

A função do bibliotecário ou da pessoa encarregada de estabelecer relações entre os usuários e a leitura demonstrava incompatibilidade com as reais necessidades e o próprio papel da Biblioteca escolar uma vez que essas pessoas não apresentavam formação adequada para exercer essa função, aparentando descaracterizar o fundamental processo de mediação pedagógica da leitura.

Após uma primeira reunião com o grupo de pedagogos do IEEL, foram iniciadas situações de conversas com os membros da comunidade escolar. Essa escuta atenta e os diálogos estabelecidos se deram na tentativa de elaborar instrumentos de coletas de dados para

que se pudesse fazer uma caracterização da escola, das contingências do universo educacional e, principalmente da Biblioteca escolar, seus usos e implicações no processo pedagógico.

Os discursos proferidos pelos coordenadores naquela ocasião davam alguns indícios sobre a biblioteca escolar na instituição: “os funcionários da biblioteca escolar barram ações naquele local”; “espaço pequeno, barulho, por isso o professor não leva o aluno na biblioteca escolar”; “espaço morto, falta acolhimento”; “professores que não devolvem o livro emprestado”.

Diante desses primeiros discursos proferidos foram elaborados os instrumentos de coleta de dados, a aplicação desses instrumentos e a implementação de algumas ações iniciais, dentre elas, a orientação para a readequação do espaço da Biblioteca que envolveu desde a disposição dos móveis, a presença de placas de sinalização e cartazes informativos, a organização do acervo, a forma como se daria os empréstimos e as devoluções dos materiais de leitura, alguns reparos emergenciais na estrutura física e orientações para os profissionais que atuariam nesse espaço. As visitas periódicas do grupo do Projeto de Extensão ocorrem no intuito de acompanhar os desdobramentos das orientações convertidas em ações e buscar mudanças colaborativas nesse ambiente.

Em dezembro de 2015 durante uma visita à Biblioteca do IEEL foi possível verificar que muitas das orientações dadas já reverberavam naquele espaço. A Biblioteca apresentava condições mais adequadas em sua estrutura física após algumas reformas, espaço organizado e com capacidade de receber professores e alunos, estantes com placas digitadas indicativas do acervo presente. No entanto, ao caminharmos pelo local, constatou-se que havia estantes cobertas por um encerado e a pessoa responsável pela Biblioteca naquele momento, adiantou-se em justificar que as estantes estavam cobertas para serem protegidas das chuvas dos últimos dias, devido à rachadura na parede ainda presente mesmo com as reformas ocorridas.

Para além das mudanças observadas no espaço físico, nessa ocasião, foram observadas também por meio da conversa com as pessoas que atuam diretamente na Biblioteca e com a coordenadora do IEEL, o funcionamento, atendimento, as dificuldades encontradas, como, quando e por quem esse espaço é frequentado. Pode-se inferir

que a Biblioteca escolar não possui rachaduras apenas nas paredes, mas suas rachaduras também são pedagógicas e respingam nas interações não realizadas entre os alunos e a leitura, entre os professores e a leitura, nos interesses e nas necessidades que não são criadas porque as pessoas que atuam na biblioteca se limitam, quando não, aos aspectos técnicos desse trabalho. Nessas circunstâncias, a biblioteca escolar ainda não é um lugar privilegiado em que a mediação da leitura ocorre para contribuir com a formação leitora e humana.

As rachaduras pedagógicas aparentam ser profundas e requerem cuidados atentos porque somente poderão ser reparadas se, depois de compreendido a origem delas e o que as causaram, houver um planejamento intencional para implementar ações e propostas de restauração.

Diante do panorama geral sobre o Projeto de Extensão e da Biblioteca escolar do IEEL, será apresentada a trajetória da pesquisa em andamento, desde a coleta de dados. Em seguida, será abordado o conceito de leitura e de biblioteca que subsidiará a discussão dos dados coletados por meio da questão gerativa de narrativa em que serão analisados os discursos dos participantes com o objetivo de compreender os conceitos que tem sobre leitura, biblioteca escolar, mediação pedagógica na tentativa de posteriormente, propormos ações/intervenções que possam vislumbrar possíveis caminhos na tentativa de reparar as rachaduras pedagógicas.

## **2 A BIBLIOTECA ESCOLAR DO IEEL: A TRAJETÓRIA DA COLETA DE DADOS**

Desde as primeiras visitas, as conversas e observações no IEEL objetivaram a elaboração de instrumentos de coletas de dados para fundamentar o entendimento da situação real da Biblioteca escolar na instituição e, a partir desses elementos, propor ações de intervenção que contribuam no processo de formação de leitores e da efetivação da Biblioteca na escola.

Foi elaborado inicialmente um questionário com questões referentes ao conhecimento da existência da Biblioteca escolar, seu uso, a frequência do uso, a opinião quanto ao espaço, acervo e atendimento. Para a aplicação desse instrumento de coleta de dados considerou-se que houvesse um parâmetro para os aplicadores, uma

vez que o Instituto abrange três turnos, quase trezentos alunos e um grupo aproximado de doze pedagogas que apresentavam dificuldade para se encontrar e discutir a respeito das questões pedagógicas afetas ao IEEL – devido aos horários diferentes de trabalho, muitas vezes incompatíveis, que não contribuíam para o trabalho em conjunto. Essa dificuldade para a aplicação do questionário revelou alguns indícios iniciais da situação emergente, em especial, com relação à Biblioteca.

Foram aplicados dois modelos de questionários para dois grupos do Instituto, um dos alunos e outros de professores e de agentes educacionais e tinha por objetivos mapear como a instituição se relaciona com a leitura e a biblioteca em seu âmbito; verificar os aspectos positivos, as dificuldades e as necessidades que possam auxiliar no projeto de readequação tanto do projeto de formação de leitores quanto da Biblioteca da instituição.

A aplicação do questionário foi realizada em final de novembro de 2012 e, para tanto, foram elaboradas orientações preliminares para a equipe pedagógica a fim de padronizar a coleta de dados.

Uma das pedagogas que se disponibilizou desde o início do projeto a participar, reuniu as demais pedagogas para conversar a respeito dos critérios para selecionar os alunos para responderem o questionário.

Cabe ressaltar que a aplicação do questionário ocorreu no final do ano letivo em condições diversas: avaliações, recuperação, fechamento de notas, muitas atividades ao mesmo tempo, o que não possibilitou em alguns momentos que esse instrumento fosse aplicado segundo alguns critérios estabelecidos por Silva (2012) no documento *Critérios para seleção do grupo que responderá aos questionários*, por exemplo: “[...] é importante que o respondente esteja num local sem muita interferência, ele precisa se sentir confortável, não intimidado, à vontade, sem qualquer palavra que possa influenciá-lo nas respostas”.

Em fevereiro de 2013, membros do Projeto de Extensão, participaram da Semana Pedagógica do IEEL, formação dos professores do Ensino Fundamental a Ensino Médio envolvendo aproximadamente, 100 pessoas (entre todas as categorias que compõem a instituição: professores, administrativos, pessoal da biblioteca etc.).

Em agosto de 2015, foi apresentado aos professores pelo coordenador do Projeto de Extensão e membros do grupo/estudantes

de Arquitetura, o primeiro esboço do projeto de reestruturação da Biblioteca Escolar do IEEL. Na ocasião, a reunião ocorreu em três momentos:

- 1º - Apresentação do espaço da reforma arquitetônica: alunos da Arquitetura e coordenador do Projeto de Extensão;
- 2º - Ida à biblioteca depois das primeiras intervenções feitas tanto no espaço como no pessoal que atua nesse ambiente;
- 3º - Aplicação de uma Questão Gerativa de Narrativa, organizada e aplicada por uma professora membro do Projeto de Extensão para que os participantes pudessem opinar e expor ideias sobre a biblioteca escolar da instituição. Desse modo, a seguinte questão também se constituiu como um instrumento de coletas de dados:

*A biblioteca escolar, cada vez mais, é um dispositivo onde o estudante e o professor trabalham para ampliar seus conhecimentos. Quero que você me conte quais são as suas expectativas em relação à BE do IEEL. Gostaria, também, de saber se tem alguma sugestão para melhoria desse espaço.*

Diante do exposto, cabe esclarecer que a análise e discussão dos dados abordadas nesse capítulo serão realizadas por meio dos discursos oriundos dessa questão gerativa de narrativa.

A seguir, serão apresentados os conceitos de leitura e de biblioteca que subsidiarão a discussão sobre a mediação na leitura e a discussão dos dados.

### **3 A BIBLIOTECA E A MEDIAÇÃO NA LEITURA**

O funcionamento da Biblioteca escolar, o processo de formação leitora e a atuação pedagógica dos professores são subsidiados pelos conceitos que as pessoas envolvidas nesses processos e espaços possuem acerca de linguagem, de leitura, de biblioteca.

A linguagem é fruto da interação verbal entre os sujeitos (BAKHTIN, 1992), em outras palavras, a relação entre os interlocutores funda a linguagem. A linguagem deve ser vista em seu uso, na atitude responsiva do *outro* e, por esse motivo, deve ser compreendida a partir

de sua natureza sócio histórica. Desse modo, a concepção bakhtiniana de linguagem decorre do pressuposto de que o sujeito se constitui à medida que se relaciona com o outro, à medida que vai ao encontro do outro. Nesse sentido, a linguagem pressupõe trocas linguísticas dinâmicas numa situação e num lugar histórico e social concretos (BRAIT, 2005).

Disso resulta que a linguagem não é acabada, sistematizada e a língua é viva e se transforma constantemente devido a sua historicidade, pelo uso cotidiano, não podendo ser separada do fluxo da comunicação verbal. Segundo Bakhtin (1992), a língua vista em seu uso prático está vinculada a um conteúdo ideológico e, dessa forma, seus signos são variáveis e flexíveis e apresentam um caráter mutável, histórico e polissêmico. Para o autor, a língua está em constante movimento, em constante atualização porque se renova, se constrói e se reconstrói nas relações sociais.

A substância da língua é a interação verbal entre falantes, concretizada pelas enunciações (BAKHTIN, 1992). A enunciação, o ato de comunicação, tem um caráter social, e o produto dessa interação social é o enunciado. O ato de enunciar é o ato de exprimir ideias e sentimentos. Ao conceber o homem como um ser histórico e social, percebe a linguagem sob a perspectiva da situação concreta, relevando a enunciação e seu contexto. É no contato entre a língua e a realidade por meio do enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade (SILVA, 2009).

O enunciado faz parte de um universo de relações dialógicas inteiramente diferentes das relações meramente linguísticas. É uma unidade da comunicação discursiva, uma unidade de significação e por esse motivo se relaciona com a realidade, remetendo-se a outros enunciados reais, previamente produzidos (FREITAS, 1994). O enunciado se produz num contexto que é sempre social, entre duas pessoas socialmente organizadas e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído por um representante ideal, mas que “não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas” (BAKHTIN, 1992, p.112).

A língua reflete as relações dialógicas dos enunciados porque as relações entre enunciados são sempre condicionadas pela resposta de um *outro*, em outras palavras, o enunciado é sempre uma resposta a

um enunciado anterior. Todo enunciado busca uma resposta, uma atitude responsiva do *outro*. O locutor dá forma ao seu enunciado a partir do ponto de vista do *outro*. Desse modo, a palavra é o espaço compartilhado pelo expedidor e pelo destinatário (BAKHTIN, 1992).

“A categoria básica da concepção de linguagem de Bakhtin constitui-se na sua realidade dialógica” (FREITAS, 1994, p.137). Para o autor, toda enunciação é um diálogo, tanto na sua modalidade oral como escrita e cada enunciação já requer por si só, uma resposta e um contexto em que se dá.

[...] o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto (BAKHTIN, 1992, p.107).

Nesse aspecto, o diálogo ultrapassa a noção de mera conversa uma vez que considera a palavra dos interlocutores e as condições concretas da comunicação verbal. Dessa forma, Bakhtin (1992) destaca a natureza contextual da interação e o aspecto sociocultural dos contextos, nos quais se realizam as interações. Considera que todo enunciado é um ato responsivo cuja resposta é suscitada pelo contexto.

A prática de leitura e de escrita na escola integrada ao processo de ensino e de aprendizagem deve ultrapassar a artificialidade do uso da linguagem na sala de aula e dessa forma, permitir, pelo uso não-artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em sua modalidade oral e escrita (GERALDI, 1991). Para tentar superar essa artificialidade, é preciso assumir-se como um *tu* da fala do aluno, na dinâmica de trocas do *eu-tu*. O aluno marca sua manifestação linguística pelo eu-professor-escola, em outras palavras, sua voz não é a voz que fala, mas que devolve, re-produz a fala do eu-professor-escola. Ao entender a leitura como interlocução, o diálogo do aluno é com o texto, em que o professor atua como mera testemunha desse diálogo

(GERALDI, 1991). Como o professor é também um leitor, a sua leitura é apenas uma das leituras possíveis. Está presente em cada texto, portanto, a produção real de leitura e escrita, numa perspectiva dialógica, marcada por uma concepção de linguagem como forma de interação (GERALDI, 1991).

A leitura ocorre na atividade da própria língua em seu uso nas relações sociais, na interação do escritor com o leitor. Nessa perspectiva, a leitura é um objeto da cultura e, como tal, ocorre de forma dinâmica, que refuta, reflete, refrata e que promove o diálogo do leitor com o texto porque o leitor atua nele e tem uma atitude responsiva ativa (SILVA, 2009).

Nesse contexto, o conceito de biblioteca escolar não se restringe a um lugar físico de guardar materiais para consulta (ARENA, 2011), mas é entendida como um espaço de relações.

[...] Não bastam espaços, livros, materiais ideográficos e documentos guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca escolar. Não são os objetos físicos que dão a ela existência e vida. Não é somente com eles que se pode confirmar a existência de biblioteca na escola; mas é com as relações entre alunos, livros, bibliotecários, professores de biblioteca e professores de salas de aula que se pode conquistar o estatuto de lugar dos livros ou de biblioteca (ARENA, 2011, p.13).

Diante desse pressuposto, a biblioteca escolar somente existe, somente ganha vida se implicar necessariamente as relações entre alunos, professores, materiais de leitura, professores de biblioteca. E pensar a mediação pedagógica é pensar diretamente nessas relações; é pensar nas necessidades de leitura, de pesquisa, de interlocução, criadas nos alunos, nos professores, com e por meio do bibliotecário e/ou dos professores de biblioteca. Considera-se ainda que

O conceito de biblioteca escolar como contexto de relações entre professores, alunos, bibliotecários, livros e todas as outras mídias inclui o conceito de redes e de conexões, pelas quais sujeitos ensinam

e aprendem a praticar a leitura como múltiplas manifestações culturais (ARENA, 2011, p.14).

A biblioteca escolar como um lugar vivo de diálogo, de expressão, de constantes e contínuos interesses criados para produzir leitura como um objeto cultural. Nesse ínterim, a mediação na leitura se faz presente se os professores e bibliotecários estiverem envolvidos e conscientes do seu papel, se se sentirem parte desse processo, se criarem as condições adequadas e necessárias para que as relações se estabeleçam de forma intensa e dialógica.

Somente com livros mudos e sonolentos no escuro silencioso dos espaços eventualmente abertos a leitura não nasce, porque quem a faz nascer e existir são seus leitores com a mediação dos educadores da biblioteca (ARENA, 2011, p.14).

Discutidos os conceitos de linguagem, de leitura, de biblioteca e a importância na mediação na leitura, em seguida, será apresentado um recorte dos dados coletados por meio da questão gerativa de narrativa.

#### **4 O PROFESSOR E A BIBLIOTECA**

Na tentativa de discutir e refletir sobre a mediação pedagógica na leitura e algumas implicações desse processo na formação de leitores e na constituição da biblioteca como um espaço de relações, será apresentado alguns discursos dos participantes da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa serão denominados de Informante 1, Informante 2 e, assim, sucessivamente. Para o Informante 1:

*No aspecto pedagógico, acredito que a direção pensará “com carinho” a respeito do capital humano; afinal, de nada adianta a biblioteca ser “informatizada”, se o atendimento for feito por pessoas que parecem não se envolver com o trabalho a ser desenvolvido dentro de uma biblioteca. Às vezes, quando vemos à biblioteca (lugar que eu gosto muito), parece estarmos “incomodando”.*

Essa fala sugere que o espaço da Biblioteca existe, mas “[...] falta aquele que pratica a mediação entre livro e leitor especificamente em suas instalações: o bibliotecário” (ARENA, 2011, p.13).

No espaço da biblioteca escolar, considera-se o contexto de relações, estabelecendo diálogo, para que os sujeitos possam ensinar e aprender a prática da leitura como processo de manifestações culturais (ARENA, 2011).

O Informante 1 aparenta perceber o espaço da Biblioteca escolar de forma positiva: “lugar que eu gosto muito”. Mas, aponta que ainda é pouco utilizado. Segundo Arena (2011), de acordo com algumas pesquisas<sup>1</sup>, o acesso à biblioteca ainda é controlado. É preciso reagir contra esse controle porque a biblioteca escolar está carregada de conhecimento dialógico. Ela precisa funcionar adequadamente, precisa ser viva. Toda a comunidade escolar (interna e externa) precisa ter acesso e se sentir pertencente a esse espaço.

A preocupação em relação ao mediador de leitura também está presente na fala do Informante 16: “As minhas expectativas em relação à biblioteca são: ter um ambiente arejado, um bom acervo de livros, espaço adequado, envolvimento das bibliotecárias em projetos de leitura e um atendimento agradável”.

Cabe destacar que o bibliotecário tem papel fundamental nas escolas, de mediar as práticas de leitura. A biblioteca traz com ela a cultura histórica de relação entre leitores e livros. Deve ser “um espaço da cultura, de produção de leitura, de produção de textos escritos e de porto de partida para a navegação pelo mundo virtual” (ARENA, 2011, p.14).

Os mediadores e professores devem criar nos estudantes necessidades de leitura. Essas necessidades somente são criadas a partir das relações entre os homens, nas interações com o outro (ARENA, 2003).

Sem o envolvimento do bibliotecário ou do professor no trabalho da biblioteca escolar, sem criar as condições adequadas e necessárias para que alunos e professores a utilizem, sem conhecer e desenvolver seu real papel de mediador, sua função nesse espaço se perde, não se realiza.

O Informante 27 aponta em seu discurso que na biblioteca precisa ter “[...] bom atendimento por profissionais que conheçam o

---

<sup>1</sup> Pesquisa sobre o perfil cultural dos professores de ensino fundamental e sobre ações de desenvolvimento da leitura nos ambientes escolares. Grupo de pesquisadores da Unesp do Oeste Paulista – Fapesp/CNPQ, 2008 e 2009.

acervo ou serviço de informática para localizar o livro”. Segundo Arena (2011), apesar da promulgação da Lei Federal n. 12.244/2010, que dispõe sobre a necessidade da existência de bibliotecas nas escolas do país, ainda há necessidade de se efetivar uma política pública de adequação de lugares específicos para livros e formação de mediadores de leitura.

A efetivação de uma política pública para esse setor é fundamental para se estabelecer redes de conexões, num contexto de relações que envolva mediadores, professores, estudantes, livros e mídias. Sendo assim, é importante que essas redes de conexões se concretizem para que haja constantes práticas de leitura na cultura escolar, inclusive no espaço da biblioteca.

Por meio dos discursos dos informantes, pode-se perceber que existe uma possível intenção de que a biblioteca da instituição funcione adequadamente, principalmente quanto a sua estrutura física e de materiais. No entanto, a questão nuclear de toda a problemática instaurada se funda não apenas nas mudanças da estrutura/arquitetura do prédio da Biblioteca escolar, mas na questão da mediação pedagógica, nas relações que são estabelecidas para que as necessidades de leitura sejam criadas e para que a leitura seja produzida. Se somente as alterações na estrutura física fossem suficientes, professores e alunos fariam uso contínuo da Biblioteca para leitura, pesquisa e estudo já com as restaurações no prédio ocorridas até o momento, o que não se verificou de forma significativa. Já ocorreram algumas melhorias no espaço atual da Biblioteca, mas as rachaduras na estrutura física (paredes) e pedagógicas (mediação/relações) ainda permanecem.

Para que a biblioteca se efetive de forma viva e democratize o acesso à informação e ao conhecimento, é necessário que sejam criadas condições para que as relações com a leitura se estabeleçam de forma positiva, intensa, dinâmica e dialógica, de modo a promover aprendizagens e a humanização das pessoas. Desta forma, é essencial que a leitura ocupe lugar privilegiado na escola, seja na sala de aula, seja na biblioteca, uma vez que a escola é um lugar de formação dos sujeitos, um lugar da cultura mais elaborada (MELLO; FARIAS, 2010).

Reitera-se que o conceito dos participantes da pesquisa acerca da Biblioteca esbarra no conceito de leitura que possuem, na história

de leitura de cada um, nas experiências de leitura e com a leitura vivenciada na escola e/ou fora dela.

Segundo Arena (2003), as necessidades de leitura são criadas na relação com o outro, com o mundo.

Há necessidades provocadas pelas circunstâncias criadas pelas relações entre os homens, ancoradas no conhecimento que tem o leitor sobre o próprio conhecimento, sobre a língua e sobre as operações que estabelecem a relação grafo-semântica entre o leitor e o escrito (ARENA, 2003, p.60).

São as situações criadas e vivenciadas e as relações estabelecidas que provocam a necessidade de leitura nas crianças e que dão valor a ela. As pessoas se constituem na relação com o *outro* e é o *outro* que mostra e indica como a gente se constitui (SILVA, 2009).

Em consonância com esse pressuposto, Arena (2010, p.242) esclarece que as atitudes do ato de ler “são vitais para a formação do leitor e são desenvolvidas nas relações com os gêneros enunciativos porque são as relações culturais que orientam os modos de ler”.

A mediação pedagógica revela sua importância no espaço da biblioteca escolar, da sala de aula e da escola de modo geral, como pode-se verificar com o discurso do Informante 45:

*A primeira expectativa é a concretização do projeto. Além disso, a capacitação e disponibilidade de funcionários para atender às necessidades básicas da utilização da biblioteca por parte dos alunos e professores readaptados dos quais alguns deles não tem paciência com os alunos, tornando o relacionamento complicado [...].*

O Informante 45 aparenta reconhecer que a falta de formação e a disponibilidade de funcionário – geralmente professores readaptados – para atuar na biblioteca escolar, limita a utilização desse espaço por professores e alunos. Com relação a isso, Arena explica que

[...] durante os anos que medeiam 2010 e 2020, as bibliotecas escolares se equilibrarão sob as mãos do professor cronicamente adoentado, que foi designado, segundo critérios administrativos, para exercer um rol de funções compatíveis com sua formação, entre elas a de cuidar de livros. Tomada

essa situação como emblemática, leitura, docente designado, alunos e espaços com livros compõem um conjunto de relações merecedoras de atenção (ARENA, 2011, p.14).

Verifica-se que o professor designado ao trabalho muitas vezes é readaptado, que não possui ideia de como poderá executar o trabalho de mediador, conforme exposto anteriormente, porque sua formação não oferece condições para atuar nesta área. Necessita de uma formação continuada e da presença da equipe pedagógica para orientar o seu trabalho. Aprender sua função na biblioteca, que não é somente de guardar e emprestar livros, mas de ser um mediador nesse espaço, com o objetivo de contribuir para que a biblioteca se constitua como uma rede de relações (ARENA, 2011).

A Biblioteca ainda não conta com suporte tecnológico, como o uso de computadores para pesquisas, tanto para alunos, professores e até mesmo para o profissional que atua na Biblioteca, o que dificulta também o trabalho. Assim como o uso de televisão, DVD, retroprojeter, que o local também não possui. Como se pode observar nas sugestões de melhoria:

*[...] Sei das restrições orçamentárias, mas alguns computadores ajudariam o ambiente da biblioteca (Informante 40).*

*Inserir uma dvdteca e videoteca onde o aluno possa ver documentários ou ouvir músicas ligadas ao conteúdo acadêmico (Informante 49).*

*O projeto é excelente, na minha opinião necessita informatizar e também no espaço do fundo da biblioteca é um espaço sem nenhuma utilização, o que precisa urgentemente ser utilizado [...]* (Informante 48).

Como destaca Sobrino (2000) encontra-se atualmente a biblioteca escolar, como um centro de recursos multimídia da escola, onde estão os materiais impressos, como também os audiovisuais e os informáticos. Esses tornam-se suportes para a transmissão da informação, numa sociedade marcada pelas transformações tecnológicas e aberta para o futuro.

*O espaço deveria ser mais usado pelos alunos, professores e funcionários. Computadores para pesquisas, mais livros didáticos (Informante 11).*

*Minhas expectativas são de poder levar os alunos neste espaço tão importante dentro do ambiente escolar, e que eles possam se sentir incluídos, podendo estudar, pesquisar, discutir em um espaço agradável como o próprio projeto arquitetônico mostrou [...] em que os alunos possam entender a importância da mesma, buscando conhecimentos (Informante 19).*

*Penso que o espaço da biblioteca deve ser um local norteador das ações pedagógicas, um espaço a ser aproveitado por todos, quer seja na formação, quer seja na convivência com relação ao projeto, numa primeira impressão, parece-me bem elaborado e trabalhado. Penso, como sugestão, mudar a entrada do colégio seja mudada para a entrada próxima à biblioteca, como possibilidade de acesso da comunidade externa, e melhor visibilidade (Informante 37).*

Os Informantes 11, 19 e 37 apontam a utilização da Biblioteca de modo a envolver a comunidade. Aparentam reconhecer a sua função no processo de ensino e de aprendizagem, por supostamente entenderem que na maioria das vezes é a primeira biblioteca que as crianças terão contato. Que esse espaço poderá estabelecer relações com a toda comunidade escolar. No entanto, se reconhecem a importância da biblioteca e a necessidade de fazer uso desse espaço para o processo de ensino e de aprendizagem, uma contradição se revela: por que os professores não levam os alunos nesse espaço, não fazem uso desse local, uma vez que ela já existe? Informante 44 relata em seu discurso:

*Espero que o projeto se concretize em breve, e que professores e alunos se conscientizem da riqueza que se encontra no espaço da biblioteca, como instrumento de construção do conhecimento e aquisição da cultura acumulada ao longo do tempo. Tenho certeza que trará uma contribuição significativa a comunidade escolar do IEEL [...].*

Esse relato reitera os aspectos dos informantes anteriores apresentados. Por que vão esperar o projeto arquitetônico se efetivar? Se reconhecem o valor da biblioteca, já fariam uso dela mesmo nas

condições em que ele se encontra. A biblioteca tem seu espaço na escola, ainda que precise de melhorias. Ela possui um acervo, está instalada e tem disponibilidade para atender a comunidade escolar. Quais atividades os profissionais da comunidade escolar realizam nessa biblioteca? Esses discursos anteriores sugerem a ideia de que a biblioteca está invisível no local ou até mesmo que ela não existe, que os informantes participantes da pesquisa provavelmente não enxergam a biblioteca na escola, ou não a reconhecem como um espaço integrador e promotor de pesquisa, estudo, leitura, embora ela esteja fisicamente no espaço escolar há muito tempo. Arena (2011, p.14) discorre sobre esses enlaces constituídos:

O conceito de biblioteca escolar como contexto de relações entre professores, alunos, bibliotecários, livros e todas as outras mídias inclui o conceito de redes e de conexões, pelas quais sujeitos ensinam e aprendem a praticar a leitura como múltiplas manifestações culturais. Desse modo, cada criança com estatuto de aluno se tornaria um ponto na rede, assim como deveria ser em casa, com estatuto de filho.

Os informantes revelam que a Biblioteca não necessita apenas de melhorias na parte física, mas também na parte pedagógica, que precisa dar condições para um melhor trabalho realizado no local. Reconhecem que o acervo precisa ser explorado, e suas melhorias dependerão do interesse criado pelas pessoas que atuam na Biblioteca. Os informantes dão indícios de que as modificações na Biblioteca escolar não se referem apenas ao estético, mas também com a organização, orientação e desenvolvimento por parte da direção, com a equipe pedagógica.

*A biblioteca da escola é o espaço mais importante para que os alunos possam buscar o conhecimento, através de pesquisas no acervo existente. Embora hoje seja um local inadequado e pouco utilizado, se faz necessário realmente, além da concretização do projeto arquitetônico apresentado, investimentos na parte pedagógica se faz necessário para melhor aproveitamento do acervo e outros recursos, um incentivo por parte da direção da*

*escola e equipe para que os alunos se sintam atraídos a utilizar a biblioteca (Informante 7).*

*Que seja um ambiente em que o aluno sinta prazer em frequentá-lo, que seja para estudar ou simplesmente ampliar seus sonhos. A melhoria pode variar dependendo do interesse [...] (Informante 28).*

Alguns informantes apresentam possíveis sugestões sobre o uso da biblioteca que vão além da reforma no espaço físico, mas a criação de necessidade em todos os envolvidos (professores, alunos e funcionários). Uma reflexão e conscientização de como o trabalho foi realizado durante todos esses anos e como será realizado no futuro.

*Acredito que se esse projeto for concretizado possibilitará um grande avanço ao acesso e qualidade da educação e conhecimento. Uma das sugestões seria um projeto de leitura (Informante 24).*

*O projeto apresentado de readequação e reforma dos espaços, é fundamental. Acredito que, em um segundo momento, é necessário um novo projeto de conscientização para que os espaços pudessem ser melhor explorados e aproveitados tanto para os alunos como para os professores e funcionários. Deveria, inclusive, ser contemplado no planejamento a utilização, a renovação do acervo e o esforço de criar a cultura do uso do espaço como um hábito mais frequente e não como algo esporádico (Informante 47).*

*Esperamos que realmente o projeto proposto se realize da forma que foi apresentada na reunião. Poderia ser criado um projeto semanal para o incentivo à leitura e boa utilização do espaço da biblioteca (Informante 54).*

A esperança depositada no projeto de reforma vislumbra possibilidades educativas de formação efetiva de leitores. A cada narrativa, um grito de socorro, para que se atente a um lugar que está marginalizado na escola. Como aponta o Informante 31:

*A biblioteca deve, na medida do possível, ficar mais integrada a todo pátio central como se a passagem por ela fosse quase obrigatória e se constituísse, de fato, no coração da escola.*

Quanto ao conceito de leitura, os discursos nos dão condições para pensar como esses informantes veem a leitura. Relacionam a leitura ao gosto e ao hábito, como se o espaço de leitura na escola fosse somente o da biblioteca, e utilizado por uma única finalidade, ler livros para determinado objetivo da aula. Conforme afirma Arena (2003) essa criação de hábito, o desenvolvimento do gosto, o prazer e o estímulo à leitura são ações externas ao indivíduo, que são desencadeadas por agentes que buscam motivar, provocar ou estimular, como se, todas as ações fossem dominadas pelo indivíduo, como se todas as ferramentas estivessem disponibilizadas e como se as necessidades pudessem ser desconsideradas. Diferentemente de tudo isso, é possível entender que as necessidades não são criadas pelas ações pontuais de agentes externos, mas na relação que esse indivíduo estabelece com os outros, constituintes do tecido social, constituintes e constituídos **da e pela** rede múltipla do mundo escrito em que se enredam.

O conceito de leitura está além de ser um hábito, uma decodificação, um gosto. Lemos para entender as coisas que nos cercam. Para não nos limitarmos ao conhecido, a nossa área. Mas, para extrapolar o conhecimento, renovar e criar necessidades.

Lemos [...] porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida (BLOOM, 2001, p.25).

Algo se faz necessário pensar. Como se deu a formação desses leitores informantes? Foram criadas necessidades de leituras em suas vidas? Esses discursos possibilitam pensar sobre a relação que estabelecem com a leitura, sobre o seu uso, utilizando-a muitas vezes como pretexto, percebe-se na fala do Informante 64 quanto ao seu uso:

*[...] Pena que tem outros espaços também que necessita de melhorias, no meu caso a quadra esportiva, também poderia ser melhorada, este também é o nosso sonho.*

O informante utiliza-se do termo “no meu caso” pelo fato de ser professor de Educação Física. Permite pensar que o Informante 64 não faz uso da Biblioteca como um ambiente que promova aprendizagens, um ambiente de pesquisa. Dando a oportunidade desses alunos aprenderem de outra forma em sua disciplina. Permite pensar que se utiliza da condição de professor de Educação Física como um pretexto para não frequentar a Biblioteca, restringindo seu espaço a quadra esportiva. Como se a biblioteca não fosse também um ambiente de aprendizagem para sua disciplina, para seus alunos e para si mesmo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Londrina (UEL) por meio de uma pesquisa preliminar pôde compreender alguns aspectos da situação da Biblioteca escolar do IEEL e suas implicações na vida das pessoas que convivem na instituição. Diante disso, verificou-se a necessidade de promover um trabalho de intervenção que contribua na reconceitualização da Biblioteca.

A análise dos discursos dos informantes do IEEL acerca das expectativas em relação à biblioteca e sugestões de melhoria presentes neste capítulo denotam que a biblioteca ainda não ocupou seu verdadeiro espaço de rede de relações, pois é possível perceber que muito além das rachaduras na estrutura física (paredes), há “rachaduras pedagógicas” latentes no espaço da biblioteca.

Para que a Biblioteca exista, como espaço de mediações num processo de rede de relações é preciso que toda a comunidade escolar se una em busca de um objetivo comum, de transformar a biblioteca num espaço eficiente de diálogo entre materiais de leitura e leitor, sempre mediado por um(a) bibliotecário(a) ou atendente de Biblioteca (mediador de leitura). Dialogar com a comunidade escolar e envolvê-la na luta para uma efetiva mudança na biblioteca. A proposição de uma ação conjunta com pais/responsáveis, profissionais da educação, equipe de gestão, equipe pedagógica, professores, bibliotecários e inclusive os alunos, para que todos possam se constituir como membros da rede de relações e terem a sensação de pertencimento nesse processo.

Na tentativa de aparar as “rachaduras pedagógicas” ainda presentes na Biblioteca do Instituto, o Projeto de Extensão em parceria com a comunidade escolar pretende contribuir para que o espaço da Biblioteca se inicie e se efetive mesmo antes de ocorrer a transformação na sua estrutura arquitetônica, uma vez que o espaço físico da Biblioteca já existe e tem sido reorganizado. Por essa razão, é possível transformar a biblioteca num lugar de interlocução, de produção de sentido, de expressão em que as relações entre os alunos, os professores, bibliotecários, materiais de leitura ocorram de forma dialógica. Um espaço em que a mediação pedagógica se estabeleça de forma adequada e intensa.

Como propostas de ação, é possível indicar a formação continuada para professores e mediadores de leitura; projetos de leitura, aulas na Biblioteca, oficinas, dentre outras iniciativas em que a Biblioteca seja viva, dinâmica. Pretende-se por meio de ações de intervenção que a Biblioteca conquiste seu real lugar na escola e seja valorizada como espaço de manifestação cultural, como espaço de relações.

## REFERÊNCIAS

- ARENA, Dagoberto Buim. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída. **Leitura: Teoria & Prática**, v.29, n.57, p.10 -17, 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/37>>. Acesso em: 13 ago. 2016.
- ARENA, Dagoberto Buim. O ensino da ação de ler e suas contribuições. **Ensino em Revista**, Uberlândia, v.17, n.1, p.237-247, jan./jun. 2010.
- ARENA, Dagoberto Buim. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Atuação de professores: propostas para a ação reflexiva no ensino fundamental**. Araraquara: JM Editora, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5.ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. São Paulo. Objetiva, 2001.

BRAIT, Beth. **Bakhtin dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Unicamp, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1994.

GERALDI, José Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. *In*: GERALDI, José Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 6.ed. Cascavel: Assoeste, 1991.

MELLO, Suely Amaral; FARIAS, Maria Auxiliadora. A escola como lugar da cultura mais elaborada. **Educação**, Santa Maria, v.35, n.1, p.53-68, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/1603/898>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SILVA, Greice Ferreira da. **Formação de leitores na Educação Infantil: contribuições das histórias em quadrinhos**. 2009. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

SILVA, Rovilson José da. **Critérios para seleção do grupo quem responderá aos questionários**. Londrina: 2012.

SOBRINO, Javier García (Org.). **A criança e o livro: A aventura de ler**. Porto: Porto, 2000.



## Capítulo 6

### ANÁLISE, RECONHECIMENTO E PROJETO DE READEQUAÇÃO DA BIBLIOTECA DO IEEL: O TRABALHO EM EQUIPE

*Ana Carolina Saraiva Zamataro*

*Giovana Luppi Pezarini Ribeiro*

*Rovilson José da Silva*

*Teba Silva Yllana*

#### 1 INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta os primeiros contatos dos alunos do Projeto de Extensão “A formação do mediador de leitura da rede pública de educação” com a Biblioteca do Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL).

As fases iniciais de reconhecimento do local e aquisição de conhecimento teórico são fundamentais para a elaboração de um projeto compatível e coerente com o ambiente escolar e com todos os tipos de atividade que podem ser desenvolvidos no local.

A realização de um projeto de adequação para uma biblioteca exige conhecimento específico sobre este tipo de espaço, além de visita e observação *in loco*, a começar pela Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, passando por bibliografia a respeito de espaços de biblioteca escolar, com o objetivo de atingir o melhor resultado possível.

Será abordado como o projeto de readequação foi desenvolvido, ressaltando a importância do conhecimento adquirido e da constante supervisão dos orientadores, que mesmo nos deixando livres para criar, organizaram o processo de projeto de modo que ele atingisse os resultados desejados.

#### 2 RECONHECIMENTO DO ESPAÇO: ESCOLA E BIBLIOTECA

O Instituto ocupa um grande terreno na área central da cidade e é composto de um conjunto de blocos separados que abrigam diferentes funções. A biblioteca ocupou diversos locais na instituição,

que foram sendo substituídos com passar do tempo, de acordo com as necessidades de maior espaço e de condições mais propícias para os estudantes e funcionários além da preservação do acervo. Em várias dessas alterações de local, a Biblioteca foi implantada em salas inapropriadas e locais provisórios.

Atualmente, a Biblioteca do IEEL se encontra instalada em uma casa que está inserida no conjunto do Instituto, em um bloco separado das demais atividades da escola, como as salas de aula e a parte administrativa. Fica localizada próxima ao portão de entrada e à saída dos alunos e de frente para o pátio, muito utilizado pelos estudantes nos horários de intervalo.

A Biblioteca pode ser acessada por uma entrada principal voltada para um espaço aberto, interno ao Instituto, onde muitos alunos passam os intervalos das aulas. Possui também um acesso secundário, por um pátio interno, que a separa da rua. Este acesso se encontra fechado devido a situação de abandono do pátio.

Apesar do grande fluxo de pessoas nas proximidades, devido à entrada e saída de alunos, constatou-se que a relação dos estudantes com a Biblioteca era limitada, com pouco incentivo. Notou-se, também, o uso feito pela escola em uma das salas, que servia de depósito e do pátio da Biblioteca que os alunos não tinham acesso, configurando uma subutilização do potencial do espaço estudado.

### **3 DIAGNÓSTICO DAS PRIMEIRAS VISITAS À BIBLIOTECA**

Para o reconhecimento do espaço foram necessárias várias visitas à escola e à Biblioteca do IEEL. Inicialmente as visitas foram feitas pelos professores colaboradores do Projeto, onde foi realizada uma avaliação das condições da estrutura da Biblioteca.

Segundo relatório técnico elaborado por Yllana (2013), alguns pontos críticos deveriam ser reparados pela Instituição antes do início do projeto. Tais medidas foram citadas no relatório como básicas e imprescindíveis para o andamento do trabalho:

- 1 - Reparar as goteiras dos telhados;
- 2 - Pedir um laudo de um engenheiro sobre a fissura da sala inferior;
- 3 - Listar os acervos e como são utilizados;

- 4 - Organizar móveis, materiais e equipamentos que se encontram dispersos nos pavimentos inferiores;
- 5 - Limpar o mato que invade o pátio interno;
- 6 - Realizar uma limpeza em todo o conjunto arquitetônico que compõe a Biblioteca.

Essas medidas foram necessárias para a segurança e o bem-estar dos usuários, bem como a preservação correta do acervo. Foram classificadas como prioritárias, pois deveriam ser realizadas independentemente de qualquer medida tomada para o projeto da reestruturação. Apesar do caráter de grande necessidade demonstrado as medidas, nem todas foram tomadas imediatamente após a entrega do Relatório, como os forros danificados pela água que infiltrou do telhado que não haviam sido consertados até o início das visitas dos extensionistas ao local.

Assim, para a realização do projeto de reestruturação ocorrer de maneira plena, os extensionistas admitiram no início do trabalho que essas alterações já estariam realizadas no local.

### **3.1 Primeiras Visitas dos Extensionistas à Escola: início dos trabalhos de readequação espacial**

Após a avaliação inicial do espaço, os alunos do Projeto de Extensão foram divididos em grupos e fizeram visitas, com o objetivo de observar o local em horários distintos para entender o uso da Biblioteca durante todo seu período de funcionamento.

A primeira visita à Biblioteca foi breve e tratou-se do primeiro contato entre os alunos extensionistas e o local. Analisou-se como o espaço era dividido e utilizado, além do levantamento de fotos.

**Foto 1: Reconhecimento da área externa em desuso.**



Fonte: Acervo... (2013).

As visitas seguintes foram mais longas, por isso foi possível conversar com funcionários, professores e alunos que frequentavam o local, ter acesso a documentos como, por exemplo, jornais da escola que foram importantes para entender o papel da Biblioteca no Instituto.

Todo esse período dedicado ao reconhecimento do espaço foi fundamental, pois permitiu aos extensionistas entender como a Biblioteca funcionava e se organizava, qual é a sua importância para os alunos dentro da escola, quais os seus principais problemas e quais são os principais pontos a serem melhorados.

A Biblioteca fica praticamente esquecida pelos professores e pelos alunos. O espaço que poderia ser utilizado como complementar ao da sala de aula é utilizado por alguns poucos alunos que a frequentam por conta própria. Muitos dos alunos e professores nunca entraram na Biblioteca, como dito aos extensionistas por algumas bibliotecárias, e em conversa com estudantes foi relatado que uma parte deles não sabia onde ela ficava localizada.

### **3.2 Planta Baixa da Biblioteca do IEEL: da existente à reestruturada**

A planta baixa que a Escola possuía e disponibilizou para o Projeto estava desatualizada, faltando informações importantes e com elementos diferentes dos encontrados no local. Isso provavelmente se deve ao fato de que ao longo do tempo ocorreram várias mudanças no

espaço de maneira improvisada e os desenhos técnicos não foram devidamente alterados. Foi necessário realizar uma visita para coletar as informações e fazer o levantamento de todo o local, onde os alunos extensionistas do Projeto puderam obter os dados que faltavam e adequar a planta existente, incluindo todas as informações necessárias para projeto arquitetônico. Para auxiliar na visualização do Projeto, também foi gerado um volume em 3D da Biblioteca usando as mesmas informações coletadas.

### **3.3 Elaboração do Projeto de Readequação: interior, exterior e mobiliário da biblioteca**

Para a elaboração do projeto de readequação, os alunos foram divididos em três grupos com três alunos, sendo cada um responsável por uma parte: interior, exterior e layout. Apesar da separação em grupos, todos os alunos trabalharam compartilhando informações, pois o projeto era único e todas as partes estavam inter-relacionadas.

Nessa fase do projeto foram realizadas algumas aulas teóricas sobre bibliotecas ministradas pela professora Teba e professor Rovilson. Estas aulas apresentaram uma variedade de obras correlatas, contendo informações importantes para o projeto de reformulação da Biblioteca. Também foi realizada uma visita técnica na Biblioteca Central da UEL, onde foi possível observar na prática o funcionamento do local, assim como a separação dos espaços.

Esses processos foram importantes, pois, juntamente com o conhecimento adquiridos pelas visitas à biblioteca e a leitura de alguns textos, formaram a base de conhecimento para a elaboração do projeto. Os textos utilizados foram: *Diseño de biblioteca; guia para planificar y proyectar bibliotecas públicas* de Paola Vidulli (1998), *Projetar a biblioteca da escola: recomendações* de Rovilson José da Silva (2012), *As cartografias da biblioteca* de Célia Regina Simonetti Barbalho (2012) e *A arte de projetar em Arquitetura* Ernst Neufert (1976).

#### **3.3.1 Interior da Biblioteca**

O primeiro grupo de alunos ficou responsável pelo estudo de um novo fluxograma que englobasse o interior de todas as edificações da Biblioteca. No projeto, os extensionistas trabalharam,

principalmente, em uma nova setorização, encontrando o lugar mais adequado para cada função como, por exemplo, o balcão de empréstimo/devolução, as mesas para trabalho coletivo, os expositores, as estantes de livros e os espaços formal e informal para realizar leitura e estudos. Assim, foi criada uma nova organização para os ambientes dentro da Biblioteca, de maneira que o resultado final fosse um espaço mais organizado e agradável para seus usuários.

Juntamente com as mudanças, ocorreu a necessidade de modificar alguns elementos que já estavam construídos, como foi o caso das paredes, algumas precisavam ser retiradas e o acesso principal que precisou ser modificado para ficar dentro das normas de acessibilidade. Para isso foi incluída uma rampa, atendendo aos requisitos da Norma da ABNT 9050 de 2015, permitindo que cadeirantes, pessoas com necessidades especiais e ou com mobilidade reduzida possam ter livre acesso ao local. Todas as aberturas, como as portas, também atendem a mesma Norma, permitindo a passagem de uma cadeira de rodas ou de pessoas com muletas, por exemplo.

Além das adequações para atender pessoas com necessidades especiais, o local foi pensado para garantir que crianças e adolescentes que frequentam a Biblioteca possam segurança. Para isso, propôs-se a instalação de guarda-corpos e corrimões nos locais necessários.

A sala ao lado da Biblioteca, que faz parte de mesma edificação, era utilizada como uma espécie de almoxarifado, na qual estavam armazenados livros que não eram utilizados, cadeiras quebradas. A quantidade de materiais estocados nesta sala era abundante a ponto de impossibilitar o acesso em todo o interior do local.

No projeto de readequação o espaço da sala ao lado da Biblioteca foi modificado para abrigar um local de trabalho e descanso para os funcionários. Esse setor de serviço criado possuiria um lugar de estoque, catalogação, reparo e organização dos livros, com a finalidade separar as áreas de apoio com as do interior da Biblioteca, onde os alunos possuem acesso.

### **3.3.2 Exterior da Biblioteca**

O segundo grupo ficou responsável pelo projeto do pátio externo da biblioteca que já existia, mas estava praticamente

abandonado e se encontrava constantemente fechado, não podia ser frequentado pelos estudantes.

**Foto 2: Pátio da Biblioteca em situação de abandono.**



Fonte: Acervo... (2013).

Esse pátio pode ser compreendido em duas partes: um espaço principal e uma entrada lateral. O primeiro contendo apenas espaços vazios, brinquedos velhos de ferro e um pouco de vegetação decorrente do seu estado de abandono. Toda a parte do acesso lateral ficava isolada, pois era um lugar onde estavam acumulados entulhos de construção e lixo e não havia espaço para passagem. Para a readequação foi pensado um espaço de múltiplos usos, aproveitando todo o potencial da grande área abandonada. O projeto prevê uma arquibancada com um pequeno palco para apresentações de teatro, aulas ao ar livre, leituras, apresentações para os pais, dentre outros usos possíveis. Além disso, foi proposto o plantio de novas árvores com a finalidade de gerar mais locais de sombra e a implantação com bancos nestes espaços para leitura informal.

O acesso ao pátio foi pensado de forma a permitir que os alunos frequentem o local sem interromper o fluxo no interior da Biblioteca, além de ser um local de convívio social e interação com a natureza, promovendo a leitura e a criatividade, pois os alunos poderiam customizar um dos muros com pintura e desenhos.

### **3.3.3 Layoutização dos Novos Espaços**

O terceiro grupo foi encarregado de desenvolver um novo *layout* para a Biblioteca, que consiste em um processo no qual todo o ambiente é planejado levando em conta os usos e necessidades dos usuários. Também era de responsabilidade do grupo a criação de um projeto luminotécnico adequado ao novo *layout*, que foi produzido a partir do estudo da ventilação e iluminação (natural e artificial) existentes no local para saber quais eram as melhores medidas a serem tomadas a fim de se chegar às condições ideais.

O projeto de *layout* inclui principalmente a disposição do mobiliário no espaço, além de outros elementos importantes para a funcionalidade do local, como os corredores, passagens, distâncias entre os elementos que compõem os ambientes. O projeto foi realizado com base no projeto de remodelação desenvolvido pelo primeiro grupo.

No processo de seleção do mobiliário foi realizada uma pesquisa online em sites de lojas e fabricantes especializados em bibliotecas, escolas, empresas e escritórios. Para saber quais eram os tipos de mesas, cadeiras, estantes e expositores mais adequados para a faixa etária dos alunos que utilizam o local em termos de dimensões e materiais. Para o dimensionamento do mobiliário foram utilizados principalmente dois livros de referência: *Diseño de bibliotecas; guía para planificar y proyectar bibliotecas públicas* de Paola Vidulli e *A arte de projetar em Arquitetura* Ernst Neufert, os quais ambos apresentam, medidas de mobiliário e design adequados para ambientes escolares e de bibliotecas.

Foi criada uma planilha discriminando todos os móveis selecionados pelo grupo, tal como o fabricante e a referência, para garantir que todo o mobiliário utilizado na Biblioteca estivesse dentro dos padrões definidos, a fim de garantir o conforto e a segurança dos alunos.

Para o projeto foi necessária variedade de tipos de mobiliário, pois há vários ambientes dentro da Biblioteca e cada um deles exige características específicas. Em espaços de leitura informal, por exemplo, são necessários assentos mais confortáveis, como sofás e pufes, propícios para a interação entre os alunos; em ambientes que abrigarão

aulas e trabalhos em grupos, mesas grandes para vários estudantes; em ambientes de leitura formal, mesas individuais como objetivo de tornar o ambiente mais agradável para a leitura. Também é muito importante a existência de um guarda-volumes junto à entrada da Biblioteca para que o estudante possa guardar seu material escolar com segurança enquanto permanece na Biblioteca. O material de cada móvel foi igualmente levado em consideração para garantir conforto, durabilidade e segurança para seus usuários.

**Quadro 1: Mobiliário: especificações técnicas.**

<b>PRODUTOS BICATTECA</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CORES RECOMENDADAS</b>	<b>DIMENSÕES</b>
Multi guarda volumes duplo 10 portas	5510	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 60 x 185 x 45cm
Slit estante baixa face simples	7515	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 100 x 150 x 32cm
Slit carrinho biblioteca	7060	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 53 x 105 x 53cm
Slit módulo devolução face simples	7017	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 47 x 200 x 32cm
Study cadeira estudo	12087	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 53,5 x 81,5 x 51cm
Lounge estofado mini curve	8111	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 230 x 45 x 115cm
Lounge pufe curve	8112	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 52 x 45 x 52cm
Lounge estofado curve s/ encosto	8105	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 201 x 45 x 72cm
Lounge estofado curve reto s/ encosto	8107	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 150 x 45 x 72cm
Next estante face simples	12003	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 100 x 200 x 30cm
Next estante face dupla	12000	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 100 x 200 x 58cm
Next expositor face simples	12009	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 100 x 200 x 30cm
Duraline expositor duraline escamoteável base fechada	3030	Azul, bege, verde, alumínio fosco, vermelho	L x A x P 130 x 200/230 x 43cm
<b>PRODUTOS ESCRIBA</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CORES RECOMENDADAS</b>	<b>DIMENSÕES</b>
Cadeira escriba C3	C3	Vermelho, cinza, azul	-

avulsa			
PRODUTOS TOMBINI	CÓDIGO	CORES RECOMENDADAS	DIMENSÕES
Cadeira secretária	2007	Variadas – ver palheta com fornecedor	-
Cadeira secretária modelo 2007 com 4 pés	2007	Variadas – ver palheta com fornecedor	-
Cadeira secretária modelo 2007 com pé em 'S'	2007	Variadas – ver palheta com fornecedor	-
Cadeira secretária modelo 2008 com rodas	2008	Variadas – ver palheta com fornecedor	-
Cadeira secretária modelo 2008 com 4 pés	2008	Variadas – ver palheta com fornecedor	-
Estante para biblioteca dupla chapa 24	-	-	L x A x P 92 x 192 x 55cm
Estante para biblioteca simples chapa 24	-	-	L x A x P 92 x 192 x 55cm
Estante em aço na chapa 24	-	-	L x A x P 90 x 192 x 42cm
Roupeiro 20 portas	-	-	L x A x P 123 x 198 x 40cm
Cadeira secretária modelo 2008	2008	Bege	D x A 120 x 74cm
Mesa de reunião redonda	-	Bege	L x A x P 120 x 75 x 60cm
Mesa reta com tampo de 15mm	-	Variadas – ver palheta com fornecedor	-

Fonte: Biccateca (2016), Tecto (2016) e Tombini (2016).

Todo o mobiliário especificado foi escolhido de acordo com princípios da ergonomia, que é um estudo científico das relações entre o corpo humano e a máquina visando segurança e eficiência. Segundo Julius Panero e Martin Zelnik (2002), é necessário buscar a interface e adequação do corpo humano com os vários componentes do espaço interior. Para atingir tal objetivo é necessário compreender que a diferença de corpos entre uma criança de várias idades e um adulto e a diferença das atividades a serem exercidas em ambientes diferentes geram distintos tipos de necessidade para o mobiliário, de modo a alcançar a segurança e eficiência.

Na Biblioteca do IEEL as mesas e cadeiras encontradas eram de dimensionamento comum e material plástico, portanto inadequadas para a maioria dos alunos em idade escolar. Segundo Neufert (1976) a altura ideal para o assento de uma cadeira se dá entre 45 e 48 centímetros. Como exemplo, as cadeiras especificadas são um pouco mais baixas que cadeiras comuns, para possibilitar que os alunos possam encostar os pés no chão quando sentados, pois isso gera conforto ao usuário. As cadeiras “C3” da marca Escriba são empilháveis aspecto muito interessante para o ambiente, pois há a possibilidade de colocá-las reunidas em um espaço pequeno para a limpeza do ambiente ou para a realização de aulas ou atividades que requeiram maior espaço. Todas as cadeiras especificadas na planilha também possuem espaldar, o que propicia o conforto dos usuários.

A altura das prateleiras e expositores também foi pensada para o conforto e segurança dos usuários. Vidulli (1998) dá parâmetros para a altura dos expositores relacionados com o local onde estão: para prateleiras próximas à parede a altura máxima é de 2,10 metros, enquanto para as mais ao centro do ambiente a altura de 1,75 metros. Outro fator muito relevante para a determinação dos expositores e prateleiras é se estas apresentariam resistência e estabilidade suficiente para suportar o peso dos livros sem o risco de cair ou envergar.

As prateleiras escolhidas para o projeto são da marca Biccateca e são próprias para bibliotecas, escolhidas por atenderem todos os requisitos especificados, serem de fácil encaixe e possuírem variedade de cores, que quando bem trabalhadas no projeto ajudam a construir um espaço lúdico, favorável a bibliotecas escolares.

**Quadro 2: Mobiliário: especificações técnicas.**

PRODUTOS BICATTECA	CÓDIGO	ESPECIFICIDADES	QUANTIDADE
Multi guarda volumes duplo	5510	10 portas	4
Slit estante baixa	7515	face simples	3 - 5
Slit carrinho biblioteca	7060	-	1
Slit módulo devolução	7017	face simples	2
Study cadeira estudo	12087	-	30 - 40
Lounge estofado	8111	mini curve	1 - 2

Lounge pufe	8112	curve	1 - 2
Lounge estofado	8105	curve s/ encosto	1 - 2
Lounge estofado	8107	curve reto s/ encosto	1 - 2
Next estante	12003	face simples	8 - 12
Next estante	12000	face dupla	18
Next expositor	12009	face simples	2 - 5
Duraline expositor escamoteável base fechada	3030	04 / 05 prateleiras escamoteáveis	2 - 5
<b>PRODUTOS ESCRIBA</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>ESPECIFICIDADES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Cadeira escriba C3 avulsa	C3	-	30 - 40 + 20
<b>PRODUTOS TOMBINI</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>ESPECIFICIDADES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Cadeira secretária	2007	com rodas	5
Cadeira secretária modelo 2007	2007	com 4 pés	5
Cadeira secretária modelo 2007	2007	com pé em 'S'	5
Cadeira secretária modelo 2008	2008	com rodas	30 - 40
Cadeira secretária modelo 200	2008	com 4 pés	30 - 40
Estante para biblioteca dupla	-	chapa 24	18 + 4
Estante para biblioteca simples	-	chapa 24	8 - 12
Estante em aço	-	chapa 24	4
Roupeiro 20 portas	-		2
Cadeira secretária modelo 2008	2008	4 pés	30 - 40
Mesa de reunião	-	redonda	2 - 6
Mesa reta com tampo	-	15mm	12

Fonte: Biccateca (2016), Tecto (2016) e Tombini (2016).

O mobiliário também possui a função de auxiliar na setorização proposta pelo interior, cada ambiente requer tipos de móveis diferentes para atender as necessidades de uso. Algumas prateleiras, inclusive, são utilizadas no projeto como divisórias do espaço.

Uma dificuldade encontrada foi a falta de fabricantes de móveis específicos para bibliotecas infantis, em especial, na região de Londrina, portanto toda a pesquisa foi realizada via internet em sites de lojas e fabricantes nacionais e internacionais (como Tombini, Tecto e Biccateca), pois não havia a possibilidade de fazer visitas a fábricas ou lojas na cidade.

Com todas essas informações reunidas, foram realizados os desenhos técnicos do projeto arquitetônico, além de um modelo tridimensional digital no programa *Sketch Up*, incluindo a mobília e o pátio, o que permitiu aos alunos do Projeto de Extensão gerarem imagens e vídeos de como ficará a Biblioteca quando concluída, tornando a apresentação e visualização do projeto mais compreensível.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto final para a readequação da Biblioteca organizado pelos alunos do Projeto de Extensão visa que o local se torne mais adequado para os usuários, mais confortável para os funcionários e mais convidativo para os professores ministrarem aulas e frequentarem mais o local, além de oferecer uma área própria para leitura e interação social dos estudantes, ocupando adequadamente todos os espaços disponíveis.

O objetivo é atrair os alunos com um espaço confortável e que permita estudos em grupo, leituras individuais formais, informais e um espaço de convivência, sem perder as principais funções de uma biblioteca.

O projeto integra um novo interior versátil com um exterior agradável e convidativo. Além do cuidado com quem frequenta o local, os livros tiveram atenção especial: para eles foram reservados locais que respeitem as condições de armazenamento necessárias como, por exemplo, evitar a incidência solar direta sobre os mesmos e assegurar condições de ventilação satisfatórias. Também foi criado um espaço específico para os cuidados e restauros dos livros, que não existia anteriormente.

Com a finalização deste projeto, espera-se que o ambiente possa ser amplamente utilizado, suprimindo as carências da Biblioteca atual e trazendo vida aos locais que nem sequer eram aproveitados antes da reforma; também que os alunos, professores e funcionários

compreendam o local como toda biblioteca deve ser vista: um ambiente agradável e indissociável da educação e formação dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

ACERVO fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2013.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. As cartografias da biblioteca. *In*: BARBALHO, Célia Regina Simonetti; SILVA, Rovilson José da; GOMES, Samir Hernandes Tenório; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN Editora, 2012. p.93-130.

BICCATECA: **Mobiliário educacional e colaborativo**. 2016. Disponível em: <<http://www.biccateca.com.br>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

NEUFERT, Ernst. **A arte de projetar em arquitetura**: princípios, normas e prescrições sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades dimensões de edifícios, locais e utensílios. São Paulo: Gustavo Gili, 1976.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores**: um livro de consulta e referências para projetos. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

SILVA, Rovilson José da. Projetar a biblioteca da escola: recomendações. *In*: BARBALHO, Célia Regina Simonetti; SILVA, Rovilson José da; GOMES, Samir Hernandes Tenório; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN Editora, 2012. p.157-172.

TECTO: Catálogo Escriba. 2016. Disponível em: <<http://www.tecto.com.br/Empresas/Ver/153>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

TOMBINI. **Soluções para escritórios**. Disponível em: <<http://www.tombini.com.br>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

VIDULLI, Paola. **Diseño de biblioteca**: guia para planificar y proyectar bibliotecas públicas. Gijón (Astúrias): Tréa, 1998.

YLLANA, Teba Silva. **Relatório técnico I**: diagnóstico preliminar.  
Londrina: UEL, 2013.



## Capítulo 7

### A BIBLIOTECA E A LEITURA NO CONTEXTO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: ENTRE PONTOS E CONTRAPONTO

*Andréa Haddad Barbosa*

#### 1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo analisar e discutir o contexto dos termos biblioteca escolar e a leitura expressos no projeto político pedagógico (PPP) do Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL), dos anos de 2013 e 2016. Inicialmente, é pertinente uma pequena apresentação desse espaço escolar cuja inauguração se deu em 1945, a princípio com o nome de Escola de Professores de Londrina. Trata-se de uma das instituições escolares pioneiras da cidade (IEEL, 2013).

No decorrer dos anos a escola passou por várias mudanças tanto no espaço físico como na oferta de diferentes etapas e modalidades de ensino. A princípio funcionou em várias escolas de Londrina até se estabelecer em sede própria. Ao longo desse processo vai ampliando suas demandas e passa a atender não apenas a formação docente, mas a outros cursos profissionalizantes e também ao ensino regular. Junto com essas transformações o nome da escola sofre alterações, somente na década de 1970 passou a ter a denominação de Instituto de Educação Estadual de Londrina.

Vale destacar que a escola tem grande relevância histórica, durante um bom período teve a significativa responsabilidade na formação de professores das primeiras etapas de escolaridade, com um número bastante expressivo de estudantes. Com as novas demandas impostas pela sociedade, atualmente, a escola oferta os anos finais do ensino fundamental, o ensino médio, a formação de professores e cursos técnicos de administração, de contabilidade e de transações imobiliárias (IEEL, 2013).

A escola situa-se na região central de Londrina e o seu alunado é proveniente de diversos bairros da cidade. Em relação ao desempenho acadêmico tem apresentado índices superiores à média

nacional nas avaliações em larga escala. Embora seja um fato importante, ainda é necessário um empenho significativo da comunidade escolar (diretor, pedagogos, professores, funcionários, pais e alunos) no sentido de superar as metas estabelecidas pelo governo e a média nacional, e contemplar satisfatoriamente as prioridades e objetivos estabelecidos no projeto político pedagógico (PPP).

O PPP é um documento a ser construído coletivamente cujo objetivo é refletir sobre o âmbito escolar em sua totalidade. É uma ação intencional que deve envolver o coletivo da escola na reflexão e na definição dos aspectos filosóficos, metodológicos, políticos, materiais, identificar problemas e estabelecer metas a serem consideradas visando à melhoria educacional.

Para Vasconcellos (2007) tal documento tem como finalidade ser um meio de transformação da realidade, construir um sentimento de unidade com a comunidade escolar a partir da reflexão conjunta. O projeto é político, por refletir os interesses e necessidades de cada escola em específico e por assumir coletivamente o compromisso com essa realidade. É pedagógico, no sentido de definir ações de natureza educativa e formadora (VEIGA, 1998). O PPP é uma forma de expressão dos aspectos da cultura escolar.

Apesar de não existir uma única definição de cultura escolar, em linhas gerais, pode-se afirmar que

[...] a cultura escolar é toda a vida escolar: ações e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer. O que acontece é que nesse conjunto há alguns aspectos que são mais relevantes do que outros, no sentido que são elementos organizadores que a constituem e a define (VIÑAO FRAGO, 1995, p.69, tradução nossa).

A cultura escolar é formada pelo ambiente interno e externo e cada escola possui sua singularidade, de acordo com Viñao Frago (1995) existem culturas escolares. Nessa linha de raciocínio, a ideia que se tem de biblioteca escolar orienta a forma como esta é organizada, na sua dinâmica, na utilização do espaço e isto influi na construção de conceitos e valores pelos seus usuários. Uma biblioteca que é valorizada

no ambiente escolar, que é ativa e entendida como um lugar rico e dinâmico de aprendizagem favorece a criação e o desenvolvimento de um novo olhar e de uma nova forma de se relacionar com esse espaço.

Nos estudos apontados por Campello (2012), especificamente a pesquisa de Gary Hartzell e Kirsty Williamson, reforçam a importância de compreender e se aprofundar nos aspectos relativos à cultura escolar. Tais pesquisadores defendem a ideia de que a biblioteca não é um mundo à parte da escola, desconectada do projeto educativo e do contexto em que está inserida. Ao contrário, a sua dinâmica é influenciada por um conjunto de fatores que precisam ser identificados e compreendidos.

Ao analisar o PPP teve-se como foco identificar os sentidos atribuídos à biblioteca escolar e à leitura. Esse recorte se deve aos objetivos propostos no Projeto de Extensão *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação*, que de forma geral se propõe a orientar os mediadores de leitura, otimizar o acesso e a utilização da biblioteca escolar e contribuir na formação de leitores; de compreender o espaço escolar e sua relação com a biblioteca e a leitura realizadas pelos participantes do Projeto. Este texto limita-se à análise de alguns aspectos dos PPPs por compreender que tais documentos norteiam a ação pedagógica da escola e refletem as aspirações da comunidade, uma forma de expressão da cultura escolar. Nesse âmbito, no entendimento da biblioteca escolar como um espaço de aprendizagem e de formação do leitor, busca-se analisar de que forma ela está integrada à proposta pedagógica da escola.

Sendo assim, a seguir, serão analisados e discutidos o conceito de biblioteca escolar e de leitura a partir do que está exposto nos referidos documentos. O texto escrito contém mensagens que vão além das palavras, ou seja, fornecem indicadores que contribuem para a reflexão de ideias que estão subliminares ou subentendidas nas entrelinhas. A escolha das categorias biblioteca escolar e leitura surgiram a partir dos objetivos do Projeto de Extensão. Os dados foram retirados do PPP de 2013, disponível na internet, e no PPP 2016, disponível na escola. Definiu-se pela análise dos dois documentos no intuito de identificar se houve alguma mudança de um projeto para o outro. Em 2013, o Projeto estava em uma fase inicial. Para fazer o recorte nos textos, optou-se pelos recursos disponíveis no programa

Microsoft Office Word 2010, que possibilitou utilizar o sistema de busca de palavras, contagem e a discriminação por cores.

## **2A BIBLIOTECA ESCOLAR NO CONTEXTO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E OUTRAS POSSIBILIDADES**

O termo biblioteca escolar aparece nos dois documentos ao mencionar a existência desse espaço físico, o acervo, a competência dos profissionais responsáveis, a articulação com a equipe pedagógica, no plano de metas da escola e como conteúdo da disciplina de História.

Em relação ao espaço físico o PPP de 2013 se limita a evidenciar a existência de uma biblioteca na escola quando são apresentados o número de salas e outros cômodos. Embora no sumário do PPP conste um subitem específico para a biblioteca escolar (nº 23), não há nenhuma linha escrita que aponte sobre o trabalho realizado na biblioteca, o horário de funcionamento, os projetos e outros. Já no PPP de 2016, no item 23, há um texto que apresenta a biblioteca.

A biblioteca é um espaço pedagógico democrático com acervo bibliográfico à disposição de toda comunidade escolar. A biblioteca tem Regulamento específico, elaborado pela equipe pedagógica, aprovado pelo Conselho Escolar no qual consta sua organização e funcionamento. A biblioteca estará sob a responsabilidade do funcionário indicado pela direção, o qual tem suas atribuições especificadas no Regimento Escolar (IEEL, 2016, p.577).

Tal fato pode ser considerado como uma importante iniciativa e até mesmo como um elemento de valorização. Não apenas pela inserção do texto no documento, mas principalmente pela forma de caracterizar o espaço como pedagógico, democrático e à disposição da comunidade. Isso pode ser revelador de uma mudança na concepção de biblioteca escolar, aproximando-se do entendimento de biblioteca como um local de aprendizagem.

Quanto ao acervo, no documento de 2013, esse aparece discriminado junto com os recursos físicos da escola e aponta apenas para a existência de uma biblioteca escolar, na qual os títulos

direcionados ao professor estão alocados, não é mencionado sobre o acervo geral, conforme discriminado abaixo:

## **8.2 RECURSOS FÍSICOS**

- 29 salas de aulas
- 5 salas de aulas adaptadas
- 2 salas de multiuso
- 1 sala de Arte
- 1 sala de Educação Física
- 1 Salão Social
- 2 Laboratórios de Informática
- 1 Laboratório de Ciências (Química Física e Biologia)
- **1 Biblioteca Escolar (Acomoda também o acervo da Biblioteca do Professor)**
- 3 salas de Coordenação [...] (IEEL, 2013, p.25, grifo nosso).

Na Biblioteca do Professor são disponibilizados títulos de natureza didática e de aprofundamento teórico, encaminhados para escola por meio de um programa governamental. No Plano de Metas, disponibilizado no PPP (2013), está previsto reformar o telhado da biblioteca, ampliar o espaço físico e o acervo, o que reforça a preocupação quase que exclusiva com a parte física. Cabe destacar que a biblioteca se encontrava em condições físicas bem precárias.

No documento de 2016 é mencionado a disponibilidade do acervo à comunidade escolar e não consta mais como um objetivo a ser atingido no Plano de Metas, sugerindo que esse item previsto no PPP de 2013 foi concretizado.

O termo biblioteca escolar aparece de forma repetida nos textos das disciplinas de estágio supervisionado denominados de Prática de Formação nos diferentes anos que compõem o curso de Formação Docente, tanto no documento de 2013 quanto no de 2016. Os documentos ressaltam que o estágio poderá ser realizado, de acordo com a orientação do professor regente, em vários espaços da cidade podendo contemplar visitas aos museus, às bibliotecas, às universidades e outros. Não há nesses textos nenhuma menção explícita a esses lugares que ultrapasse a ideia de espaço físico.

O conceito de biblioteca escolar e de suas potencialidades vem ao longo dos anos sofrendo transformações, delineando novas perspectivas. Entretanto, ainda é muito comum o entendimento que limita a biblioteca escolar ao local onde se guarda e se empresta livros. Em casos mais extremos, um local no qual os alunos com problemas disciplinares são encaminhados para realizar atividades, muitas vezes, enfadonhas.

De acordo com Arena (2011) não são somente os objetos físicos disponibilizados em prateleiras e prontos para o empréstimo que dão vida a uma biblioteca. Uma biblioteca escolar efetiva, ou seja, que cumpre com suas funções, é um espaço dinâmico e rico em relações e aprendizagem. Para o autor, ela é um amplo espaço de relações e conexões a serem considerados pela escola: um local de cultura, onde se produz leitura, elaboram-se textos, realizam-se pesquisas diversas por meio de diferentes recursos. Em outras palavras, um ambiente onde se ensina e se aprende.

Pesquisas atuais revelam que as bibliotecas escolares em outros países cumprem com a função que ultrapassa a ideia de local que apenas promove a leitura, são espaços de intensa aprendizagem (CAMPELLO, 2012). Segundo a autora há uma mudança de entendimento que revela que esse ambiente possui várias possibilidades de aprendizagem que contribuem para o desenvolvimento cognitivo. Para que isso ocorra é necessária uma mudança significativa na forma de entender a biblioteca, na sua organização, na sua função e nas suas relações com toda a comunidade escolar.

Nessa perspectiva de biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, faz-se necessário um entrelaçamento desta no projeto de ensino defendido na instituição. Não como um espaço para armazenar livros, mas estabelecendo estreita relação com os propósitos da escola e o cotidiano da sala de aula e, desta forma, construindo uma conexão profícua com o corpo docente e discente. Vale destacar que o profissional responsável pela biblioteca não pode ser desconsiderado, pois é ele que pode dar vida a esse espaço fazendo a mediação de todo o material de consulta disponível com os alunos e os professores, um trabalho articulado com os objetivos educacionais defendidos pela escola.

Nas escolas estaduais do Paraná não há a contratação de bibliotecário, quem exerce essa função é o técnico administrativo, denominado agente educacional II, cuja formação mínima exigida é o ensino médio completo. A descrição das competências desse profissional está exposta de forma bem técnica, direta e pontual: organizar, cuidar e realizar o empréstimo do acervo a comunidade escolar, zelar e manusear os equipamentos, encaminhar sugestões para atualização do acervo, participar de cursos de formação profissional, entre outros. É apresentada a relação desse profissional com a equipe pedagógica na construção conjunta do regulamento da biblioteca e no auxílio à implementação de projetos de leitura discriminados na proposta curricular da instituição (IEEL, 2013, 2016).

Nas funções específicas da equipe pedagógica consta nos dois documentos envolvimento com a organização pedagógica na biblioteca escolar, na aquisição de títulos para compor o acervo e na promoção e incentivo a ações e projetos de leitura.

O fato de não ter o bibliotecário, com formação específica, para conduzir os trabalhos na biblioteca pode comprometer a sua execução. O ideal seria ter o profissional qualificado, porém, a realidade da maioria das escolas públicas não é esta. Entretanto, mesmo não tendo a realidade ideal, é possível otimizar o trabalho da biblioteca escolar. A partir desta lógica, é de extrema importância uma relação de apoio e de colaboração entre a pessoa que atua na biblioteca com a direção, com a equipe pedagógica e com os professores. De acordo com Campello (2012) a função educativa na biblioteca escolar pode ser muito mais significativa na medida em que se estreitam as relações com esses outros profissionais da escola.

A palavra biblioteca escolar teve pouca ocorrência no PPP de 2013 e de 2016. Cabe mencionar que o termo também foi discriminado como parte de um conteúdo da disciplina de História, no nono ano do ensino fundamental, que aborda sobre a formação do Estado e das instituições sociais e aponta para o surgimento das bibliotecas, dos cartórios, dos museus, dos hospitais e outros (IEEL, 2013, 2016). O mesmo não ocorreu com a palavra leitura, outro objeto de análise, que teve uma expressiva presença nos dois documentos.

### **3 A LEITURA NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A BIBLIOTECA ESCOLAR**

A pedagogia histórico-crítica é defendida pela escola. Tal perspectiva pedagógica foi idealizada por Saviani (1991) e didatizada por Gasparin (2002), essas referências embasam a linha de raciocínio defendida pela escola.

Nesse contexto, definiu-se com o coletivo escolar a necessidade de trabalhar todos os conteúdos pelos eixos de apropriação da língua materna (oralidade, leitura e escrita), mantendo o rigor dos cinco momentos da metodologia histórico crítica, contudo, veiculados pela prática da leitura, sobretudo da leitura aliada às áreas do conhecimento estudadas (IEEL, 2013, p.29).

Em linhas gerais, a proposta didática defendida por Gasparin (2002) está estruturada na teoria dialética, a qual é sustentada pelo tripé prática-teoria-prática. Isto é, parte-se do entendimento que a prática social é ponto de partida para desencadear o processo de aprendizagem. Nessa conjuntura a teoria ou o conhecimento científico torna-se necessário para o entendimento e o desvelar da complexa trama de relações existentes nas práticas cotidianas. Todo esse processo de leitura e estudo da realidade tem por finalidade a transformação social. De forma simplificada, parte-se de questões que estão direta ou indiretamente relacionadas ao cotidiano, por meio do conhecimento científico busca-se ampliar o entendimento e volta-se para prática no intuito de transformá-la.

Como base nesse entendimento, Gasparin (2002) elabora uma proposta didática direcionada ao espaço escolar que contempla cinco aspectos: prática social inicial do conteúdo, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final. Neste texto, será dada ênfase nas etapas: prática social inicial, problematização e instrumentalização, a fim de estabelecer relações profícuas com a biblioteca e a leitura.

A prática social inicial, de forma resumida, consiste na leitura preliminar acerca do conteúdo a ser ministrado pelo professor que deve ter relação direta ou indireta com a realidade do aluno. Nessa etapa,

considera-se a leitura de mundo inicial do aluno como um ponto de partida para se pensar, organizar e/ou reorganizar as demais aulas. É um momento importante no qual o professor pode ter uma noção dos conhecimentos dos educandos sobre o tema, aspectos que precisam ser aprofundados e interesses pessoais do alunado (GASPARIN, 2002).

O momento da problematização consiste em tornar o conteúdo desafiador e instigante. Em outras palavras, atribuir-lhe “vida” e complexidade. Vida, no sentido de que o conteúdo a ser estudado deixa de ser algo distante e sem sentido, passando a ser percebido como algo que está direta ou indiretamente relacionado à vivência do aluno. Complexidade, ao se compreender que a prática social e o contexto a ela relacionado é formado por várias dimensões que estão intimamente entrelaçadas formando o todo, tais como: a política, a economia, a cultura, a história, a geografia e muitas outras. Essa multidimensionalidade torna a análise das práticas sociais mais complexas. Na problematização cria-se a necessidade no aluno de buscar conhecimentos que vão além do livro didático, de forma a contribuir para um melhor entendimento e transformação da realidade vivida. Passa a ser necessário pesquisar, buscar outras fontes de informação. Com esse ponto de vista, a articulação entre a biblioteca e o trabalho do professor ganha relevância.

O trabalho articulado entre o professor e o bibliotecário, tendo como pano de fundo a pedagogia histórico-crítica, passa a ser potencializado ao se considerar a importância da pesquisa para o entendimento dos conteúdos que são problematizados pelo professor. É relevante destacar que as relações entre professor e bibliotecário pode se dar de diferentes maneiras, que segundo Campello (2009) varia de relação superficial à integrada.

A forma mais superficial consistiria em uma prática bastante comum na escola, na qual o professor passa o tema para o aluno e este vai à biblioteca. O bibliotecário, sem saber o que está sendo tratado em sala de aula, indica ao aluno um conjunto de bibliografias. Não há muito contato entre professor e bibliotecário.

A forma integrada consistiria numa relação de proximidade entre professor e bibliotecário, na qual se tem clareza do que está sendo trabalhado em sala de aula e dos temas das pesquisas que serão solicitadas pelos alunos. O bibliotecário consegue organizar o material

de pesquisa antecipadamente, no acervo físico e virtual, como também orientar na normatização dos trabalhos. O trabalho do bibliotecário passa a estar integrado aos objetivos pedagógicos da escola nas diferentes disciplinas.

Considerando o contexto escolar pautado na perspectiva histórico-crítica, a pesquisa escolar passa a ter maior importância, pois os conteúdos não são passados “prontos” para serem memorizados. Ao contrário, são problematizados com intuito de instigar o aluno a buscar informações que respondam aos desafios postos pelo professor.

A pesquisa escolar, quando bem elaborada e orientada, é uma estratégia que implica no ativo envolvimento do aluno no processo de busca da informação em diferentes fontes, físicas ou virtuais, na interpretação dos dados e na resolução do problema apresentado. Partindo dessa lógica, cabe mencionar a pesquisa de Oliveira e Campello (2016) que destacam a aprendizagem por meio da pesquisa escolar e a importância da atuação do bibliotecário escolar nesse processo.

As autoras realizaram um estudo sobre o estado da arte na pesquisa escolar no Brasil e apontaram algumas questões que merecem reflexão, principalmente quando se tem a pesquisa como um elemento que coaduna com a perspectiva pedagógica defendida no projeto da escola. O *corpus* da pesquisa foi composto por 24 trabalhos científicos sobre pesquisa escolar, no período de 1989 a 2011. A análise levou as autoras a apontarem um conjunto de situações que acabam por limitar o potencial de aprendizagem que pode ser desencadeado por meio da ação de pesquisar (OLIVEIRA; CAMPELLO, 2016).

Dentre os problemas elencados está a “falta de questionamento na pesquisa”. De modo geral, o professor apresenta para o aluno um tema a ser pesquisado, mas não problematiza o conteúdo e não estabelece relações com o cotidiano do estudante. Tal fato, de acordo com as pesquisadoras, além de não contribuir de forma significativa para a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento crítico, pode induzir o aluno a uma simples cópia do tema dado como também tornar a atividade desmotivante.

Outro aspecto revelado por Oliveira e Campello (2016) é a precariedade das orientações dadas tanto pelo professor quanto pelo bibliotecário. É uma prática bastante comum não passar informações

mais detalhadas sobre o que se quer e como se quer a pesquisa escolar, o que muitas vezes faz com que o aluno se sinta “perdido” para fazer a pesquisa. Campello (2009) defende a ideia de pesquisa orientada, que envolve a ação conjunta de professores e bibliotecários. A “pesquisa orientada é definida como a intervenção do professor e do bibliotecário, cuidadosamente planejada e supervisionada, para orientar alunos na exploração de temas curriculares” (CAMPELLO, 2009, p.42). Tal perspectiva, tem como um de seus intuitos contribuir para otimizar a aprendizagem dos alunos.

Sabe-se que muitos dos trabalhos escolares são realizados de forma bastante superficial e, muitas vezes, com pouco envolvimento cognitivo dos alunos. Parte expressiva desses trabalhos se resume a cópias literais e não há uma leitura mais atenta, o que não contribui para uma aprendizagem mais duradoura e significativa que possibilite ao aluno mobilizar esses conhecimentos em outros cenários. Para Campello (2009), o bibliotecário pode contribuir para tornar o trabalho de pesquisa mais elaborado, que ultrapasse a mera cópia, e com repercussões mais positivas para a aprendizagem.

Retomando a perspectiva pedagógica que sustenta as ações do IEEL e sua possível articulação com a leitura e a biblioteca será apresentada a terceira etapa da pedagogia histórico-crítica, proposta por Gasparin (2002). A instrumentalização é um momento bastante importante do processo, no qual a mediação do professor e também do bibliotecário vão contribuir para a construção dos conhecimentos científicos por parte dos alunos, sendo a pesquisa um elemento importante. É preciso relembrar que os conteúdos não são passados “prontos” para os alunos e sim problematizados implicando em uma postura muito mais ativa e intencional na busca de respostas.

Gasparin (2002) articula essa etapa ao conceito defendido por Vigotsky de zona de desenvolvimento imediato, denominado também por outros autores de zona de desenvolvimento proximal. Essa é uma etapa na qual o aluno necessita de apoio para realizar a atividade que foi apresentada para ele em forma de problema ou desafio. Nessa conjuntura, a leitura é um elemento essencial. A riqueza desse processo não se dá de forma espontânea, são necessárias uma organização e uma mediação efetiva de professores e bibliotecários. O aluno vai construindo seus conhecimentos a partir de seus saberes cotidianos e

se apropriando dos conceitos científicos. É um momento em que é possível estabelecer um conjunto de relações entre diferentes dimensões que envolvem o objeto de estudo.

O fato de ter nos dois documentos a leitura como um elemento que permeia o trabalho pedagógico, pode ser considerado como um aspecto bastante importante e que converge com a perspectiva pedagógica defendida pela escola. Cabe mencionar que o termo leitura nos referidos documentos aparece como um conteúdo específico das disciplinas de língua portuguesa, inglesa e espanhola. O termo também é identificado nas diversas áreas do conhecimento como uma atividade, como estratégia de ensino e de aprendizagem, como critério de avaliação e como habilidade ou domínio que possibilita ao aluno realizar leituras de mundo.

No documento de 2013 é constatado que parte dos alunos tem dificuldade de entender o que lê e a necessidade de implementar projetos de leitura. Mas cabe ressaltar que há vários projetos de leitura direcionados para curso de Formação docente em nível médio:

**Projeto de Leitura:** Coleção Raízes e Asas: A Escola e sua Função Social; Gestão, Compromisso de Todos; Trabalho Coletivo na Escola; Projeto de Escola; Ensinar e Aprender; Como Ensinar: Um Desafio; A Sala de Aula; Avaliação e Aprendizagem; Vigotsky, quem diria?! Em minha sala de aula (vol. 12) – Celso Antunes (Ed. Vozes); Relações interpessoais e autoestima, Mentis Inquietas (Ana B. Silva – Ed. Gente), Construindo a Escola Cidadã (Moacir Gadotti – Cortez), Escola – Espaço de Adestramento e Contradição - Marlene Sapelli), A importância do Ato de Ler (Paulo Freire) (IEEL, 2013, p.320).

No PPP de 2016 preservam-se os projetos direcionados ao curso de Formação Docente e acrescenta-se a aula de leitura na biblioteca e o dia literário. A aula de leitura na biblioteca é direcionada para os alunos do ensino fundamental sob a coordenação dos professores de língua portuguesa que oportunizam o contato com diferentes gêneros textuais e atividades diversificadas tendo como base a leitura. O dia literário é um projeto que envolve todas as turmas da

escola na leitura de livros e na realização de atividades variadas e no mês de novembro esse trabalho é apresentado pelos alunos.

Todos os alunos do Ensino Fundamental, Médio, Profissional e Normal realizam várias atividades com os livros lidos durante o ano letivo, com a culminância deste trabalho no mês de novembro: declamação de poemas e poesias, encenação de obras literárias, caracterização de personagens e autores clássicos, realização de propaganda de livros, apresentação de obras literárias, confecção de cartazes sobre as obras lidas, confecção de histórias em quadrinhos, varal de cordel, etc. (IEEL, 2016, p.581).

Comparando os dois documentos é possível perceber mudanças relevantes nas ações da Instituição tanto no sentido da utilização do espaço da biblioteca quanto no fomento da leitura abrangendo todos os estudantes da escola.

Cabe a ressalva que esse estudo se limita à análise do termo biblioteca e leitura no âmbito do PPP dos anos de 2013 e de 2016, não sendo possível avaliar de que forma os discursos efetivamente se materializam na prática. Entretanto, cabem algumas ponderações que podem contribuir para a análise do contexto em questão.

#### **4 ENTRE PONTOS E CONTRAPONTOS**

No decorrer do texto foram apresentadas algumas informações contidas nos projetos político-pedagógicos da escola, especificamente, sobre a biblioteca escolar e a leitura. Tais dados foram entrelaçados com a ideia de biblioteca escolar como espaço de aprendizagem (ARENA, 2011; CAMPELLO, 2009, 2012; OLIVEIRA; CAMPELLO, 2016) e com alguns elementos da didática para a pedagogia histórico-crítica (GASPARIN, 2002). Tal recorte teórico intensifica a importância da biblioteca e da leitura no universo escolar.

De modo geral, as bibliotecas escolares brasileiras ainda estão distantes do entendimento desse local como um rico espaço de aprendizagem. A maioria fica muito aquém de suas reais possibilidades educativas, permanecendo quase que exclusivamente como um espaço em que se armazena e se empresta livros. A leitura e a análise dos

documentos da escola sugerem uma mudança de perspectiva. O documento de 2013 trata quase que especificamente de aspectos físicos desse ambiente, sendo pouco valorizadas e explicitadas as relações que nele se estabelecem. Já no texto de 2016 é possível constatar uma mudança de perspectiva na inserção do texto que caracteriza a biblioteca como um espaço pedagógico, democrático e de acesso à comunidade.

Entretanto cabe destacar que a Biblioteca vem desde 2012 passando por um processo de análise e de reestruturação pelos integrantes do Projeto de Extensão *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação* articulado com a comunidade escolar. É razoável supor que esse processo que envolveu um conjunto amplo de atividades tenha contribuído para a mudança de perspectiva acerca da biblioteca escolar expressa no PPP de 2016.

É pertinente também enfatizar que esse conjunto de atividades foi constituído de um diagnóstico referente ao ambiente físico, ao acervo, a organização, a manutenção dos materiais, os usos do espaço e as percepções da comunidade escolar acerca da biblioteca. Na sequência, foi desencadeada: reuniões com os integrantes da escola, ampliação do acervo, benfeitorias físicas, melhoria na organização, no acesso e na conservação dos materiais, como também a otimização e o incremento na utilização da biblioteca.

A vida da biblioteca está em sua dinamicidade, na relação integrada com a comunidade escolar e com a proposta educativa da escola. Reduzi-la a apenas um cômodo que armazena livros é usufruir muito pouco do seu potencial e das possíveis contribuições para os problemas e as metas almejadas pela instituição.

Partindo da constatação, expressa no PPP de 2013, de que os alunos apresentam dificuldades de entender o que lê e, considerando também, a afirmação sobre a importância da escola investir e desenvolver mais projetos de leitura, cabe mencionar que a biblioteca escolar do IEEL vem, no decorrer desse processo de reestruturação, tornando-se mais afinada ou coincidente ao projeto educativo defendido. No documento de 2016, é possível perceber essas mudanças que envolveram o espaço físico da biblioteca, a sua utilização e a implementação de novos projetos de leitura. E isso, é um trabalho que não se finda, pois há sempre novas ideias que podem ser incorporadas.

Como exemplo do uso criativo da biblioteca, em consonância com o projeto educativo da escola, cabe citar a pesquisa de Fonseca e Spudeit (2016). As autoras analisam o trabalho cooperativo entre bibliotecários e professores de uma escola no Brasil. Além de reforçar a importância do trabalho conjunto entre esses profissionais, há também a participação efetiva dos alunos na escolha e na compra dos livros, nas atividades desenvolvidas e no planejamento da biblioteca escolar. O artigo também apresenta algumas práticas criativas para uso da biblioteca como: cine-biblioteca, estudo de bibliografias do ENEM, o Projeto Livro Além das Páginas, oficina de produção de textos, feira de talentos. Fora essas possibilidades, ainda é possível acrescentar sarau, oficina de normatização de trabalhos, contação de histórias para adolescentes e outras mais.

No cine-biblioteca, os alunos assistem ao filme e, posteriormente, professores são convidados a debater com os alunos aspectos que possuem relações com os conteúdos ministrados em sala. Em relação aos estudos das bibliografias do ENEM, o bibliotecário apresenta para os alunos como se deu a construção desses textos e pesquisas, cujo objetivo é auxiliar os alunos a pesquisar e se familiarizar com as referências contidas nos textos. Já o projeto Livro Além das Páginas, trabalha-se com a importância do livro como fonte inspiradora para outros gêneros: livros que inspiram filmes, músicas, quadrinhos, novelas, seriados e outros. Na feira de talentos, os alunos a partir da leitura de um livro são desafiados a criar músicas, poesias, peças teatrais e outros (FONSECA; SPUDEIT, 2016).

Essas atividades implicam em um trabalho mais ativo dos bibliotecários em conjunto com a comunidade escolar visando a formação do leitor, o que talvez se apresente, a princípio, como um empecilho nas escolas públicas do Paraná, considerando a não exigência de um profissional formado na área para exercer função. Embora a dificuldade possa ser real, também é verdadeira a possibilidade de mudança no sentido de dar mais “vida” à biblioteca, de criar uma nova cultura, de integrá-la de forma mais efetiva no projeto educativo escolar e de fomentar a leitura.

## REFERÊNCIAS

- ARENA, Dagoberto Buim. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída. **Leitura: Teoria & Prática**, v.29, n.57, p.10-17, 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/37>>. Acesso em: 13 ago. 2016.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FONSECA, Ane; SPUDEIT, Daniela. O trabalho cooperativo entre bibliotecários e professores para o desenvolvimento da competência em informação: criação de um programa voltado para alunos do ensino médio. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v.5, n.1, p.36-63, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/112482>>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- GASPARIN, João Luís. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ESTADUAL DE LONDRINA. **Projeto Político-Pedagógico**. Londrina, 2013.
- INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ESTADUAL DE LONDRINA. **Projeto Político-Pedagógico**. Londrina, 2016.
- OLIVEIRA, Iandara Reis de; CAMPELLO, Bernadete Santos. Estado da arte sobre pesquisa escolar no Brasil. **TransInformação**, Campinas, v.28, n.2, p.181-194, maio/ago. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862016000200181&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862016000200181&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 jun. 2019.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 1991.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 7.ed. São Paulo: Libertad, 2007.

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. *In*: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educacion y historia cultural: posibilidades, problemas y cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n.0, set./dez. 1995. Disponível em: <<http://educacao.uniso.br/pseletivo/docs/FRAGO.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2019.



## Capítulo 8

### MEMÓRIAS DE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR EM LONDRINA

*Sueli Bortolin*

*Rúbia Renata das Neves Gonzaga*

*Andreza Alves de Oliveira*

#### 1 INTRODUÇÃO

Proveniente do Projeto de Extensão - *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação* este capítulo teve como objetivo a sistematização de parte da memória da biblioteca do Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL), biblioteca que existe desde a fundação deste Instituto.

O acesso à documentação histórica organizacional, em geral, é um empecilho para a fluidez de uma pesquisa e esta é uma realidade muito comum em instituições brasileiras, seja ela pública ou privada. Possivelmente ainda teremos muitos anos pela frente para que o Brasil valorize e preserve sua memória de forma efetiva e a coloque ao público por meio de exposições, audiovisuais, publicações impressas ou digitais.

Na tentativa de preencher esta lacuna, optou-se por dois procedimentos: coletar o máximo de documentos possível e entrevistar pessoas que trabalham ou trabalharam na biblioteca do IEEL, nas últimas décadas. Partiu-se do entendimento de que a dinâmica das experiências cotidianas vivenciadas fosse reveladora dos sentidos adotados para si mesmas e para o exercício da profissão estando à frente da biblioteca da escola.

As narrativas dos entrevistados que atuaram na biblioteca no período de 1990 aos dias atuais e os documentos localizados que datam de 1977-2017 possibilitaram a compreensão do lugar ocupado pela Biblioteca do IEEL no decorrer de sua existência, bem como a relação pedagógica entre sala de aula e biblioteca.

Portanto, estruturou-se o presente trabalho da seguinte forma: introdução na seção um. Na seção dois abordou-se a biblioteca escolar evidenciando-a como dispositivo fundamental ao processo ensino e aprendizagem. A seguir, na seção três, conceitua-se memória e sua

importância social, sendo também discutida a memória institucional tendo como base alguns teóricos com trabalhos publicados em língua portuguesa. Na seção quatro caracterizou-se a biblioteca do IEEL e explanaram-se os procedimentos metodológicos utilizados, sendo eles: pesquisa documental, instrumento de coleta de dados (questão gerativa de narrativa) e análise de conteúdo (discurso dos responsáveis pela biblioteca). Na seção cinco encontra-se a análise dos resultados e o inter-relacionamento dos conteúdos documentais com as manifestações orais dos entrevistados da pesquisa. Na seção seis incluiu-se a síntese da pesquisa documental e da entrevista narrativa. Para finalizar, na seção sete estão as considerações finais das autoras deste trabalho.

## **2 BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE SABERES**

Das primeiras bibliotecas sisudas onde quase tudo era proibido aos dias de hoje há uma transformação significativa, porém ainda são vários os aspectos a serem aprimorados, dentre eles: estrutura espacial, melhor qualificação do acervo e a formação e atualização de profissionais que articulem projetos de mediação. Mediação aqui entendida como toda iniciativa que leva o aluno à informação, à leitura e à convivência com culturas e pensamentos diversificados.

“A biblioteca, instituição milenar que durante séculos garantiu a sobrevivência dos registros do conhecimento humano, tem agora seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do complexo processo educacional” (ANDRADE, 2003, p.15). Na atualidade a informação e o acesso a ela têm um destaque primordial, então a presença da biblioteca na escola faz a diferença tanto no ensino quanto na aprendizagem. Visto que é necessário criar na biblioteca uma ambiência que propicie diversas apropriações.

Segundo o documento - *Diretrizes para Biblioteca Escolar* - este gênero de biblioteca “[...] habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” (IFLA, 2005, p.4).

Tarefa esta complexa de se realizar, pois envolve desde os aspectos físicos até os atitudinais, tanto da escola quanto da família. Para tanto, a escola e seus profissionais precisam estar cientes de que a biblioteca:

[...] no se trata de un servicio opcional de la escuela sino de un elemento imprescindible, como lo puede ser el patio de recreo o el comedor, ¿por qué no? También es preciso que todo el claustro de profesores se comprometa a convertir la biblioteca en un verdadero centro de recursos activo [...] (JIMENEZ-FERNÁNDEZ; CREMADES-GARCÍA, 2013, p.21).

Nos documentos que abordam a biblioteca escolar – existem textos que estão carregados de conceitos equivocados em relação a ela, muitas vezes apequenando-a. O texto de Jimenez-Fernández e Cremades-García (2013) valoriza positivamente este gênero de biblioteca e dele optou-se por destacar os seguintes trechos: *un elemento imprescindible e un verdadero centro de recursos activo*.

Acredita-se que esta forma de pensar deve ser praticada, pois é um engodo ter uma biblioteca espaçosa, um acervo enriquecido, uma aparência esteticamente refinada, tecnologias velozes sem a oferta de serviços e mediações que possam contribuir com a formação de leitores de diversificados textos.

Sem dúvida a biblioteca escolar é um espaço de oportunidades que nem sempre é valorizado, por isso a decisão de realizar uma escuta pedagógica, isto é, ouvir os responsáveis pela biblioteca que estão ou estiveram à frente dela possibilitou retratar parte da história deste espaço. Nesse sentido, objetivou-se alcançar o entendimento que se tem dele, qual o significado de uma biblioteca cuja função é subsidiar professores no ensino e contribuir com o aprendizado de alunos desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio e Educação Profissional.

### **3 MEMÓRIA INSTITUCIONAL**

Considerado referência clássica para se pensar a memória, o sociólogo francês Halbwachs (2004, p.57) se referindo às lembranças apresenta a suposição de que elas: “[...] possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida [...] ora distribuir-se no interior de uma sociedade [...]”. Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas”.

Na perspectiva deste autor, a memória individual não é isolada e nem fechada. Para evocar o passado, a pessoa recorre às lembranças de outros e utiliza pontos de referência fora de si, fixadas no social: palavras e ideias emprestadas de seu ambiente.

Halbwachs (2004) afirma que, para reconstituir em sua integralidade a lembrança de dado acontecimento, seria necessário juntar todas as reproduções deformadas e parciais de que ela é objeto entre todos os membros do grupo. Isto posto, cada indivíduo pode construir sua memória particular sobre suas experiências sociais, mas a social sempre será exterior ao indivíduo. “A lembrança é uma reconstrução do passado com ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras re-construções [...]” (HALBWACHS, 2004, p.91).

Evocar algumas lembranças supõe a não distinção entre os casos e, assim, lembranças podem ser representações que se baseiam em testemunhos e deduções. Nesse sentido, a parte do social ou do histórico na memória que se tem do nosso próprio passado é muito mais do que se possa imaginar. Segundo Halbwachs (2004) as memórias individuais, grupais e coletivas são construídas na subjetividade e representadas em discursos sociais.

Para Bosi (2010), a memória é um trabalho sobre o tempo, um tempo vivido, conectado pela cultura e pelo indivíduo. O conjunto das lembranças é uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição ao que será lembrado. Assim, a memória opera com liberdade, escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não de forma arbitrária, uma vez que se relacionam por meio de índices comuns.

O passado sobrevive quando é chamado pelo presente sob as formas de lembrança ou sobrevive em si mesmo, em estado inconsciente. Partindo desse entendimento sobre a memória, a mesma autora afirma que: “[...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 2010, p.55).

Quando as memórias são construídas pelos grupos sociais, eles quem determinam o que é memorável ou não. Além disso, também criam e gerenciam lugares de preservação denominados *lugares de*

*memória* que são os *verdadeiros lugares da história* (NORA, 1993). Para este autor, existem lugares particularmente relacionados à tarefa de fazer recordar um determinado passado, uma vez que a memória é seletiva nem tudo é lembrado, nem tudo é gravado, nem tudo é registrado, isto é, para lembrar é necessário esquecer.

Le Goff (1992) afirma que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos são resultados de sistemas dinâmicos e apenas existem na medida em que alguém os mantém ou os reconstitui.

A memória é uma base que dá sentido à vida. Em uma instituição não é diferente, pois preservar a memória institucional é uma forma de manter a instituição viva e também fortalecer suas bases. Considerando que as instituições são parte integrante do segmento político-social, elas têm relevante importância para a construção da memória social, sendo produtoras de informação e responsáveis pela sua preservação.

Para preservar essa memória, é preciso conservar os documentos, fotos, objetos, atas etc. Pois, o que seria de uma instituição sem seus documentos? Os documentos são essenciais para uma instituição. Thiesen (2006, p.10) afirma que “Os materiais da memória institucional acumulam informações sobre a cidade, a população e o aparato estatal, formando e (re)formando mentalidades”.

Na escola o tema com a preservação da memória, deve ser incluído nas discussões de sala de aula para “[...] fazer parte do processo educativo das novas gerações, ocasionando maior divulgação, não só da cultura, mas do que se tem feito e do que se deve fazer para preservá-la” (BARTALO *et al.*, 2000, p.4).

Acredita-se que uma escola com 70 anos de existência, que é a idade do IEEL, tenha um acervo memorial enriquecedor, porém as dificuldades para a coleta de dados comprova que os documentos históricos, em especial, dos tempos remotos, não estão reunidos; mas esta não é uma situação única em nosso país que ainda tem fragilidades no tocante a gestão da memória.

Diante disso, essa investigação teve como base, além dos documentos, a escuta dos trabalhadores da educação, especificamente da biblioteca do IEEL. Com ela intentou-se contribuir para a valorização

da instituição escolar, o espaço da biblioteca e a visibilidade dos profissionais da educação. Os procedimentos metodológicos descritos a seguir, puderam comprovar isso.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

As entrevistas foram realizadas no IEEL que é uma escola estadual que já esteve situada em vários endereços e, na atualidade, está na Rua Brasil, 1.047. Ela “[...] iniciou suas atividades no ano de 1945, com o nome de ‘Escola de Professores de Londrina’, criada pelo decreto no. 209 de 17 de fevereiro de 1.944 [...]” (PARANÁ, 2016).

Entre suas instalações educacionais, o IEEL possui uma biblioteca cujo acervo compõe-se de livros que são emprestados aos alunos desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio e Educação Profissional, aos professores de todas as áreas, bem como aos funcionários desta Escola. Há também um acervo de periódicos, porém estes são de uso restrito ao espaço.

A biblioteca do IEEL é uma das mais antigas bibliotecas escolares de Londrina. Sua história começa quando em “[...] 1945, foi organizada uma campanha em prol da fundação da biblioteca da Escola, pela Assistente Técnica do estabelecimento, coadjuvada pelas professoras, cuja iniciativa foi coroada do pleno êxito, alcançando de início um total de 150 volumes [...]” (DUTRA, 1977, p.36).

A opção metodológica deste trabalho é qualitativa, isto é, se preocupa com o discurso e as manifestações orais dos responsáveis pela biblioteca do IEEL que atuam e atuaram nela. Essa escolha se deve ao fato de se acreditar, assim como Schmidt e Mahfoud (1993, p.289), “[...] que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente idéias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas”. Portanto, não há por parte das pesquisadoras a intenção de quantificar, mas sim de agrupar vivências em comum que possam revelar conceitos e também preconceitos quanto ao ambiente de construção de conhecimento, denominado biblioteca.

A primeira iniciativa foi realizar a pesquisa documental que é definida por Gerhardt e Silveira (2009, p.69) como “[...] aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados)”.

A busca por documentação histórica da biblioteca foi realizada em documentos administrativos do IEEL entre eles: relatórios, fotos, planos de ação, Projeto Político Pedagógico (PPP), regimento escolar. O interesse pela documentação da biblioteca era perceber como ela foi pensada e gerenciada durante os anos de existência. Em virtude de a maioria dos responsáveis pela biblioteca estar aposentada, utilizou-se inicialmente a técnica de Bola de Neve ou *snowball*, também chamado de cadeia de informantes, isto é, partiu-se de uma funcionária que ainda trabalha no IEEL, que indicou uma pessoa que foi responsável pela biblioteca e assim por diante. Para Baldin e Munhoz (2011, p.5) a dinâmica desta técnica é que após as primeiras indicações deve-se

[...] solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa (e agora indicados por eles), para, só então sair a campo para também recrutá-los.

No caso desse trabalho, entrevistá-los. Por isso, optou-se pela entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados, isso se deve ao fato, do interesse das entrevistadoras ser pela palavra falada. Vale destacar que esta tarefa necessita que o entrevistador tenha:

[...] interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1998, p.254).

Visando estimular a comunicação, propôs-se aos sujeitos a seguinte questão gerativa da narrativa:

A biblioteca escolar, cada vez mais, é um dispositivo onde o estudante e o professor trabalham juntos para ampliarem seus conhecimentos. Quero que você me conte como foi sua experiência quando trabalhou na biblioteca do IEEL. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo que for importante para você me interessa.

Destaca-se que na questão gerativa da narrativa o entrevistado deve se sentir à vontade e é “[...] crucial para a qualidade dos dados desta narrativa que ele não seja interrompido nem [sua fala] obstruída pelo entrevistador” (FLICK, 2009, p.166).

A técnica *snowball* não permite apontar o *corpus* da pesquisa antecipadamente, isto é, o número de pessoas a serem entrevistadas, no entanto, pode-se afirmar que em virtude de dificuldade de agendamento, aposentadoria, realizaram-se apenas três entrevistas, sendo que duas respondentes trabalharam na biblioteca do IEEL na década de 1990 e uma trabalha até os dias atuais.

Para análise das informações obtidas por meio da questão gerativa da narrativa, utilizaram-se os princípios de categorização da Análise de Conteúdo de Lawrence Bardin (2004), pois permite a exploração dos possíveis significados das narrativas dos sujeitos e um esforço por parte dos entrevistadores em realizar a interpretação dos conteúdos de forma mais próxima da realidade comunicada.

## **5 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

As categorias foram definidas após a leitura documental e as entrevistas, sendo elas: a) Motivo para lotação do responsável na biblioteca; b) competências do mediador de biblioteca; c) Localização da biblioteca; d) Estrutura da biblioteca; e) Planejamento Pedagógico; f) Relacionamento com o corpo administrativo da escola e com as comunidades; g) Conceito e valorização da biblioteca no decorrer da sua existência. Tendo como base estas categorias, foi realizada a análise dos dados obtidos por meio da análise documental e da questão gerativa de narrativa. Na apresentação dos resultados, os entrevistados foram denominados de E1, E2 e E3, vale destacar que as primeiras estão aposentadas e a terceira encontra-se cumprindo suas funções na atualidade.

### **5.1 Motivo para Lotação do Funcionário na Biblioteca**

O fluxo natural da profissão é que o professor atue em sala de aula, direção, coordenação educacional, laboratórios etc., porém em escolas que inexistente o cargo de bibliotecário, é o professor ou outro funcionário que assume as atividades da biblioteca. Nas entrevistas

realizadas, em geral, o responsável pela biblioteca iniciou a narrativa explicando o motivo que o levou a ocupar esta função.

*Eu fui para o IEEL em 1998 [...] eu estava saindo da função [de professora] por causa do problema de artrite reumatóide [...] sou professora de português. Em seguida me readaptei e fui para a biblioteca (E1)*

E1 afirma também que em um período [...] *não tinha funcionário para atender. [...] uma que atendia a noite, uma a tarde e de manhã [...] tinha uma menina que ganhava aquele meio salário mínimo [...] pela associação de professores.*

A E2 é formada em Português atuando de 5ª a 8ª série<sup>1</sup> e foi readaptada por problemas nas cordas vocais, passando a atuar na biblioteca de 1990 a 2014, considera [...] *a readaptação [é] um refugo, pois todos os professores em readaptação vão para a biblioteca.*

Quanto à E3, ela informou que teve experiência em biblioteca de duas escolas estaduais e pediu transferência para biblioteca do IEEL por ser próximo de sua residência, atualmente atua na referida biblioteca.

## **5.2 Competências do Responsável pela Biblioteca**

No que se referem às competências do responsável pela biblioteca, analisaram-se vários documentos com uma redação muito semelhante no decorrer dos anos. A Proposta Pedagógica de 2012, no seu Artigo 25 consta que compete ao responsável pela biblioteca:

I - catalogar o acervo bibliográfico obedecendo às diretrizes e critérios da ABNT; II - organizar e manter em dia a forma de registro de empréstimo e divulgação do acervo bibliográfico; III - proporcionar ambiente próprio para o trabalho de leitura e pesquisa; IV - colaborar com a equipe técnico pedagógica, providenciando material necessário; V - atender aos usuários da biblioteca com polidez e cortesia; VI – exercer as demais

---

<sup>1</sup> Atualmente a estrutura de ensino é de 5ª a 9ª ano.

atribuições decorrentes de sua função (IEEL, 2012).

Analisando a seção 1.5.3 AGENTE EDUCACIONAL QUE ATUA NA BIBLIOTECA ESCOLAR do atual Projeto Político Pedagógico nota-se que a denominação do profissional que atua neste espaço muda de responsável pela biblioteca para técnico administrativo e a ele compete:

[...] construir em conjunto com a equipe pedagógica o Regulamento de uso da biblioteca assegurando organização e funcionamento; atender a comunidade escolar, disponibilizando e controlando o empréstimo de livros, de acordo com Regulamento próprio; auxiliar na implementação dos projetos de leitura previstos na proposta pedagógica curricular do estabelecimento de ensino; organizar o acervo de livros, revistas, gibis, vídeos, DVDs, entre outros; encaminhar à direção sugestão de atualização do acervo, a partir das necessidades indicadas pelos usuários; zelar pela preservação, conservação e restauro do acervo; registrar o acervo bibliográfico e dar baixa, sempre que necessário; receber, organizar e controlar o material de consumo e equipamentos da biblioteca; manusear e operar adequadamente os equipamentos e materiais zelando pela sua manutenção; participar de eventos, cursos, reuniões, sempre que convocado, ou por iniciativa própria, desde que autorizado pela direção, visando ao aprimoramento profissional de sua função; auxiliar na distribuição e recolhimento do livro didático, sempre que solicitado pela direção e equipe pedagógica; participar da avaliação institucional, conforme orientações da SEED; zelar pelo sigilo de informações pessoais de alunos, professores, funcionários e famílias; manter e promover relacionamento cooperativo de trabalho com seus colegas, com alunos, com pais e com os demais segmentos da comunidade escolar; exercer as

demais atribuições decorrentes do Regimento Escolar e aquelas que concernem à especificidade de sua função (IEEL, 2016, p.44-45).

É perceptível que há semelhanças entre o discurso presentes nestes documentos, o primeiro datado de 2012 e o segundo de 2016, neles há aspectos técnicos/controlar (ex: catalogar o acervo, organizar e manter registro de empréstimo, proporcionar ambiente próprio para o trabalho de leitura e pesquisa, *assegurando organização e funcionamento, controlando empréstimos*, organizar o acervo, *zelar pela preservação...*, *registrar o acervo, controlar material de consumo, zelar para manutenção de equipamentos*) e de aspectos pedagógicos (ex: atender aos usuários da biblioteca com polidez e cortesia, *manter e promover relacionamento cooperativo, participar de cursos, participar de avaliações, implementação dos projetos de leitura*).

### **5.3 Localização da Biblioteca**

A literatura científica produzida na Educação e na Biblioteconomia voltada à biblioteca escolar aponta como imprescindível a escolha responsável do espaço para se alocar a biblioteca da escola. Sugere-se que ela esteja ao alcance da comunidade escolar, em um lugar de boa circulação, mas distante do funcionamento de máquinas e pátios ruidosos. No entanto, na prática isso não acontece, em geral, este gênero de biblioteca sofre de invisibilidade, ficando escondida e acaba desvalorizada. Para o E1

*O primeiro problema que eu achei da biblioteca foi que ela não tem um local definido, nunca teve. A biblioteca andou pelo Colégio. Quando eu cheguei, ela estava onde hoje é a sala dos professores. [...] Ficamos mais ou menos um ano ali, aí a biblioteca mudou para onde era outra sala dos professores [...] só que era uma sala de aula, não era assim um espaço suficiente. Aí novamente mudou a biblioteca, lá para o prédio de baixo, foi praticamente para um porão. [...] Aí a biblioteca mudou [...] onde está até hoje.*

A entrevistada afirma ainda que há relatos de que por algum tempo, a biblioteca foi colocada na sala anterior dos professores e [...] *só tinha janela de um lado. [...] Era pequeno o lugar, havia muitas caixas*

*de livros pelo chão, jornal amontoado [...] Quando mudou [...] tinha mais ar, já entrava de vários lados. Onde a gente trabalhava melhor, sem aqueles ácaros (E1).*

No período em que a biblioteca esteve no prédio de baixo “[...] você tinha que descer umas escadas, lá embaixo tinha os banheiros, que tinha odor, o laboratório de química do lado. [...] só tinha janela de um lado” (E1).

Quando mudou para no atual espaço tinha muita goteira, sujeira, infiltração [...] *os vidros quebrados, entraram ladrões na biblioteca umas sete vezes [...] levaram aos poucos telefones, relógio de parede, um computador velho [...] uns “dinheirinho” que a gente tinha lá, assim de muitas, para comprar coisas para a biblioteca [...] (E1).*

#### **5.4 Estrutura Física da Biblioteca**

No documento elaborado pelo *Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE)* destaca que “O planejamento do espaço da biblioteca deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende fazer dele” (CALDEIRA, 2010 *apud* CAMPELLO, 2010, p.12). A biblioteca do IEEL que atende uma faixa etária muito variada, portanto, deveria além do local de acomodação do acervo e o balcão de atendimento, disponibilizar baias<sup>2</sup> para estudo individual, mas também salas para estudo em grupo possibilitando discussões diversificadas.

Ao se referir a estrutura da biblioteca do IEEL a E1 lembra que, em geral, ela foi sempre precária, por exemplo, [...] *aquele balcão que tem lá [...] ele foi pintado várias vezes, ele está todo podre [...] (E1), mas no [...] último ano que eu estava lá começaram a chegar umas estantes novas [...] e uma funcionária para trabalhar na biblioteca que já tinha experiência [...] Então ela estava colocando ordem ali.*

O principal aspecto que recebeu reclamações não apenas das entrevistadas, mas também por parte da Diretoria, das pedagogas e demais membros da comunidade, foram as inúmeras goteiras e vazamentos no teto da biblioteca. *O que tinha que ser trocado, que a gente cansou de falar, era o telhado, colocar um telhado novo [...] cada*

---

<sup>2</sup> Baias são espaços para estudo individual, facilitando a concentração e evitando a dispersão.

vez que iam arrumar, subiam e abriam mais uma goteira. (E1). Além disso,

*O forro estava cedendo, a gente tinha medo de qualquer dia aquilo lá cair em cima. Torto mesmo, você via as pedrinhas que ficavam no vão [...] aquela sujeira que caía também. Aí trocaram o forro [...] os pedreiros que vão lá são muito relaxados [...] ficou aquele vão e caía toda aquela sujeira, continuou goteiras [...]* (E1)

Havia também duas salas no fundo da biblioteca que funcionava como depósito. Uma vez choveu e uma professora [...] foi lá e fez um buraco para a água escorrer. Os livros repetidos que estavam lá voltaram para estantes [...] às vezes era difícil você guardar um livro, estava cheio ali e não tinha onde guardar [...]. (E1).

Quanto à acessibilidade na biblioteca: [...] fizeram uma rampa para poder [entrar], só que professores caíram ali. Teve uma professora que machucou todo o rosto porque ela rolou e bateu [...] lá embaixo. Alunos caíram. Quando chovia ali ficava liso. (E1)

A E3 enfatiza a preocupação com equipamentos e automação do acervo afirmando: *Um das coisas que tem que entrar em pauta é um computador novo pra cá. [...] Nós já pedimos. Esse daí a gente conseguiu porque cheguei e falei [para Diretora] vamos por uma ilha do Paraná Digital na biblioteca? [...] mas aí a fiação ia ficar muito cara, aí o [secretário] falou que na secretaria tem um computador que a gente não usa. Facilitou tudo.* (E3).

Quanto ao entorno da biblioteca, a E1 comentou que concorda com a proposta de mudanças feita pelos alunos de Arquitetura da UEL participante do Projeto de Extensão (cf. capítulo 9). Para ela [...] *um espaço no fundo, lá dá para fazer um alambrado [...] para os alunos fazerem jogos.* (E1)

## **5.5 Planejamento Pedagógico para Biblioteca**

Para uma empresa ou instituição alcançar seus objetivos ou missão, necessita de um planejamento mínimo. Espera-se que uma biblioteca escolar também o faça. Entre os documentos localizados está o *Plano de Ação da Biblioteca* de 2002, nele consta a seguinte meta: “Despertar a Comunidade Escolar para a valorização do saber cultural”. Além disso, estabelece como objetivos da biblioteca:

Priorizar o espaço físico e recursos humanos;  
Enriquecer o acervo bibliográfico;  
Reciclar e capacitar funcionários;  
Participar de reuniões administrativas e pedagógicas;  
Valorizar o trabalho pedagógico atuando mais próximo;  
Valer-se do Regulamento da Biblioteca;  
Priorizar todo trabalho em função do educando (IEEL, 2002).

Também foi possível constatar que mesmo com planejamento em alguns momentos houve dificuldades na relação professor-biblioteca. Isto fica evidente nos seguintes discursos: *Quando eles vêm no começo do ano [...] nos conversávamos com eles, mostrávamos a biblioteca, onde ficam os livros [...]. Então é feito esse trabalho. (E3). Foi repassado para o professor também. Como são as prateleiras e o corredor é estreito, a gente pede para ir de cinco em cinco [...] para não aglomerar [...]* (E3). Porém,

*[...] tem professor que é muito organizado [...] ele vem antes, separa o material ou a gente separa em caixinhas e leva em sala de aula. [...] Agora tem outros professores que [...] a leitura é livre toda semana, toda aula é leitura livre. [Isso] é muito difícil, porque fica muita bagunça, conversa demais. Teve uma sala que veio [para] leitura livre e eles jogavam livros tudo para o outro lado, tiravam todos da prateleira [...] foi muito complicado, tive que chamar a pedagoga (E3).*

Quanto ao Regulamento, os alunos [...] *levam para casa [...] têm as Normas da Biblioteca, que os pais estão acompanhando e assinando [...] estão cientes.* (E3). E3 também faz referência ao Projeto de Extensão - *Formação do Mediador de Leitura da Rede Pública de Educação* e afirma que:

*[...] a partir desse Projeto [...] começou a visita específica toda aula [...] que era para pegar o hábito da leitura e aprender também a se comportar no ambiente, que aqui não é conversa alta é sussurro, é leitura, então falamos com eles, mas não resolve muito, porque depende muito da postura do professor [...]* (E3).

No Projeto Político Pedagógico (PPP) desta Escola, analisou-se a versão atualizada em 2016 e foi possível detectar que a palavra biblioteca aparece 31 vezes, mas a maioria foi no sumário, no conteúdo das disciplinas, em que havia a recomendação de visita à biblioteca e, também em referências bibliográficas. A principal referência à biblioteca está apenas no item 23, onde consta o seguinte texto:

A biblioteca é um espaço pedagógico democrático com acervo bibliográfico à disposição de toda comunidade escolar. A biblioteca tem Regulamento específico, elaborado pela equipe pedagógica, aprovado pelo Conselho Escolar no qual consta sua organização e funcionamento. A biblioteca estará sob a responsabilidade do funcionário indicado pela direção, o qual tem suas atribuições especificadas no Regimento Escolar (IEEL, 2016, p.577).

Vale destacar que pela presença das palavras *regulamento*, *aprovado*, *organização*, *responsabilidade*, *indicado pela direção* e *regimento*, *constatou-se* que o discurso privilegia prioritariamente o aspecto administrativo do que pedagógico.

## **5.6 Relacionamentos Internos e Externos**

No *Regimento Escolar do IEEL* de 1997 na seção IV DA BIBLIOTECA consta o seguinte texto: “Art. 44 – A Biblioteca constitui-se em espaço pedagógico, cujo acervo estará à disposição de toda Comunidade Escolar” (IEEL, 1997). Em outras palavras, o ideal é que uma biblioteca escolar seja receptiva para que os alunos, os professores, os funcionários e os pais dos alunos possam ler, pesquisar e frequentá-la descontraidamente. Porém, essa relação nem sempre acontece. Para E1 [...] *a parte da limpeza os funcionários brigavam, ninguém queria limpar a biblioteca. [...] Limpavam todos os setores, quando chegava na biblioteca, era aquela briga. Eles achavam que as bibliotecárias [...] deveriam fazer a limpeza. [Assim] não tem limpeza adequada, uma higienização [...]*.

Com a Direção geral a E3 demonstra que tem um bom relacionamento e afirma que: [...] *tudo que eu preciso eu falo com ela, ela acata [...], tudo que eu tenho que mudar aqui, que eu preciso, ela*

*sempre está junto e autorizando a fazer. Eu estou sempre pedindo [...] sempre cobrando. [...] eu falei se está fazendo para os outros, tem que fazer para a biblioteca também [...] eu fico sempre cutucando.* Outro exemplo citado por E3 é que a biblioteca estava muito quente e [...] *até os ventiladores eu pedi, ela mandou por dois [...] e ela mandou por mais.*

Quanto aos projetos realizados pela ou na biblioteca do IEEL, localizou-se no item 24.3 do PPP da Escola, na seção *Projetos de Leitura*, a explicação a seguir:

[...] No Ensino Fundamental, todos os professores que ministram aulas de Língua Portuguesa, tem um horário agendado na biblioteca semanalmente, para proporcionar aos alunos aulas de leitura, onde os mesmos vão até a biblioteca para realizarem leitura de livros, revistas, gibis, jornais e após a leitura é trabalhado com os mesmos atividades diversificadas envolvendo a leitura (IEEL, 2016, p.580).

Infere-se que o fato de a biblioteca ser lembrada nos documentos administrativos da Escola não é garantia para que ela seja dinâmica o suficiente para contribuir na formação de leitores. Observa-se que a situação na atualidade está melhorando, isto é perceptível também no discurso da E3 quando afirma: *agora eles estão bem melhor, 90%.*

## **5.7 Conceito e Valorização da Biblioteca**

A biblioteca escolar “[...] deve ser organizada de forma a permitir que o livro ou material certo seja encontrado com facilidade e rapidez” (CAMPELLO, 2010, p.15). Assim, se a biblioteca valoriza o usuário, conseqüentemente passa a ser valorizada por ele. No entanto, no decorrer da história da biblioteca do IEEL, segundo E2, a *biblioteca não era vista como prioridade, pois muitas vezes a biblioteca precisava sair de onde estava para dar lugar a sala de aula (E2).*

Além disso, a *cooperação dos alunos [não era fácil], eles tiravam, colocavam de cabeça para baixo, jogavam em cima, misturavam, às vezes pegavam um livro e guardavam em outro lugar para depois vir procurar (E1).*

*[...] quanto aos professores, era raro, uma meia dúzia ia para a biblioteca [...] meia dúzia era muito, ninguém aparecia na biblioteca, nem para saber se tinha livros. Às vezes mandavam os alunos emprestar livros, mas não tinha. O aluno chegava com o contexto achando que aquilo era o título do livro, ele nem sabia o que ele queria pesquisar (E1)*

Para agravar a situação E2 afirma: *[...] muitos professores mandavam alunos para a biblioteca como forma de castigo por indisciplina em sala de aula, isso gerava conflito entre ela e alguns professores porque não aceitava essa situação.*

E1 propõe que deveria se *[...] exigir que os professores fossem a biblioteca para incentivar os alunos. Se o próprio professor não vai, então é difícil para o aluno ir.*

Outro aspecto que poderá mudar o conceito que se tem da biblioteca, é a sua modernização. Observou-se que a informatização está sendo realizada com o esforço da E3 e com o apoio de funcionários e professores. Ela conseguiu um computador que ainda não é o ideal, mas com ele: *[...] a gente já fez uns 60, 70% da biblioteca. [...] Estou gravando num pen drive que [...] já está dando umas [falhadas] assim.*

No transcorrer das leituras realizadas nos documentos do IEEL foi possível perceber fases de valorização, mas principalmente de descaso com este organismo. Isso será evidenciado na síntese da próxima subseção.

## **6 SÍNTESE DA PESQUISA DOCUMENTAL E ENTREVISTA NARRATIVA**

Antes de iniciar efetivamente a síntese dos dados é fundamental evidenciar que segundo Oliveira (2017, p.20) deve-se pensar que a memória,

*[...] não é uma reprodução fiel, mas sim a combinação das influências com experiências e expectativas vivenciadas por cada indivíduo dependendo da maneira como é vivido, codificado e por fim armazenado.*

Para complementar este pensamento apropria-se de Guedes-Pinto, Gomes e Silva (2008, p.14) quando afirmam: “Dialogamos com os depoimentos coletados, confrontando-os com outras fontes

documentais [...] temos interesse pela ótica dessas pessoas [...] que nos contam o que por elas foi experimentado”.

Além disso, as responsáveis pela biblioteca não foram “[...] tomadas meramente como fontes, e, sim, compreendidas como sujeitos vividos e com experiências a partilhar [...]” (GUEDES-PINTO; GOMES; SILVA, 2008, p.14-15). Lamentavelmente não foi possível, apesar das inúmeras tentativas por parte das pesquisadoras, entrevistar uma professora que atuou na biblioteca e que foi indicada por vários funcionários na técnica *snowball*, visto que ela não se dispôs a conceder a entrevista.

A seguir apresenta-se a síntese dos discursos das três entrevistadas e elas serão apresentadas utilizando a mesma ordem da seção anterior, isto é: motivo para a lotação dos funcionários na biblioteca; competência do responsável pela biblioteca; localização da biblioteca; estrutura física da biblioteca; planejamento pedagógico para a biblioteca e conceito e valorização da biblioteca.

A maioria das entrevistadas afirmou que foi deslocada para a biblioteca por estar em situação de readaptação, apenas uma foi por iniciativa própria, por ter experiência em biblioteca e residir próximo a Escola. Foi possível notar os esforços por parte dos responsáveis entrevistados para que a biblioteca se mantivesse em funcionamento para atender os alunos, mas o fato de apenas uma informar que teve iniciativa pessoal de trabalhar na biblioteca, leva a inferência de que as demais, se tivessem outra possibilidade não estariam lá. Isto pode ser percebido, por exemplo, quando a E2 afirma que [...] *a readaptação [é] um refugio, pois todos os professores em readaptação vão para a biblioteca*, portanto, a biblioteca, para esta entrevistada é visualizada como lugar de refugio. Percebe-se que a prática de alocar na biblioteca professores em readaptação acontece em outras escolas públicas, tanto da rede estadual quanto da rede municipal.

Apesar dos documentos apresentarem diversas atribuições a este profissional, na prática as propostas não são implantadas ou são de maneira incontinua ora com um foco técnico ora com foco pedagógico. Acredita-se que tanto os aspectos técnicos, quanto os pedagógicos são fundamentais para o funcionamento da biblioteca, portanto minimizar aspectos pedagógicos ou não os realizar é apequenar o espaço tão importante de construção do saber.

Tendo como base, em especial, o discurso da E1 que fez muitas referências as constantes mudanças da biblioteca, conclui-se que a biblioteca “circulou” pela Escola e foi alocada em espaços inadequados, o que dificultou o seu planejamento e suas ações. Vale destacar que a instabilidade da localização da biblioteca, não é uma característica apenas da biblioteca escolar, periodicamente há denúncias também de deslocamento dos acervos também na biblioteca pública. Porém, é sabido que os danos ao acervo no momento das mudanças são inúmeros, portanto recomenda-se que ela ocorra nos casos em que as novas instalações possam trazer melhorias em todos os sentidos, principalmente no armazenamento ideal do acervo, na acomodação dos usuários e na ampliação de mediações fundamentais para a formação e manutenção de leitores.

A biblioteca em foco funcionou durante sua trajetória, em grande parte, com problemas estruturais que eram resolvidos de forma paliativa, isto é, algumas melhorias eram realizadas, mas, em seguida, novos problemas apareciam. O aspecto evidenciado pelas entrevistadas foram as constantes infiltrações e goteiras que provocam danos não apenas ao acervo, mas também em virtude dos fungos, à saúde dos que nela trabalham ou a frequentam. Nos últimos anos os aspectos físicos foram focados e melhorados, mas novas alterações no arranjo espacial possibilitam a implantação de ações pedagógicas que estão em discussão e implantação, por exemplo, as aulas de Literatura no espaço da biblioteca.

Os documentos analisados indicam que a biblioteca do IEEL não ficou totalmente “invisível” diante da comunidade escolar, pois houve e ainda se faz referências a ela na documentação administrativa, porém muito será necessário colocar em ação para permitir a valorização deste espaço de construção do conhecimento. Vale destacar que iniciativas pessoais são válidas, mas as discussões e o planejamento devem ultrapassar a “paredes da biblioteca”, envolvendo uma equipe multidisciplinar.

Quanto ao relacionamento interno e externo, constatamos que as ações de readequação do espaço ocorreram intensamente após a participação de estagiários de Educação e Arquitetura da UEL.

Os conceitos de valorização e desvalorização são subjetivos e muitas vezes não mensuráveis que devem ser construídos

cotidianamente. Pode-se afirmar que a valorização da biblioteca do IEEL, mesmo com a ampliação nos últimos anos de ações pedagógicas, ainda não atingiu um patamar desejável; caso estivesse efetivamente valorizada pelos membros da comunidade escolar o fluxo espontâneo dos alunos, professores e funcionários dentro dela seria maior. Uma solução, que depende de orçamentos e liberação de verbas, é a inclusão de tecnologias que inexistem neste espaço e são muito bem-vindas.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo dessa coleta de depoimentos foi a sistematização de parte da memória da biblioteca do IEEL. Ao coletar documentos que pudessem contar um pouco da história desse espaço tão importante em uma instituição de ensino, percebeu-se a escassez de material que pudesse auxiliar as pesquisadoras nessa busca. Parte do conjunto memorial da biblioteca se perdeu, o que indica os sentidos atribuídos à biblioteca por seus atores. É perceptível que houve o esquecimento do passado, não se problematizou a história desse espaço a fim de balizar ações futuras.

Quanto às narrativas produzidas pelas responsáveis pela biblioteca, constatou-se que a atuação das mesmas na biblioteca de 1990 até os dias atuais se deu por readaptação de função, geralmente ocasionada por problemas de saúde, excetuando a que solicitou transferência por morar próximo do IEEL.

O espaço destinado à biblioteca parece indicar que seu funcionamento sempre se deu de forma improvisada, uma vez que a precariedade desse espaço é comum nas narrativas das entrevistadas. Pelo exposto, depreende-se que a localização, a organização, a disposição espacial, a dimensão da biblioteca, bem como a qualidade dos elementos de sua estrutura física são fundamentais ao desejo de ir e permanecer nela. Nesse sentido, ressalta-se que um ambiente pode provocar diversas sensações, recordações, segurança/insegurança, inquietações e nunca nos deixa indiferentes.

O acolhimento dos usuários da biblioteca também depende de como esse ambiente está projetado e organizado, o que as narrativas demonstram que essa organização era realizada a partir dos poucos recursos disponíveis na escola. No cotidiano da biblioteca escolar, a experiência efetiva com ela não comparece nas memórias das

entrevistadas e nos espaços educativos formais é necessário considerar a dimensão do sensível, da ludicidade, da afetividade, como possíveis sentinelas da história pelas memórias e novas formas de pensar e agir.

A coleta de depoimentos possibilitou não apenas conhecer a história da biblioteca do IEEL, mas refletir sobre suas condições ao longo da existência e, ao mesmo tempo, obter mais informações que contribuíssem para a execução do Projeto de Extensão.

Pensando nas possibilidades de transformação da biblioteca do IEEL que já vêm acontecendo por meio do projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da Rede Pública de Educação* chamamos Ariano Suassuna quando diz: “O otimista é um tolo. O pessimista um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso” (PENSADOR, 2016).

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.13-15.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (Bola de Neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. 2011. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARTALO, Linete *et al.* Contribuição das Antigas Faculdades de Londrina na implantação da Universidade Estadual de Londrina. *In*: ENCONTRO CATARINENSE DE ARQUIVOS, 9., 2000, Blumenau. **Anais...** Florianópolis: Arquivo Público de Santa Catarina, 2000. p.47-60.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAMPELLO, Bernadete (coord.). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: GEBE/UFMG, 2010. Disponível em:

<[http://gebe.eci.ufmg.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13&Itemid=11](http://gebe.eci.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13&Itemid=11)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DUTRA, Maria Therezinha dos Santos. **Experiência de Serviço Social no campo escolar**. 1977. 105f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1977.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cristina Borges da. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IEEL. **Plano de Ação da Biblioteca**. Londrina, 2002.

IEEL. **Projeto Político Pedagógico**. Londrina, 2016.

IEEL. **Proposta pedagógica**. Londrina, 2012.

IEEL. **Regimento escolar**. Londrina, 1997.

IFLA. **Diretrizes para Biblioteca Escolar**. 2005. Disponível em: <[http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt\\_br.pdf](http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2016.

JIMENEZ-FERNÁNDEZ, Concepción María; CREMADES-GARCÍA, Raúl. **Bibliotecas escolares: la necesaria transformación de un agente imprescindible**. Barcelona: Editorial UOC, 2013. (Colección El Profesional de la Información, 22).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 20 out. 2016.

OLIVEIRA, Andreza Alves de. **A memória do Departamento de Ciência da Informação da UEL**: uma análise dos eventos científicos. 2017. 186f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

PARANÁ. Secretaria da Educação. Instituto de Educação Estadual de Londrina. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ldaieelondrina.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PENSADOR. **Adriano Suassuna**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTQxOTIy/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUN, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia**, São Paulo, v.4, n.1/2, p.285-298, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100013>>. Acesso em 10 ago. 2016.

THIESEN, Icléia. A informação no Oitocentos, Rio de Janeiro, Império do Brasil: notas à memória institucional. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v.5, n.9, p.1-14, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4774/4265>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.



## Capítulo 9

### O PASSO A PASSO DO PROJETO DE READEQUAÇÃO ESPACIAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR

*Felipe Martins Menck*  
*Giovana Takahashi de Oliveira*  
*Rovilson José da Silva*  
*Teba Silva Yllana*

#### 1 INTRODUÇÃO

As modificações propostas para o espaço físico da Biblioteca do Instituto Estadual de Educação de Londrina (IEEL), bem como os motivos e as razões para a proposição de cada mudança sugerida são os assuntos abordados nesse capítulo.

A Biblioteca do IEEL se encontrava em situação arquitetônica delicada, com estado de conservação crítico, ambientes desconfortáveis aos seus usuários, mobiliário e acessos não universais. Para proporcionar nesse espaço uma produção arquitetônica que se articule para colocar-se no dia a dia de quem o utiliza e convive com suas formas, isto é, a comunidade escolar como um todo, conforme proposto por Barbalho (2012), foi necessário trabalhar diferentes aspectos inerentes à construção e aos ambientes compreendidos por ela ou contíguos a ela. Assim, potencializou-se a comunicação visual do edifício, proporcionou-se segurança, desenho universal nos acessos e mobiliários, conforto térmico aos seus utilizadores, além de um projeto paisagístico para o pátio, localizado nos fundos da Biblioteca.

#### 2 MODIFICAÇÕES PROPOSTAS PARA O ESPAÇO DA BIBLIOTECA

Após levantamento *in loco* das medidas da edificação que abrangia a Biblioteca, foi possível começar o processo para reorganizar espacialmente os ambientes existentes na Biblioteca escolar. Essas modificações eram necessárias por conta da existência tanto de espaços muito apertados, como a área do acervo, quanto de espaços ociosos na edificação, como as ampliações feitas ao edifício em níveis diferentes nas fachadas frontal e a leste dele, demandando uma redistribuição

espacial dos ambientes para proporcionar maior conforto e fluidez aos fluxos de pessoas naquele local.

A planta vista na Figura 1, elaborada pelos autores de forma humanizada, para apresentar o espaço projetado de maneira mais didática e acessível ao público em geral, mostra a localização dos ambientes juntamente com o mobiliário e algumas informações, como sua setorização e funções variadas. A partir da análise dessa planta, é possível observar uma melhor adequação da disposição do acervo, a mudança do balcão de empréstimos de lugar e a ativação das áreas provenientes de ampliações feitas ao edifício em diferentes estágios da história da instituição para funções que, anteriormente, não tinham designação espacial específica. Também é possível se observar o projeto paisagístico para utilização do pátio localizado na parte de trás da edificação.

**Figura 1: Planta humanizada da proposta.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

A fachada de uma edificação tem a importante função de despertar o interesse do público e atraí-lo para o seu espaço interior. Como se pode constatar na Foto 1, a fachada da Biblioteca, em 2013, não apresentava essa característica convidativa, pois não se destacava dos outros edifícios ao seu redor e nem possuía sinalização alguma de que o edifício abriga uma biblioteca.

Além disso, o acesso principal se dava por uma rampa com declividade acentuada e patamares em intervalos insuficientes. A inclinação verificada no local era muito superior à recomendada pela norma de acessibilidade ABNT NBR 9050:2015, de 8,33% para uma rampa acessível, e o desnível vencido por apenas um segmento de rampa era mais de duas vezes maior que o máximo de 0,80m recomendado pela mesma norma, tornando essa rampa uma barreira para a entrada do edifício (ABNT, 2015).

Essa inconformidade com as Normas também aumenta o risco de acidentes: conforme reportado pelos funcionários, acidentes causados pelas características anormais da rampa já ocorreram com alguns professores, principalmente em dias chuvosos, quando a superfície da rampa, por conta do escoamento de água, se torna lisa e escorregadia.

Devido ao acesso perigoso na entrada principal, tornou-se imperativo realizar modificações, garantindo de forma perene a segurança e a acessibilidade a todos os usuários, independentemente de seu grau de mobilidade.

**Foto 1: Fachada com rampa de alta declividade e adaptação feita pela escola.**



**Fonte: Acervo... (2013).**

Constatando a urgente necessidade de se fazer um acesso mais seguro para a edificação, a Escola construiu, emergencialmente, uma escada na entrada principal para minimizar a dificuldade e os riscos no acesso à Biblioteca (Foto 2).

**Foto 2: Escada - Solução emergencial da Escola.**



Fonte: Acervo... (2017).

A proposta dos participantes do Projeto para a fachada tem como principal objetivo tornar a Biblioteca atrativa e destacada dos outros edifícios, cuidando para tornar o acesso ao local livre de obstáculos ou dificuldades para qualquer pessoa com deficiência física ou com mobilidade reduzida.

Durante a concepção da reorganização espacial, num primeiro momento, propõe-se a implantação de escada no acesso principal e rampa no entorno da fachada, permitindo o acesso à Biblioteca pela rampa apenas pelo pátio da parte de trás da Biblioteca, conforme representado na planta humanizada (Figura 1). Essa proposta teria como principal ponto positivo a facilidade de execução, por conta da declividade natural do terreno favorecer essa configuração espacial da rampa.

Após a apresentação do anteprojeto da biblioteca para os docentes e funcionários do IEEL, eles sugeriram a elaboração de outra proposta para a fachada, que permitisse o acesso a todos pela entrada

principal. A partir desse requerimento, foi desenvolvida a segunda opção para a entrada da biblioteca (Figura 2), com a implantação da rampa no acesso frontal, permitindo a utilização do mesmo acesso para todos os usuários.

**Figura 2: Fachada com rampa no acesso principal.**



Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).

Quanto à pintura externa, buscou-se a inserção de cores vibrantes como forma de atrair os olhos para a Biblioteca, conectando-a ao imaginário da comunidade escolar. O uso das curvas e das cores tem como objetivo tornar o edifício mais dinâmico e destacá-lo das edificações ao seu redor, além de buscar a criação de uma imagem forte para a Biblioteca. Essa imagem é importante para manter a Biblioteca viva na memória do usuário, alunos e professores, aumentando assim o seu uso.

Por meio das pesquisas e, principalmente, da visita à Biblioteca Central da UEL, observou-se que algumas atividades desenvolvidas nesse espaço não aparecem para aqueles que irão somente ler e emprestar um livro, mas que são intrínsecas ao funcionamento de qualquer biblioteca, como área para o estoque, acervo, catalogação, reparo e/ou organização dos livros.

Para abrigar essas funções que careciam de local específico para serem desenvolvidas, é proposta a utilização da sala apresentada na Foto 3. Em visita ao local, verificou-se uma situação próxima ao

abandono nesse ambiente. Eram armazenados ali pilhas de carteiras velhas, cones de sinalização, uma caixa d'água, entre outros objetos não relacionados ao ambiente da Biblioteca.

**Foto 3: Depósito de materiais estranhos à biblioteca.**



Fonte: Acervo... (2013).

Por essa sala estar em nível diferenciado dos outros ambientes, ela foi considerada adequada para o desenvolvimento das atividades internas da Biblioteca descritas anteriormente. O incentivo ao diálogo e à troca de ideias entre professores e/ou funcionários nesse espaço sugeriram à equipe de Projeto a ideia de acrescentar mesas e cadeiras. Por meio da Figura 3, é possível constatar melhor o tamanho do espaço anteriormente subutilizado para estoque.

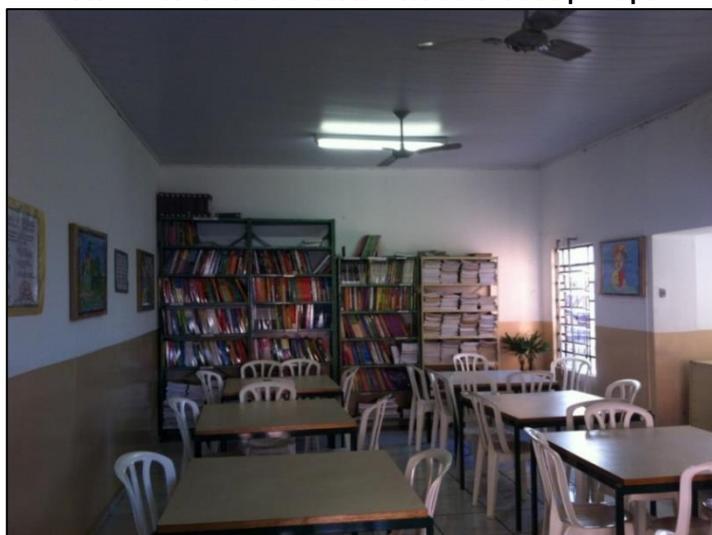
**Figura 3: Sala de catalogação e área de descanso dos funcionários.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

Próximo à entrada da Biblioteca, encontra-se o espaço de estudo coletivo. Num primeiro momento, porém, esse ambiente ainda era dividido com mais estantes de livros, fruto da disposição improvisada do espaço para a Biblioteca (Foto 4). A primeira visão ao se entrar ali era um “paredão” com livros, ocupando um espaço onde seria possível colocar mais mesas e, portanto, comportar um número maior de pessoas.

**Foto 4: Interior da biblioteca visto da entrada principal.**



**Fonte: Acervo... (2013).**

Assim, propõe-se retirar as estantes desse ambiente e colocar mesas nas laterais no espaço ocupados anteriormente por elas, conforme Figura 4. Apesar de o espaço ser planejado para estudos coletivos, troca de ideias e suporte para aulas ministradas por um professor dentro da Biblioteca, o uso como estudo individual também é possível nessas mesas.

**Figura 4: Área de estudo coletivo.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

Nas imagens a seguir, relativas aos ambientes internos da edificação, nota-se a presença de muitas paredes ao longo do espaço da Biblioteca, fragmentando-a desnecessariamente. Na foto 5, pode-se visualizar o volume do banheiro, presente no edifício desde a sua construção. Ele se manteve fisicamente, porém, como indica a placa em sua porta, está sem condições de uso há algum tempo.

**Foto 5: Volume do banheiro entre os ambientes da biblioteca.**



**Fonte: Acervo... (2013).**

Ao observar a Foto 5, é possível notar como a barreira visual criada pelo volume do banheiro, presente no meio da Biblioteca, torna os espaços além dele pouco atrativos e proveitosos para os usuários em geral. Assim, esse local deve ter sido finalmente apropriado pelos funcionários, que o utilizam em seu horário de descanso e lanche. Como já foi prevista uma sala para os funcionários desenvolverem suas atividades pessoais e serviços internos, liberou-se esse espaço para locação do acervo e de eventuais exposições. Na foto 6 constata-se a copa improvisada.

**Foto 6: Copa improvisada.**



**Fonte: Acervo... (2013).**

A proposta de unir espaços fragmentados, retirando-se algumas paredes existentes, só foi desenvolvida após a equipe de trabalho realizar um levantamento visual da estrutura da edificação, evitando-se, dessa forma, o seu comprometimento, já que foram observadas diferenças significativas de métodos construtivos quando comparada a edificação original às suas ampliações.

Na planta humanizada, apresentada no início desse capítulo (Figura 1), nota-se uma grande diferença em relação à amplitude do espaço: onde antes haviam salas pequenas e divididas, agora se encontra uma sala ampla, capaz de dar suporte para acervo e atividades de forma organizada em um só lugar.

A partir da proposta da retirada das paredes foi definida a localização do balcão de atendimento da biblioteca escolar, que deve ser a peça central do ambiente, pois é nele que os funcionários passam parte do tempo realizando controle do empréstimo de livros e supervisionando todo o funcionamento da Biblioteca. Assim, é necessário oferecer um espaço confortável e com visão da geral do ambiente, inclusive dos espaços de estudo e do acervo.

Dentro da Biblioteca atual, o balcão foi mudado diversas vezes de lugar ao longo do tempo. Na primeira visita ao espaço, ele estava em um lugar com muita insolação, se tornando desconfortável aos funcionários, como ilustra a Foto 7.

**Foto 7: Balcão de atendimento na primeira visita.**



Fonte: Acervo... (2013).

Além de ser realocado para o centro da Biblioteca, como pode ser observado na Figura 5, o balcão, assim como a prateleira-equipamento observada no fundo da imagem à direita, serviu também como uma divisória para tratar de forma sutil a diferença de nível entre a sala superior e a inferior, que será mostrada posteriormente.

**Figura 5: Balcão de atendimento central – vista da entrada.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

Ao se adentrar um pouco mais no salão principal da Biblioteca, se tem acesso ao acervo disponível para empréstimo. Nesse espaço, muitos problemas foram encontrados com o mobiliário e sua disposição. Como se pode observar na foto 8, o espaço de circulação pelo acervo é muito estreito, a altura das estantes obriga o funcionário ou aluno usar uma escada inapropriada e pouco segura e, apesar de algumas estantes serem novas, nenhuma delas é seguramente fixada à construção ou a outro tipo de estrutura, trazendo risco de acidentes aos usuários caso caiam.

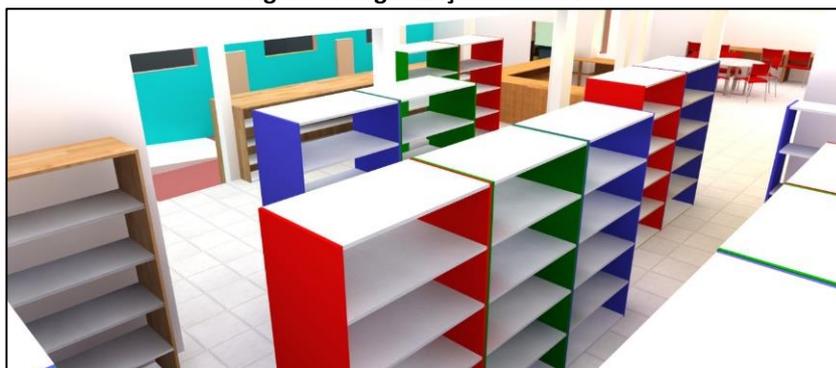
**Foto 8: Acervo: estantes altas e corredores estreitos.**



Fonte: Acervo... (2013).

A proposta de mobiliário para o acervo contempla a instalação de estantes estáveis dispostas de forma mais adequada, contribuindo para a formação de corredores mais largos (Figura 6). Esse espaço adicional será proporcionado pela demolição de paredes existentes e integração de espaços hoje ociosos, oferecendo o acervo em um lugar mais amplo. Também foram escolhidas estantes coloridas para, novamente, trabalhar o aspecto lúdico.

**Figura 6: Organização do acervo.**



Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).

A necessidade de se retirar diversas paredes justificou-se, principalmente, pela existência de ambientes na mesma edificação da biblioteca, mas totalmente segregados dela, como o espaço observado na Foto 9, entre o salão da biblioteca e a sala inferior, que estava sendo usado para armazenamento de acervo em estoque. É possível ainda observar um exemplo da ocorrência de sucessivas adaptações e de diferentes usos nos espaços da edificação pela existência de um tanque no interior da biblioteca, observado na parte inferior direita da imagem.

**Foto 9: Depósito de acervo em ambiente subaproveitado.**



Fonte: Acervo... (2013).

Conforme mencionado anteriormente, há uma sala no nível inferior à Biblioteca que se encontra subutilizada e isolada do restante dos ambientes. Além disso, é possível constatar a ocorrência de problemas de infiltração, devido ao escurecimento do forro no ambiente. Na Foto 10, é possível se observar a existência de uma parede do lado esquerdo, que faz divisa com a sala superior e de uma parede no fundo da sala, separando a sala inferior do ambiente mostrado na imagem anterior.

**Foto 10: Sala anexa, existente em nível inferior.**



Fonte: Acervo... (2013).

Assim, para integrar a sala inferior ao restante da biblioteca, propõe-se a criação de uma rampa interna no espaço apresentado na Figura 7. Com o levantamento da estrutura realizado, foi possível propor a retirada de todos esses fechamentos que segregavam o espaço, mantendo-se apenas alguns pilares estruturais. Após a retirada de algumas paredes desse ambiente, o caminho entre o acervo da Biblioteca e a sala inferior tornou-se transitável por uma rampa interna acessível. As instalações de água do tanque também foram aproveitadas para inserir um banheiro e um bebedouro, que estariam localizados à esquerda do espaço mostrado na Figura 7.

**Figura 7: Integração da sala anexa/nível inferior com a sala superior.**



Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).

Um mobiliário que se destaca no agora integrado salão da Biblioteca é a prateleira-equipamento (Figura 8) criada entre as salas inferior e superior para fazer a transição de nível de forma suave, valorizando esteticamente o projeto. A estante se volta para ambos os lados, atendendo a necessidade de mais espaço para o acervo e funcionando também como um guarda-corpo.

A sala inferior foi setorizada para o estudo individual, propondo-se a existência de divisórias nas mesas entre cada cadeira. É muito importante, dentro da Biblioteca escolar, um espaço mais tranquilo para estudo individual. Indica-se a localização desse espaço longe da entrada principal, havendo assim reduzido o trânsito de pessoas no ambiente. Por meio da Figura 8, também é possível notar a diferença na percepção do espaço ao se retirar as paredes que dividiam as salas.

**Figura 8: Espaço de estudo individual com prateleira/divisória.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

O mobiliário escolhido para os espaços ficou a cargo de um grupo responsável pela pesquisa de móveis adequados para o ensino e, principalmente, para a faixa etária atendida pela Biblioteca. A partir dessa pesquisa, foi gerada uma planilha (Cf. Capítulo nº 6), onde se encontra a lista de todos os móveis selecionados, considerados os mais adequados para a biblioteca escolar do Projeto.

A setorização de cada ambiente foi importante norteador para a escolha do mobiliário, pois não é possível se iniciar uma pesquisa de mobiliário sem antes definir quais serão os setores contemplados pelo novo mobiliário e a dimensão que cada um desses setores viria a ocupar na Biblioteca. Durante o processo, um dos maiores obstáculos foi a dificuldade de encontrar fabricantes para o mobiliário específico para Biblioteca escolar, pois eram empresas relativamente distantes da cidade de Londrina, toda a pesquisa foi realizada através da internet, sem a possibilidade de visitas a empresas e fabricantes.

Além das questões relativas a acessos, setorização, fluxos, mobiliário e aproveitamento das áreas internas, um dos aspectos principais considerados no processo de projeto foi a necessidade de se melhorar o conforto ambiental na Biblioteca. As mudanças ocorridas no espaço interno proporcionaram uma melhor iluminação natural e a criação de uma ventilação cruzada na edificação: ao se retirar paredes entre os ambientes internos, a circulação natural de ar entre os ambientes se tornou possível.

A incidência de sol dentro da Biblioteca, vinda do pátio detrás, causava elevado ofuscamento e aquecimento dos ambientes internos e precisava ser atenuada (Foto 11). Para resolver o aquecimento e a insolação dos ambientes internos ao mesmo tempo, deve-se adotar uma proteção externa que filtre os raios solares antes da sua penetração no ambiente interno. Apesar de a solução mais adequada ser a implantação de uma proteção externa, a fachada do edifício na qual essa proteção seria instalada era a menos alterada da Biblioteca, instalada na primeira edificação construída do IEEL.

**Foto 11: Incidência de sol na fachada dos fundos.**



Fonte: Acervo... (2013).

Assim, a proteção adotada deveria se diferenciar esteticamente do restante da fachada histórica, preservando as características visuais do estilo antigo e, ao mesmo tempo, aplicar na nova estrutura proposta um estilo geométrico e contemporâneo, promovendo o contraste entre ambas. Para isso, foi proposta a instalação de pergolados na fachada anterior do edifício (Figura 09) filtrando essa insolação elevada sem impactar na tipologia dessa fachada histórica.

**Figura 9: Pergolados para a fachada dos fundos.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

O pátio atrás da biblioteca em 2013, no momento da primeira visita, encontrava-se abandonado. Era possível constatar, devido à presença de sucatas de brinquedos (escorregador e balanço) que ali fora utilizado para aulas, ou seja, o edifício da Biblioteca abrigava os alunos da educação infantil (Foto 12).

Ele ocupa um espaço relativamente grande, apresentando potencial para ser explorado. Por estar atrás da Biblioteca, naturalmente se configura como uma extensão dela, sendo considerado um espaço adequado para leitura informal, socialização e contato com a natureza.

**Foto 12: Pátio dos fundos - situação encontrada.**



Fonte: Acervo... (2013).

Além disso, com base nas experiências escolares dos extensionistas e levando em conta o espaço pedagógico, foram atribuídas ainda mais funções ao pátio. Pode-se citar, por exemplo, o uso para teatro, apresentações escolares e momentos de contar histórias como algumas das atividades possíveis de serem desenvolvidas com o objetivo de reativar aquele espaço. Para dar suporte a essas atividades, foi projetado um palco e arquibancada com capacidade para aproximadamente 100 pessoas, incluindo espaço para dois cadeirantes, abrigando confortavelmente até três turmas simultaneamente (Figura 10). A arquibancada também pode servir como um lugar de descanso nos intervalos de aula ou como local de encontro entre alunos.

**Figura 10: Arquibancadas - Pátio dos fundos.**



Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).

A elevação de concreto, cortando o pátio ao meio, foi retirada para dar lugar à grama e às árvores, tornando o ambiente mais agradável e convidativo (Figura 11). A sombra gerada pelas árvores ainda ajudaria no conforto ambiental, evitando a incidência solar direta tanto em grande parte do pátio como no interior da Biblioteca.

**Figura 11: Pátio da biblioteca – espaço para leitura informal.**



Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).

O pátio encontrava-se fechado para a escola, sendo possível apenas acessá-lo através do interior da Biblioteca. Com isso, o provável conflito causado entre os alunos utilizando o espaço interno da

Biblioteca para estudo/leitura e a passagem de outros alunos para a área externa ficaria extinto com a abertura da passagem lateral. A Foto 13 apresenta um espaço amplo inutilizado, na lateral da Biblioteca, separado do pátio geral da escola por um muro existente.

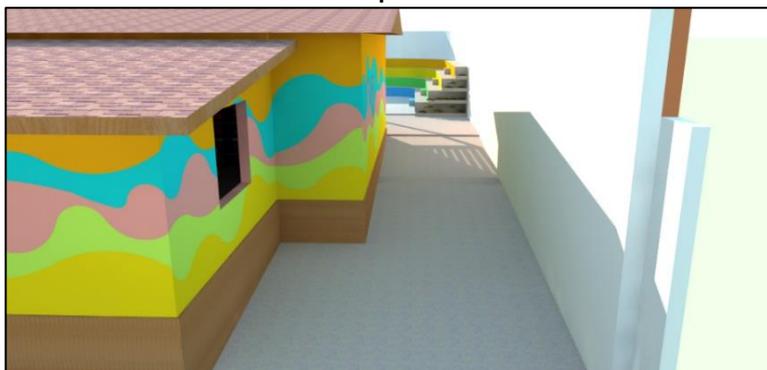
**Foto 13: Pátio lateral – corredor e muro existentes.**



Fonte: Acervo... (2013).

Com a abertura desse espaço para o restante do pátio da escola por uma entrada lateral, Figura 12, as possibilidades de trânsito entre os pátios são ampliadas, permitindo a apropriação pela comunidade escolar e valorizando, efetivamente, os espaços internos e externos à biblioteca.

**Figura 12: Corredor lateral com rampa, conectando o pátio interno da biblioteca ao pátio da escola.**



Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).

Em 2015, após a apresentação do anteprojeto para avaliação dos docentes e funcionários da Biblioteca, as discussões sobre o espaço repercutiram e algumas sugestões foram feitas, sendo a principal delas a mudança da rampa de acesso para a entrada principal, para que todos pudessem entrar pelo mesmo lugar, sem distinções (Figura 13).

**Figura 13: Visão geral – perspectiva.**



**Fonte: Elaborado pelos extensionistas no SketchUp (2016).**

Essa interação entre os participantes do Projeto de Extensão e os funcionários da escola se mostrou muito enriquecedora, pois acrescentou a visão de quem vivencia o espaço e sabe das necessidades da Biblioteca no dia a dia mais do que ninguém.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Projetar a readequação de uma antiga residência para uma Biblioteca escolar não é tarefa fácil. Há muitos fatores a serem considerados, como a segurança e a acessibilidade de todos; a visibilidade geral da Biblioteca pelo funcionário, a adequação do mobiliário no acervo de forma a não trazer perigos para os alunos; o conforto térmico – insolação, ventilação e iluminação – e a localização de ambientes apropriados para estudos coletivos e individuais. No caso específico do IEEL, havia ainda um espaço adicional externo a ser

aproveitado para enriquecer ainda mais as possibilidades de uso oferecidas pela Biblioteca escolar, com potencial para leituras informais e para estimular atividades como teatro, apresentações escolares, entre outros.

A Biblioteca se encontrava com espaços muito segmentados e, por isso, mal aproveitados. A solução foi abrir ao máximo seu espaço interno, propondo a demolição de algumas paredes, cuidando sempre para não prejudicar a estrutura existente e melhorando também a visibilidade interna. O mobiliário atual apresentava riscos à segurança das crianças, portanto, a nova proposta traz estantes seguras e presas ao chão e mesas e carteiras adequadas às medidas dos alunos da rede de ensino. Por fim, no pátio existente atrás do edifício, foi bastante explorado o convívio dos alunos, com áreas mais verdes e a possibilidade do contato com atividades mais informais, como apresentações de trabalhos, contos e teatro.

As leituras de textos sobre os espaços das bibliotecas e as visitas técnicas realizadas foram essenciais para o desenvolvimento do Projeto, pois apenas após adquirir um conhecimento prévio dos espaços necessários para o bom funcionamento de uma biblioteca foi possível projetá-los de forma a suprir as necessidades dos usuários.

O diferencial desse Projeto foi a multidisciplinaridade, o contato entre colaboradores e docentes de Arquitetura, Educação e Biblioteconomia. Essa junção de conhecimento de três áreas distintas agregou valor maior ao trabalho. Não adiantaria apenas entregar um ambiente adequado e esteticamente bonito se não fosse trabalhada a questão pedagógica, tornando a agradável biblioteca um verdadeiro espaço de ensino.

## REFERÊNCIAS

ACERVO fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2013.

ACERVO fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. As cartografias da biblioteca. *In*: BARBALHO, Célia Regina Simonetti; SILVA, Rovilson José da; GOMES, Samir Hernandes Tenório; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN Editora, 2012. p.93-130.

SKETCHUP. Software de projetos 3D. Modelagem 3D na Web. 2016.



## Capítulo 10

### DO PROJETO DE EXTENSÃO EM LONDRINA-BRASIL ÀS BIBLIOTECAS ESCOLARES EM ST. ETIENNE - FRANÇA

*Isabella Khauam Maricatto*  
*Rovilson José da Silva*

#### 1 INTRODUÇÃO

Como aluna de Arquitetura e Urbanismo do Terceiro Ano da UEL participo do *Projeto de Extensão Mediador de Leitura na Rede Pública de Ensino*, desde 2013. Interessei-me pelo projeto logo na primeira semana de aula, na apresentação de todos os projetos de ensino, pesquisa e extensão. Consegui obter uma bolsa no período de um ano, entre agosto de 2014 e julho de 2015.

Enquanto realizava a extensão, fui aprovada no processo seletivo da UEL para participar do Programa Ciências sem Fronteiras do Governo Federal, realizando um ano de intercâmbio na França. Mesmo assim, mantive o contato com o orientador e os participantes do Projeto passando a analisar as bibliotecas escolares na cidade francesa de Saint-Étienne, cidade onde realizei o intercâmbio.

O Projeto de Extensão permitiu expandir a minha visão perante o modo de ensino, proporcionando uma bagagem teórica e prática que possibilitou que com apenas um breve contato com uma biblioteca, pudesse percebê-la e analisá-la minimamente.

Na Extensão havia o auxílio e a orientação de professores de diferentes cursos como: Arquitetura, Biblioteconomia e Pedagogia. Esse leque de diferentes visões de ensino e metodologias resultou em um projeto multidisciplinar que trabalhava não apenas aspectos didáticos em relação à comunidade da escola - alunos, professores, diretores, coordenadores e supervisores – mas também aspectos construtivos de modificação do espaço da Biblioteca.

A metodologia empregada no Projeto buscou a reestruturação pedagógica por meio da interação com os mediadores e a análise da percepção dos usuários, proporcionando um melhor desenvolvimento e consequente eficácia no resultado final.

O Projeto no Brasil foi se desenvolvendo por meio de uma série de etapas distintas caracterizadas por peculiaridades, conforme veremos no decorrer do texto. Cada momento do processo de formação técnica para o trabalho de proposta da reforma da Biblioteca teve sua devida importância. Por meio da visita à biblioteca da UEL adquirimos conhecimentos básicos de funcionamento de uma biblioteca de alto porte, o que melhorou a nossa percepção de espaço em relação à organização e distribuição de ambientes que gerariam uma biblioteca, que se tornam imprescindíveis para que esta cumpra seu papel adequadamente.

A visita de campo à Biblioteca do IEEL permitiu o levantamento de dados para a construção de maquetes em 3D e para melhor visualização de funcionários e alunos de novas propostas de reforma. A análise de horários de funcionamento nos três diferentes períodos do dia nos mostrou o modo como os alunos utilizavam a Biblioteca e o papel dos professores quanto ao incentivo à leitura.

A interação com a comunidade escolar foi fundamental para aumentar as possibilidades de solução para os problemas de funcionamento encontrados e descritos pelos usuários da Biblioteca. Todos os trabalhos foram desenvolvidos em grupos, o que ressalta ainda mais a pluralidade de pensamentos e a riqueza cultural encontrada na proposta final.

Em um primeiro momento, os aspectos positivos que auxiliam o bom funcionamento e permitem a alta frequência dos alunos na Biblioteca do IEEL foram difíceis de serem encontrados. Nosso olhar foi direcionado às necessidades primárias de uma biblioteca escolar, visto que os problemas que afetavam o bem-estar do aluno eram constatados rapidamente: a ventilação inadequada, o mobiliário precário e desconfortável, assim como a iluminação natural que permitia incidência solar direta ou parcial no ambiente e deteriorava boa parte do acervo, eram aspectos físicos que geravam desconforto aos usuários. Aliados a esses, ainda estavam outros relacionados à formação de mediadores e responsáveis, a desatualização e desorganização na distribuição do acervo, falta de acessibilidade aos usuários com necessidades especiais e ausência de tecnologias eram alguns pontos pertinentes que precisavam ser modificados.

Diante das precárias condições, o aluno dificilmente encontraria motivação para utilizar aquele espaço. Porém, através de projetos dos quais os professores se engajavam, os alunos utilizavam regularmente a biblioteca. Assim, por meio da orientação do coordenador do Projeto de Extensão, realizada por e-mail, foram selecionados os principais pontos a serem tratados, no qual a temática provisória seria: o espaço para biblioteca escolar: Brasil e França.

Nesse contexto, a partir da vivência e estudos no Projeto de Extensão no Brasil, formulei um texto cujo enfoque seria contextualizar o leitor em relação ao período em que participei do Projeto de Extensão no Brasil e, posteriormente na França, como bolsista da *École Nationale Supérieure d'Architecture*, em Saint-Étienne, que possui uma maneira distinta de tratar a Arquitetura, uma cultura diferente da brasileira.

Em seguida, caracterização da cidade de Saint-Étienne, seu contexto histórico e urbano. Após, sucintamente, apresentarei o sistema de Bibliotecas em Saint-Étienne e o meu convívio na École e Bibliotecas. Finalizando com as bibliotecas escolares na França da École Elementaire Vittone e École Jules Ferry, pontuando a relação pedagógica dos alunos com as bibliotecas, na busca de evidenciar o papel das bibliotecas nos dois países em análise, suas principais características de funcionamento, espaço e acervo das instituições de ensino.

## **2 UMA ESTUDANTE DE ARQUITETURA DA UEL NA ÉCOLE NATIONALE SUPÉRIEURE DE SAINT-ÉTIENNE – FRANÇA**

No final de junho de 2015 fui para a França realizar um intercâmbio em uma instituição francesa através do Programa Brasileiro Ciências Sem Fronteiras, nos dois meses iniciais tive curso de francês e em setembro começou o ano letivo. Fiz dois semestres de estudos de Arquitetura na *École Nationale Supérieure de Saint-Étienne* (ENSASE), retornando para o Brasil apenas em julho de 2016. Anteriormente, no Brasil, participava do Projeto de Extensão: *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*, realizado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), referente à readequação arquitetônica e pedagógica da biblioteca do Instituto Estadual de Educação de Londrina (IEEL).

A ENSASE possui 510 estudantes e um acervo exemplar na área de Arquitetura, considerada referência para as outras universidades da cidade. O convívio com diferentes culturas, diferentes alunos e o modo com que eles utilizavam o espaço da biblioteca, laboratórios ou ateliês continha particularidades. Os ateliês ou espaços compartilhados eram todos ambientes repletos de silêncio e concentração.

Durante esse período no exterior, em contato com a coordenação do projeto, soube da proposta de elaboração de um livro a respeito do Projeto, que tinha como objetivo apresentar o processo, as fases do projeto de readequação Biblioteca do IEEL, assim como sua evolução.

Após a realização de um trabalho da disciplina "Espaços Intersticiais" na ENSASE, o que me permitiu entrar em contato direto com uma escola pública francesa, a *École Elementaire Vittone*, interessei-me em dar continuidade ao projeto e contribuir com um capítulo para compor o livro, utilizando o que havia aprendido e vivido na Extensão no Brasil em paralelo com as bibliotecas escolares que encontrei na França.

Para tal, realizei entrevistas gravadas que me proporcionaram coletar algumas informações importantes em duas escolas de ensino *Elementaire*, destinadas a crianças entre 6 e 11 anos, a fim de entender melhor o funcionamento das bibliotecas escolares e a influência do modo de funcionamento na vida dos franceses como reflexo atual. Esse contato direto, estabelecido através das visitas, proporcionou a ampliação da compreensão cultural e de ensino, das bibliotecas e instituições escolares francesas.

Durante o processo de desenvolvimento inicial desse capítulo, na França, as orientações eram realizadas via e-mail com o coordenador do Projeto no Brasil. Essas orientações tiveram papel fundamental para assessorar a conexão entre a ideia inicial do capítulo e a temática do livro, permitiu melhor compreensão do objetivo do livro, além da análise da estruturação do texto. Através dos e-mails correspondidos foi possível compartilhar as diferentes ideias e conduzir o trabalho por meio das leituras de diversos artigos, livros e textos relacionados, que me auxiliaram no percurso da escrita.

**Figura 1 : Vista aérea da cidade de Saint-Etienne – França.**



**Fonte: STÉ... (2017).**

Saint-Étienne está localizada no departamento do Loire, na região administrativa de Auvergne-Rhône-Alpes, centro-leste da França. Considerada uma cidade grande, se comparada à maioria das cidades francesas, possui aproximadamente 170 mil habitantes e é fácil perceber, através do modo de se vestir, existe uma considerável porcentagem de imigrantes africanos mulçumanos, que ocupam a maior parte dos postos de trabalho do comércio e feiras ao ar-livre, vindos de países como Marrocos, Argélia e Tunísia.

Durante a Revolução Francesa ficou conhecida pelo acelerado desenvolvimento das atividades de metalurgia e exploração de minas. A cidade possui o Museu da Mina que, além de abrigar algumas atividades culturais da cidade em datas específicas, conta toda a história dos períodos mais sombrios que a cidade viveu, por meio de fotos e utensílios utilizados na época é possível se transportar para o Século XIX. Podemos entrar na mina e imaginar como os operários se sentiam a vários metros do solo em um espaço mínimo.

A economia se baseia essencialmente em torno de atividades agroalimentares, de pesquisas industriais e tecnológicas. A cidade possui inúmeros equipamentos culturais, teatros e museus. Atualmente, existe um programa de renovação urbana que visa conduzir a transição do estado de cidade industrial herança do Século XIX para a Capital do Design do Século XXI, esse percurso foi reconhecido e valorizado a partir da entrada de Saint-Étienne na rede de cidades criativas da Unesco em 2010 (CREATIVE..., 2017). Saint-Étienne é uma cidade que possui notáveis Escolas Nacionais, como École Supérieure d'Art et Design; École Nationale d'Ingénieurs; École

Nationale Supérieure d'Architecture; Ecole Nationale Supérieure de Sécurité Sociale; Université Jean Monnet; além de vários cursos técnicos. Contém 157 estabelecimentos públicos e privados do ensino primário até o médio, dentre eles 69 escolas primárias. O número de estudantes é considerável, através dessa quantidade, é possível constatar a alta frequência dos estudantes nas bibliotecas ou miatecas públicas.

### **3 O SISTEMA DE BIBLIOTECAS EM SAINT-ÉTIENNE: O CONVÍVIO ENTRE ESCOLA E BIBLIOTECA**

Por meio do Sistema de Bibliotecas integradas de Saint-Étienne, o estudante matriculado em alguma universidade ou *École Supérieure*<sup>1</sup> possui um cartão estudantil de acesso ao sistema. Assim, dá-se a possibilidade de livre acesso e empréstimo de material em todas as bibliotecas existentes na cidade, seja ela universitária ou não. Esse sistema inclui também as miatecas, onde é proporcionado igualmente o empréstimo de livros, CDs e DVDs. O sistema é todo interligado, contando com 07 miatecas espalhadas por todas as regiões da cidade.

Além do acesso livre às bibliotecas e miatecas da cidade, o estudante pode consultar a disponibilidade ou existência de determinada obra que tenha interesse a partir da rede chamada Bibliotecas em Rede Informatizadas de Saint-Étienne (BRISE). Esta se compõe pela BRISE-Cidade e BRISE Ensino Superior.

Após a visita à *Bibliothèque Universitaire de Saint-Étienne* e a observação da quantidade de estudantes que frequentavam o local, analisei os aspectos positivos que chamavam a atenção para o bom funcionamento da biblioteca.

A boa iluminação, o acervo atualizado, os mobiliários confortáveis e outros que garantiam uma leitura mais descontraída, salas de trabalho em grupo e mesas individuais que eram sempre dispostas ao lado de janelas com a finalidade de proporcionar um ambiente mais arejado e uma vista agradável, tudo isso contribuía para

---

<sup>1</sup> As *Écoles Supérieures* francesas se diferem das universidades por serem menores e normalmente apresentarem cursos específicos, além do processo seletivo para o ingresso ser mais rigoroso.

o conforto do usuário e eram alguns dos aspectos que levam a maioria dos estudantes a frequentarem a biblioteca.

Em algumas conversas realizadas com os estudantes usuários da biblioteca, todos descreviam o espaço como agradável, tranquilo, silencioso e ideal para uma profunda concentração. Após essa observação e algumas anotações sobre as considerações feitas pelos estudantes, interessei-me em descobrir a relação biblioteca-aluno no ensino primário, ou como é denominado no Brasil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

#### **4 BIBLIOTECAS ESCOLARES NA FRANÇA: *ÉCOLE ELEMENTAIRE VITTONNE* E *ÉCOLE JULES FERRY***

Durante a realização de um trabalho para a disciplina de Espaços Intersticiais, cursada na ENSASE, entrei em contato direto com o diretor da escola pública *École Élémentaire Vittone* que possuía alunos com uma faixa etária entre 6 e 11 anos. Era pertinente descobrir um pouco mais a respeito do funcionamento da biblioteca escolar na França, mais especificamente, em *Saint-Étienne*. Desta maneira, o primeiro passo foi organizar e selecionar as principais ideias para elaboração dos questionários utilizados nas entrevistas com diretores, professores e, em geral, com a comunidade escolar.

Em entrevista, o Diretor da *École Élémentaire Montaud*, mais conhecida como Vittone, foi possível descobrir que a distribuição das escolas e de seus alunos é similar à do Brasil, em cada bairro existe uma escola primária e apenas as crianças que residem no mesmo bairro podem ser matriculadas na escola. Afinal, as escolas de cada bairro devem suprir em termos de vagas a quantidade de crianças que demandam por educação em uma região específica.

As escolas, devido ao número reduzido de alunos, a biblioteca é pequena e o acervo, como consequência, é limitado pelo espaço físico. Por esse motivo, os alunos do primário se deslocam para as bibliotecas públicas municipais para realização de diversas atividades relacionadas à leitura. Além disso, os autores de livros infantis, muitas vezes se apresentam nessas bibliotecas e é possível o encontro dos alunos com os escritores da literatura infantojuvenil.

Após contato e autorização das instituições no período de outubro a dezembro de 2015, visitei duas escolas localizadas em bairros

distintos, uma na região oeste outra na parte leste da cidade. A *École Elementaire Vittone* e a *École Jules Ferry* foram as duas escolas selecionadas, pois continham o mesmo parâmetro do Instituto estudado pelo Projeto de Extensão de Londrina.

O estudo de campo consistiu em visitas de campo, marcadas previamente ou agendadas, embasou-se em conversas gravadas com dois diretores e alguns professores das escolas. Dessa maneira, pude realizar várias anotações que contribuíram para o desenvolvimento do projeto e auxiliaram na compreensão da relação biblioteca escolar-aluno na cidade de Saint-Étienne.

#### 4.1 *École Elementaire Vittone*

A *École Elementaire Vittone* está situada na parte oeste da cidade em uma zona de concentração industrial, no bairro de *Montaud*. As construções antigas localizadas no entorno são datadas do Século XIX e estão sem manutenção.

O bairro é predominantemente habitado por imigrantes africanos e por uma parcela de estudantes universitários, visto que a região fica próxima a *École* e outras instituições de ensino.

**Figura 2: Fachada École Vittone.**



Fonte: Google Street View (2017).

A arquitetura do prédio da escola é vertical, foi construído em 1880 e reformado em 2002-2003 possui três pavimentos e é uma escola relativamente pequena, por ser um bairro que possui poucas crianças, comparado a outros da cidade com a mesma quantidade de habitantes.

O pátio da escola se encontra voltado para uma passagem, o portão é baixo e permite a visibilidade das crianças durante o horário de recreação. A escola funciona em um período integral - das 08h30 às 16h30, com uma pausa de duas horas para o almoço, entre às 11h30 e 13h30 - e os pais esperam as crianças na passagem que se localiza em frente à escola. É possível dizer que a criança vive um pouco do dinamismo da cidade quando frequenta o pátio externo. Existem dois acessos para escola, um mais utilizado para a saída e entrada de crianças e, o outro, para o acesso de pais, responsáveis e corpo docente.

A École Vittone é considerada uma escola municipal de educação infantil. Conta com 165 alunos, com a média de 22 a 26 alunos por classe. Seu programa pedagógico voltado à biblioteca era muito completo e diversificado. Ao visitar a escola busquei informações sobre a relação aluno e biblioteca, quem eram os mediadores da leitura e como eles se comportavam diante da metodologia aplicada.

A biblioteca está localizada no pavimento inferior da escola. O espaço está dividido em dois setores: o ambiente que os alunos assistem a filmes e documentários, dispendo de sofá e pufes para melhor acomodação. Além disso, existem alguns equipamentos tecnológicos: um projetor, televisão, rádio e computador que são manuseados apenas pelos professores.

A iluminação da sala é ótima, mesmo sendo localizada em um piso inferior, possui grandes portas e janelas de vidro, um mobiliário diversificado, que atende funções variadas e permitem usos alternados, para o aluno é possível compartilhar momentos de concentração e descontração em um mesmo ambiente, sendo assim, o mesmo se torna agradável e os alunos se apropriam do espaço.

**Figura 3: Interior École Vittone.**



**Fonte: Maricatto (2016).**

Essa vivência no espaço dedicado a leitura os deixam confortáveis e familiarizados com a biblioteca, despertam-lhes o sentimento de pertencimento e constroem uma imagem positiva em relação aos livros. Assim, a imagem construída das relações leitura e biblioteca ultrapassa os portões da escola e permanece dentro do aluno, mesmo após os horários de aula.

**Figura 4: Interior École Vittone.**



**Fonte: Maricatto (2016).**

Conforme as figuras 3 e 4 do interior da sala utilizada como biblioteca, é possível constatar que a disposição do mobiliário em forma circular traduz a realização de atividades dinâmicas com as crianças. O acervo bem organizado permite o fácil entendimento do aluno em relação à disposição dos livros. O mobiliário é adequado ao tamanho dos alunos, o que facilita o acesso ao acervo e aos materiais.

A biblioteca revela que os professores lidam com esse ambiente de forma a desenvolver nos alunos o sentimento de pertencimento ao local e à leitura. O ambiente de leitura é um espaço aconchegante, onde se pode desfrutar de momentos divertidos de criações e, portanto, é um incentivo para imaginação do aluno.

Em uma das visitas à escola, uma professora do segundo ano do ensino primário me recepcionou e esclareceu algumas questões ainda pendentes sobre a metodologia de ensino aplicada na biblioteca da escola. Na escola existe um plano de utilização da biblioteca, toda a semana um professor reserva a sala para determinada classe e, então, é apresentado aos alunos diversas atividades para despertar o interesse do aluno pela a leitura. É importante evidenciar que as aulas são conduzidas na biblioteca pelos professores de cada ano e não existe um bibliotecário ou um profissional com as funções inerentes a este dentro da biblioteca. Desse modo, os professores são responsáveis pelos empréstimos dos livros e possuem as chaves dos ambientes destinados à leitura, o uso da sala é limitado aos horários específicos de cada aula.

**Figura 5: Fachada Midiateca Carnot.**



**Fonte: Maricatto (2016).**

A biblioteca na *École Vittone* é constituída por apenas uma sala, em vista disso, os alunos são muitas vezes levados para a Midiateca *Carnot*, localizada nas proximidades.

**Figura 6: Fachada Midiateca Carnot.**



Fonte: Maricatto (2016).

Além de explicar como funcionam as visitas rotineiras à midiateca, a professora apresentou a biblioteca escolar e o projeto elaborado pela escola, que será explicado a seguir, que é realizado com todos os alunos da escola e faz parte de uma parceria com a Biblioteca da cidade de *Saint-Étienne*.

#### **4.1.1 A Relação entre os Alunos e a Biblioteca da École Vittone**

A biblioteca é realmente um ambiente de pesquisa onde se podem encontrar diferentes fontes sobre assuntos ou temas específicos. Com a utilização de tecnologias presentes, esses temas são aprofundados não apenas com a leitura dos livros, mas também através de vídeos, documentários e exposições, para que os alunos possam memorizar e compreender temas específicos de uma maneira mais dinâmica.

São realizadas diversas exposições nas bibliotecas da cidade, a última exposição que acompanhei em 2015, fez com que os alunos trabalhassem sobre o autor *Antoine Guilloppé*<sup>2</sup>. O projeto de leitura é

---

<sup>2</sup> Antoine Guilloppé é um escritor e ilustrador de literatura infantojuvenil francês.

realizado em parceria com a Biblioteca *Tarentaise*, uma das principais bibliotecas municipais de *Saint-Étienne*, e as leituras são trabalhadas em torno de um autor específico a cada semestre. Em resumo, toda a escola participa do projeto, que consiste na leitura de obras do autor, o processo de estudo e leitura do último escritor teve a duração de 07 semanas. Depois do estudo da obra, uma turma foi escolhida para visitar a exposição sobre o autor que se encontrava na Biblioteca Municipal *Tarentaise* e lá houve e uma discussão acerca de sua obra literária. A professora comentou: “os alunos entrevistaram o autor, como já haviam discutido muito sobre seu trabalho desenrolaram uma conversa interessante e produtiva com o escritor”.

Após a realização do encontro com o escritor continuou-se o trabalho com as obras do mesmo autor e surgiu outro tema de estudo em vista, as ilustrações dos livros de *Guilloppé*, que são de acervo pessoal e realizadas pelo próprio escritor, um ilustrador que se inseriu no mundo lúdico da leitura infantojuvenil para despertar e apreender a atenção das crianças preenchendo as páginas de diversos livros com figuras de uma mesma linguagem, proporcionando identidade as suas obras literárias. Segundo a Professora:

[...] na biblioteca da escola nós fazemos um projeto voltado às disciplinas básicas como História, em Geografia, Matemática, Inglês, Ciências, há um pouco de tudo. A leitura e a cultura geral, onde está situado determinado país e como pessoas que moram lá se comportam, como eles vivem, como escrevem, como leem, como fazem para viver, trabalhar o aspecto mais geral, através de documentários, histórias, contos, como os professores dão aula de todas as disciplinas, eles possuem um contato maior com os alunos. Escolhendo o melhor caminho para o desenvolvimento intelectual do aluno. Tentam encontrar os projetos onde é possível trabalhar um pouco de tudo (tradução nossa).

Assim, o planejamento para a mudança do tema é fundamental, os professores possuem critério próprio de escolha, verifica-se o acervo existente na biblioteca, assim como a possibilidade de novos estudos e exposições a serem organizadas. Entretanto, a escolha permanente é

definida de acordo com o interesse apresentado pelos alunos nas obras propostas.

#### 4.2 *École Jules Ferry*

A *École Elementaire Jules Ferry* (Figura 7) está situada na parte leste da cidade em uma zona que possui inúmeros comércios, ao sul do centro da cidade, no bairro de *Bizillon Centre Deux*. O bairro se desenvolveu em torno das atividades pós-industriais. Foram realizados estudos para sua reestruturação na década de 70 (CIMAISE Architectes, 1979) e atualmente, é considerado um bairro moderno, equipado com um centro comercial, o *Centre Deux*, e mais de centenas de lojas.

**Figura 7: Fachada *École Jules Ferry*.**



Fonte: Google Street View (2017).

A Escola *Elementaire Jules Ferry* localiza-se ao lado da *École Maternelle* que tem o mesmo nome. A diretora era também professora no maternal, a prioridade dessa escola era voltada à educação ecológica. Possui um total de 78 alunos.

A escola tem muros altos, o pátio interno por sua vez fica distante da realidade e da movimentação do exterior. Essa forma de desconexão com o que se passa no lado exterior da escola tem o seu lado bom, o aluno se insere completamente no ambiente escolar. Porém, a biblioteca fica voltada para um pátio barulhento na hora do intervalo. A mesma, não possui identificação para se diferenciar das demais salas do entorno e criar sua própria identidade dentro do meio escolar, nem mesmo atrativos que demonstrem sua importância e seu papel fundamental dentro da escola.

Através da organização espacial do ambiente, composta pela disposição do mobiliário e do acervo, conforme a Figura 8 é possível constatar que os alunos não são familiarizados com a biblioteca, uma vez que esta permanece com as portas fechadas durante a maior parte do tempo em que os alunos se encontram na escola.

**Figura 8: Interior Biblioteca Escolar Jules Ferry.**



Fonte: Maricatto (2016).

Alguns professores ressaltaram que uma mudança na imagem da biblioteca seria ótima para revitalizar uma parte fundamental da escola, o espaço da leitura. Em entrevista com a diretora da escola – também professora responsável por uma sala do ensino maternal – presente apenas no período matutino, não pensa que a investir na biblioteca seja prioridade.

#### ***4.2.1 A Relação entre os Alunos e a Biblioteca na Jules Ferry***

“A biblioteca não é muito utilizada, não é bonita e nem convidativa, portanto, não é colocada em valor”, segundo a diretora as aulas de leitura se restringiam às idas à Biblioteca Universitária, lá os alunos podem folhear os livros durante a aula ou até mesmo emprestá-los. Não existe um projeto de leitura específico, já que a biblioteca não é atraente, eles buscam promover o interesse da leitura nas crianças através de visitas às bibliotecas municipais.

A entrevistada ressalta, ainda, que é preciso trabalhar em torno de projetos para melhoria das instalações do ambiente de leitura dentro da escola. Lá são os professores que organizam o empréstimo de livros, o acervo é bem pequeno e não muito acessível, já que a biblioteca passa a maior parte do tempo fechada.

A sala de aula possui uma das faces voltada para Leste, as cortinas ficam fechadas durante toda a tarde, alguns livros estão expostos, porém constata-se que eles não são muito utilizados.

Em comparação com a *Vittone*, essa não é tão moderna, não possui a inserção de qualquer meio tecnológico como computadores ou projetores. Além disso, as paredes se encontram em um péssimo estado de conservação, com a pintura descascando e um grande trinco em cima da porta de entrada.

Constata-se que os alunos não se sentem confortáveis no lugar e, de acordo com um dos professores, a biblioteca não cumpria seu papel dentro da escola devido às precárias condições em que se encontrava. Assim sendo, a não utilização, não apropriação e não pertencimento do espaço de leitura por parte dos alunos são reflexos do descaso e da falta de importância atribuída a esse local dentro da escola.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A importância do Projeto de Extensão multidisciplinar *Formação do Mediador da Biblioteca Escolar* está atrelada não apenas com questão da reforma física do ambiente de leitura dentro da escola, mas também a um aspecto mais profundo, vinculado à influência que a estrutura escolar possui na vida do estudante, que engloba desde os diretores, professores e funcionários da escola até a estrutura física da biblioteca escolar.

Acreditar no potencial dos alunos e incentivá-los a serem indivíduos capacitados intelectualmente é um dos papéis fundamentais exercidos pelos educadores. Nesse contexto, a leitura é indispensável para a formação de ideias e opiniões, pois torna os alunos mais críticos e proporciona-lhes um olhar mais amplo em relação ao mundo.

As metodologias de ensino utilizadas na biblioteca escolar refletem a maneira como a leitura é ensinada para os alunos. Seja no Brasil ou na França, a biblioteca está atrelada ao papel de formação do

cidadão. As metodologias são variadas, porém é necessário selecionar as prioridades para atingir as expectativas e delimitar o cumprimento da escola na função de orientadora da leitura na construção do saber.

Nas duas escolas visitadas na França, foi notória a diferença metodológica aplicada em cada uma. A Biblioteca *Vittone* apresentou um planejamento voltado em torno da biblioteca, na qual vários projetos de leitura eram vinculados a esse ambiente dentro da escola.

A falta de incentivo, manutenção e de investimento na biblioteca da *École Jules Ferry*, permite-nos analisar e repensar os aspectos não priorizados pela instituição, ou seja, a função pedagógica da biblioteca que, ao perder a sua influência no aprendizado para a apropriação da leitura e da cultura, transforma-se num espaço relegado, ausente na formação de estudantes e da comunidade escolar.

Por outro lado, a escola *Vittone* só possui o ensino primário e cada turma possui um único professor, que, por manter o contato diário com os alunos cria-se uma forte ligação entre aluno e professor. Comparando-se à *École Vittone* ao IEEL, constatamos uma diferença considerável em relação ao público alvo, este conta com uma faixa etária muito mais abrangente de crianças a adolescentes. Por esse motivo, a importância da formação do mediador da leitura, bibliotecários e profissionais qualificados para desempenharem esse papel dentro da escola. O número de alunos, a faixa etária, assim como os horários de aula são alguns fatores decisivos para a escolha da metodologia de aplicação da biblioteca escolar.

Tanto no IEEL, através do acompanhamento proporcionado pelo Projeto de Extensão, como na *École Vittone* os diversos temas de ensino são abordados através de diferentes meios didáticos pelos professores, aflorando a percepção sensorial e espacial do aluno, contribuindo diretamente para seu desenvolvimento intelectual.

Nesse contexto, é possível despertar o interesse e a curiosidade dos alunos por meio da implantação de aparelhos mais modernos que auxiliam no ensino, em especial na biblioteca. Atualmente, a tecnologia exige cada vez mais um espaço junto ao ensino, assim, não deve ser deixada em segundo plano dentro da escola.

Na *Vittone*, os equipamentos tecnológicos são considerados utensílios básicos para as diversas maneiras de ensinar, seja por meio de documentários, filmes e/ou vídeos. Com essa variedade de recursos

a escola proporciona ao aluno uma aprendizagem mais dinâmica, divertida e espontânea. Assim, o aluno se identifica e se familiariza com a biblioteca e com as atividades inseridas no meio, os trabalhos serão prazerosos e a imagem da biblioteca torna-se positiva.

No IEEL, podemos observar, por meio de visitas que as salas de multimeios são separadas da Biblioteca e, na mesma, não havia suportes tecnológicos, pois era utilizada, naquela época, uma máquina de datilografar<sup>3</sup> para preencher as fichas de inscrição dos alunos para uso do acervo. Numa biblioteca escolar que apresenta o acervo desatualizado, a imagem criada pelos alunos normalmente está associada ao atraso, o que se contrapõe ao conceito de espaço que estimule a cultura, que proporcione o conhecimento aos indivíduos, veicule uma imagem positiva, para atrair os jovens leitores.

Os equipamentos aliados ao acervo podem proporcionar muito a uma biblioteca. Esta deve ser atualizada e estar de acordo com a nova geração de usuários. É necessário despertar o interesse do novo leitor para o universo infinito que pode existir dentro de uma biblioteca.

A biblioteca ao se modernizar, caminha lado a lado com a tecnologia, porém não se pode esquecer a importância da discussão em grupo, da troca de ideias, do contato visual, do tato nos livros e de outros sentidos a serem explorados no ambiente escolar. Esses aspectos são fundamentais dentro da escola, despertam sensações e emoções no aluno leitor que ainda se encontra no processo de descoberta do ambiente de leitura e da função dos livros para a vida, questões muito significativas que são desenvolvidas durante o ensino primário e perduram toda a vida.

Assim como a Extensão aliou diferentes áreas para estudo desse projeto, a biblioteca também permite o contato com diferentes pessoas da comunidade escolar. A Arquitetura nesse âmbito está ligada à transformação do espaço, troca de experiências e de saberes de diferentes áreas, ela complementa o ensino em sala e proporciona a procura de conhecimentos variados.

A biblioteca escolar tem o seu papel de orientação e direcionamento de aprendizagem na vida do aluno. Importa ressaltar

---

<sup>3</sup> A partir de 2016, a biblioteca do IEEL começou a contar com um computador e, portanto, iniciou o registro de seu acervo em arquivos. Mas ainda se utiliza a máquina de escrever em outras situações dentro da biblioteca.

que as escolas possuem metodologias de ensino diferentes, mas a leitura deve ser tratada com prioridade em projetos ou programas da própria escola.

A pesquisa e modernização dos equipamentos, como é possível observar na *École Vittone*, não possui o mesmo grau de importância na *École Jules Ferry*, as metodologias de ensino são diferentes. A vontade de trazer modernização aos equipamentos e utensílios utilizados pelo espaço de leitura também é importante e possui muita influência na questão na transformação do olhar do aluno para aquele espaço, normalmente relacionado com algo ruim, pelo ambiente não ser confortável e não possuir acervo de qualidade.

Quanto aos projetos de Arquitetura em relação ao espaço para biblioteca escolar, há aspectos relevantes a serem considerados, tais como a disposição, a forma e o material de determinada unidade. A biblioteca escolar deve ser pensada de acordo com o papel e/ou função que desempenha no conjunto escolar.

A importância e a hierarquia arquitetônica existente no espaço são evidenciadas por meio de distintos aspectos, tais como: diferenciação da fachada em relação aos outros ambientes da escola, boa sinalização, visibilidade e facilidade de acesso, estes atribuem caráter ao ambiente e auxiliam na criação de uma identidade própria.

Dessa maneira, a imagem da biblioteca escolar para o aluno será vinculada à identidade construída através do projeto arquitetônico, a organização e modo de funcionamento do espaço interferem diretamente nas ações e atitudes que o indivíduo pode apresentar quando inserido no espaço. O espaço, portanto, pode limitar os movimentos ou possibilitar a livre expressão, impulsionar até mesmo a permanência ou afastamento do usuário.

Portanto, a falta de incentivo e a precariedade na infraestrutura do espaço de leitura interferem na construção do saber dentro das instituições de ensino. É de extrema importância a implantação de uma educação que vise ao desenvolvimento do aluno juntamente com a habilidade de utilizar-se do mundo da leitura e políticas educacionais que valorizem o espaço da biblioteca, seja ela pública, escolar, virtual ou de outro caráter, auxiliará a formação integral do aluno, do cidadão.

## REFERÊNCIAS

CIMAISE Architectes. **Centre Commercial Centre Deux**. 2017.

Disponível em: <<http://www.cimaise-architectes.com/realisations/divers/constructions-historiques/centre-commercial-centre-deux/>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

CREATIVE Cities Network. Saint-Étienne. Disponível em:

<<http://en.unesco.org/creative-cities/saint-etienne>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

GOOGLE STREET VIEW. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

MARICATTO, Isabella Khauam. Acervo fotográfico do Projeto de Extensão “Formação do Mediador de Leitura”. 2016.

STÉ Saint-Etienne l’avenir ensemble. Disponível em:

<<http://www.sainteavenirensemble.fr/>>. Acesso em: 24 março 2017.

## Apêndice

### PROJETO EXECUTIVO

*Profª. Drª. Arquiteta: Teba Silva Yllana*

CAU – A21119-2

#### **Alunos extensionistas do Curso de Arquitetura da UEL**

Ana Carolina Zamataro

Ana Luísa Veneziano

Camila Buono Pacheco

Felipe Martins Menck

Giovana Luppi Pezarini Ribeiro

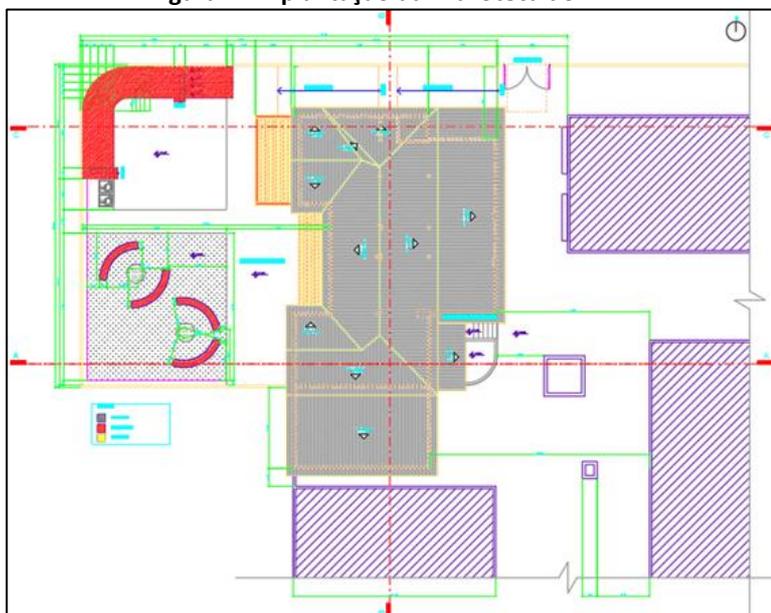
Giovana Takahashi de Oliveira

Guilherme Massahiro Rodrigues

Isabella Khauam Maricatto

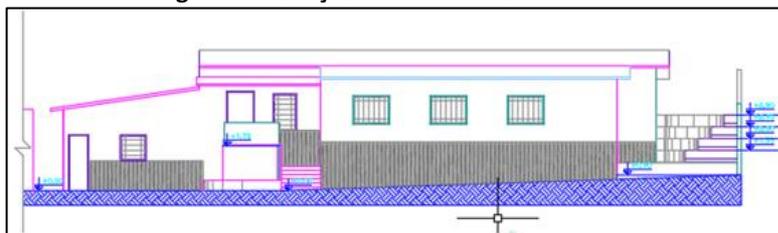
Paulo Eduardo D. Hamazaky

**Figura 1: Implantação da Biblioteca do IEEL.**



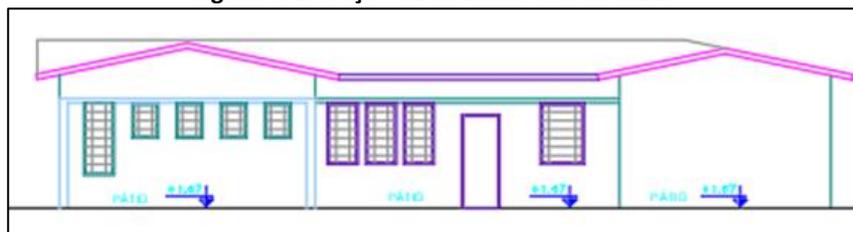
Fonte: Prancha 1/3 do projeto executivo de 02/09/2014.

**Figura 2: Elevação 01 da Biblioteca do IEEL.**



Fonte: Prancha 1/3 do projeto executivo de 02/09/2014.

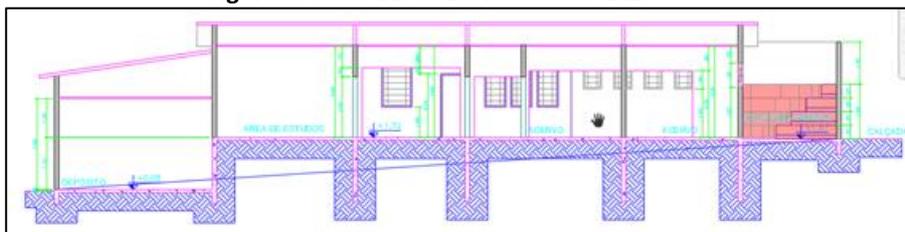
**Figura 3: Elevação 02 da Biblioteca do IEEL.**



Fonte: Prancha 1/3 do projeto executivo de 02/09/2014.

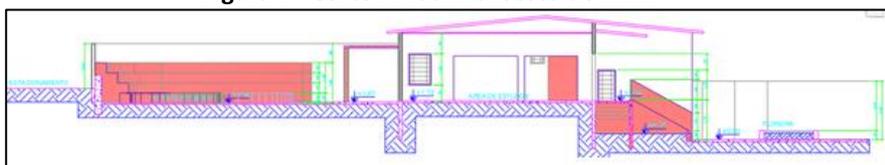


Figura 6: Corte BB da Biblioteca do IEEL.



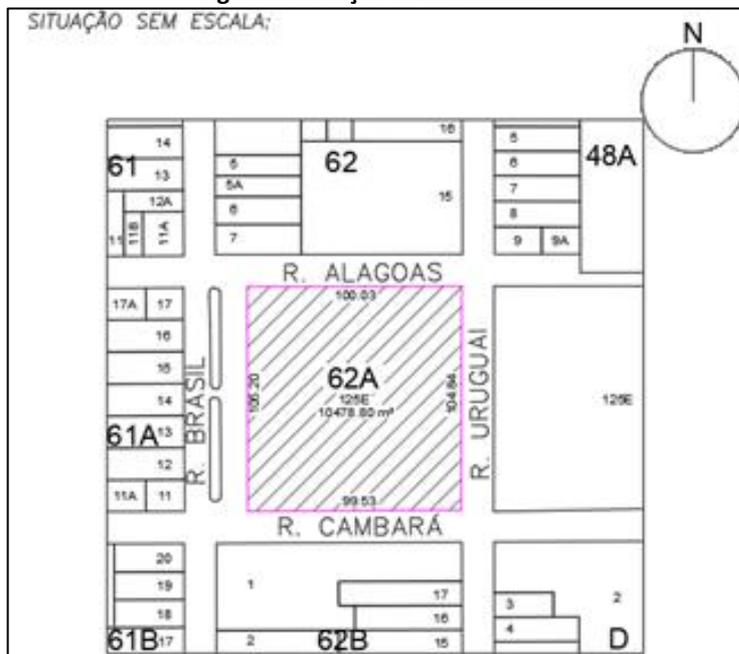
Fonte: Prancha 2/3 do projeto executivo de 02/09/2014.

Figura 7 - Corte AA da Biblioteca do IEEL.



Fonte: Prancha 3/3 do projeto executivo de 02/09/2014.

Figura 8: Relação IEEL X BAIRRO.



Fonte: Carimbo do projeto executivo de 02/09/2014.

Figura 9: Layout da Biblioteca do IEEL.



Fonte: Prancha 3/3 do projeto executivo de 02/09/2014.



## Sobre os Autores

### **Adrielly Rocateli**

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. Graduada em Pedagogia pela UEL. Participação no *Projeto de Pesquisa Biblioteca no ensino fundamental de escolas públicas de Londrina: mediação pedagógica da leitura e informação* e bolsista do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: adri.rocateli@gmail.com

### **Ana Carolina Saraiva Zamataro**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo da UEL. Foi colaboradora e bolsista do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: anazamataro@hotmail.com

### **Andréa Haddad Barbosa**

Doutora em Educação pela Unesp/Marília, mestre em Educação pela UEL. Graduada em Ciências Sociais pelo Cesulon e Pedagogia pelo Centro Universitário Filadélfia. Professora no Curso de Pedagogia da UEL. Colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: andrea.hbarbosa@hotmail.com

### **Andreza Alves de Oliveira**

Mestre em Ciência da Informação, graduada em Biblioteconomia pela UEL. Possui experiência na automação de bibliotecas (escolares, universitárias e especializadas) e em processos de preservação e conservação de documentos, bancos de imagens e direitos autorais. Atualmente é bibliotecária na UNIFAMMA (Faculdade Metropolitana de Maringá). Email: andrezaalvez@hotmail.com

### **Dagoberto Buim Arena**

Livre-docente pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente é professor Adjunto do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em Marília.

E-mail: dagoberto.arena@unesp.br

**Edméia Maria de Lima**

Mestranda em Educação. Graduação em Pedagogia e Ciências Sociais pela UEL, com Especialização em Metodologia da Ação Docente e experiência na área de Sociologia. Colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Professora de Ballet Clássico (Fundação Cultura Artística de Londrina – FUNCART). E-mail: edmeialima6@gmail.com

**Felipe Martins Menck**

Graduado em Arquitetura e Urbanismo da UEL. Foi colaborador do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação* entre agosto de 2013 e julho de 2017, sendo bolsista desse Projeto entre agosto de 2014 e julho de 2016. Email: felipemenck@gmail.com

**Giovana Luppi Pezarini Ribeiro**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo da UEL. Foi colaboradora e bolsista do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: giovana.pezarini@gmail.com

**Giovana Takahashi de Oliveira**

Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da UEL. Foi colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação* entre agosto de 2013 e julho de 2016, sendo bolsista do mesmo projeto entre agosto de 2014 e julho de 2016, sendo bolsista do mesmo entre agosto de 2014 e julho de 2016. Email: oli.giovanatahashi@gmail.com

**Greice Ferreira da Silva**

Doutora e mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela UNESP/Marília. Professora do Departamento de Educação da UEL. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa *Leitura, Biblioteca Escolar e Mediação Pedagógica* nessa universidade e colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*  
Email: greice@uel.br

### **Isabella Khauam Maricatto**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UEL, realizou intercâmbio na École Nationale Supérieure d'Architecture de Saint-Étienne, ENSASE- França, pelo Programa Ciências Sem Fronteiras. Foi estagiária na SeMA/Londrina, participante do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação* e bolsista do Projeto de Extensão "Apoio à Análise de Estudo de Impacto de Vizinhança - EIV". Email: isa\_maricatto@hotmail.com

### **Katia Silva Bufalo**

Mestre em Educação pela UEL. Integrante do *Grupo de pesquisa: Estado, políticas públicas e gestão da educação* da UEL. Atua na Educação Básica como professora e pedagoga da Secretaria de Estado da Educação do Paraná/SEED. Colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: ksbufalo@hotmail.com

### **Rovilson José da Silva**

Pós-doutor em Ciência da Informação (Unesp-Marília), Doutor em Educação (Unesp-Marília/Universidade Autônoma de Barcelona/Espanha). Mestre e graduado em Letras UEL. Professor do Departamento de Educação/UEL. Coordenador do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: rovilson@uel.br

### **Rúbia Renata das Neves Gonzaga**

Doutoranda em Educação na UEL, graduada em Pedagogia pela UEL. É professora da Rede de Ensino da Prefeitura Municipal de Londrina. Professora do Departamento de Educação da UEL e colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação*. Email: rubia.r@sercomtel.com.br

### **Sueli Bortolin**

Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Unesp/Marília, graduada em Biblioteconomia pela UEL. Professora do curso de Biblioteconomia da UEL. Colaboradora do Projeto de extensão

*Formação do mediador de leitura da rede pública de educação.* Email: bortolin@uel.br

**Teba Silva Yllana**

Doutora pela FAU/UFRJ, arquiteta, artista plástica, professora do curso de Arquitetura na UEL. Colaboradora do Projeto de extensão *Formação do mediador de leitura da rede pública de educação.* Email: teba@uel.br





A temática enfrentada nesta obra insiste em permanecer nos estudos e nas militâncias dos que veem as bibliotecas escolares como alavancas do desenvolvimento do homem e da humanidade, porque a matriz de sua razão de ser resta latente em não espaços ou em espaços estragados pelas rachaduras, ocupados por objetos estranhos às prateleiras, devorados pela expansão de salas de aulas, ou desprezados, gota a gota em sua história, por gestores, professores e alunos. As mesmas velhas, surradas, gastas e desalentadas indagações teimam em ser feitas desde o início de políticas governamentais de distribuição de livros de literatura, acompanhadas de vinhetas na mídia: onde estão os espaços para livros e leitores nas escolas? Como estão os espaços já existentes para o encontro entre escritores e leitores por meio das obras de arte da literatura? Onde se encontram e quem são os mediadores promotores desses encontros?

Dagoberto Buim Arena

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-98291-17-8



9 788598 291178

